

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

Estados primitivos em Creta
A administração neopalacial e as unidades sócio-políticas minóicas

Paulo de Castro Marcondes Machado

São Paulo

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE ARQUEOLOGIA CLÁSSICA

Estados primitivos em Creta

A administração neopalacial e as unidades sócio-políticas minóicas

Paulo de Castro Marcondes Machado

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia Clássica, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Arqueologia.

Linha de Pesquisa: 5 - Espaço e organização social

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elaine Farias Veloso Hirata

São Paulo

2009

Agradecimentos

O árduo processo de amadurecimento deste trabalho não teria sido possível sem o apoio de minha esposa, Fernanda – sem seu companheirismo, carinho e o exemplo de seu forte senso de realidade, teria sido fácil perder o rumo. Devo muito também a meu pai, que apesar de não ter qualquer senso de realidade, não permitiu que eu desanimasse sobre o caminho escolhido. Minha orientadora, Elaine, atingiu novo nível de proximidade ao Nirvana – obrigado pela paciência e confiança, professora, espero um dia poder retribuir! Aos meus companheiros do núcleo audiovisual do Labeca, especialmente ao Silvio, por todas as conversas; um grande abraço! Um agradecimento especial para a professora Bia, que me meteu tanto medo na qualificação que me fez repensar vários rumos da pesquisa. Agradeço também à CAPES, que tornou possível este trabalho através de seu financiamento. Devo muito também ao auxílio e paciência do pessoal da secretaria acadêmica, muito obrigado.

Á minha avó, que ainda está com as velas acesas

Resumo

A civilização minóica da Creta da Idade do Bronze foi uma das poucas civilizações europeias a organizar a sociedade através de um sistema palacial. Os estudos sobre a formação dos estados minóicos devem analisar em profundidade o sistema administrativo palacial e as mudanças no mesmo ao longo de seus seis séculos de funcionamento – neste trabalho pretende-se analisar a evolução da complexidade das unidades sócio-políticas minóicas através da análise de suas formas administrativas. A definição de categorias de sítios administrativos – pela análise funcional dos vestígios arquiteturais e dos achados arqueológicos dos mesmos – e o estudo dos padrões hierárquicos entre os diversos sítios, serão o cerne do trabalho. O uso de metodologias apropriadas para a análise de processos de mudança e formação de instituições político-administrativas, como a Teoria de Sistemas e os conceitos de peer polity interaction de Colin Renfrew, serão as ferramentas básicas deste projeto. Esse trabalho é um desdobramento de pesquisa desenvolvida em Mestrado realizado no MAE/USP sobre as interações entre os estados primitivos de Creta e as práticas de culto minóicas.

Palavras-chave: Creta, civilização minóica, estados primitivos

Abstract

The Minoan Civilization of the Bronze Age Crete was one of the few European civilizations that organized its society through a palatial system. The studies about the development of the Minoan States must analyse thoroughly the administrative palatial system and the changes that have occurred on it during its six centuries of functioning. In this thesis we intend to analyse the complexity evolution of the Minoan polities through the analysis of its administrative configurations. The definition of administrative sites - through the function analysis of the architectural vestiges and of its archaeological discoveries - and the study of the hierarchic patterns among the sites, will be the main point of this research. The use of useful methodologies for the analysis of early state formation and culture change, like systems theory and the concepts of peer polity interaction, will be the basis tools of this project. This research follows research developed in the mastership done in MAE/USP about the interaction between the early states of Crete and the Minoan ritual practices.

Key Words: Crete, Minoan civilization, early state formation, peer polity interaction.

Sumário

Resumo	04
Abstract	05
Índice	08
Introdução	9
Parte I: Apresentação do tema	11
Parte II: Questões metodológicas e conceitos para a análise de processos de mudança	31
Capítulo I: Cronologia Minóica	39
Parte I: Cronologia protopalacial	39
Parte II: Cronologia e a evolução do sistema administrativo neopalacial	43
Tabela Cronológica	46
Capítulo II: Administração palacial minóica, aspectos e pressupostos	47
Parte I: Paralelos administrativos, tabletes, escritas e selos	47
Parte II: Redes de Troca e a Inserção dos Estados Minóicos no Mediterrâneo	50
Capítulo III: O Espaço dos Estados – reconstruindo <i>polities</i> minóicas	68
Parte I: Direcionamento e Foco Territorial	68
Parte II: Mália	72

	7
Parte III: Gournia	77
Parte IV: Petras	79
Capítulo IV: Catálogo	83
Pranchas de Imagens	88
Capítulo V: Conclusão	102
Bibliografia	107
Anexo: Os Selos Minóicos – catálogo demonstrativo	122

Índice

I. Introdução	09
II. Capítulo I	39
III. Capítulo II	47
IV. Capítulo III	68
V. Capítulo IV	83
VI. Capítulo V	102
VII. Bibliografia	107

Introdução - Resumo do Projeto

O objetivo básico desta pesquisa é a definição de categorias precisas de sítios administrativos através de estudos das funções de diversos dos principais destes sítios, partindo tanto da análise arquitetural quanto dos tipos de achados encontrados. A partir da elaboração dessa tipologia de sítios administrativos pretende-se estudar as relações entre cada um dos níveis da administração minóica para que possa ser criado um quadro mais completo e preciso da administração palacial e de mudanças na mesma nos diversos períodos da Idade do Bronze cretense. Também se pretende estabelecer possíveis conexões político-territoriais entre os sítios estudados para que possa ser realizada a construção de mapas territoriais das unidades sócio-políticas minóicas (USPs). O doutorado dá continuidade a série de pesquisas sobre a civilização palacial cretense iniciadas durante Iniciação Científica e aprofundadas em Mestrado, ambos pelo MAE/USP.

O desenvolvimento dessa pesquisa ocorre por meio de várias abordagens distintas e complementares, mas o cerne deste projeto é a análise dos sítios de caráter administrativo do período Neopalacial minóico classificados como “vilas” rurais – uma categoria fluida e ainda não bem estabelecida de sítios minóicos, aparentemente peças fundamentais no sistema administrativo neopalacial, com possíveis elos remotos no período pré-palacial e curiosamente ausentes no período intermediário entre estes, o proto-palacial. As vilas minóicas podem iluminar características fundamentais da administração palacial de ambos

os períodos – proto-palacial e neopalacial – inclusive pelo contraste que evidenciam entre a complexidade da hierarquia de sítios nas duas grandes fases minóicas.

Apresentação do Tema

Neste projeto propõem-se um trabalho de análise do sistema administrativo dos palácios da Creta minóica. Nosso objetivo básico é a definição de categorias precisas de sítios administrativos através de estudos das funções de cada um dos principais destes sítios, partindo tanto da análise arquitetural quanto dos tipos de achados encontrados. A partir da elaboração dessa tipologia de sítios administrativos pretendemos estudar as relações entre cada um dos níveis da administração minóica para que possa ser criado um quadro mais completo e preciso da administração palacial e de mudanças na mesma nos diversos períodos da Idade do Bronze cretense. Também se pretende estabelecer possíveis conexões político-territoriais entre os sítios estudados para que possa ser realizada a construção de mapas territoriais das *polities* de Creta, as “unidades sócio-políticas” minóicas (USPs). A realização dessa pesquisa se dará por meio de várias abordagens distintas e complementares, mas o cerne do projeto é a análise dos sítios de caráter administrativo do período Neopalacial¹ minóico classificados como “vilas” rurais – uma categoria fluida e ainda não bem estabelecida de sítios minóicos, aparentemente peças fundamentais no sistema administrativo neopalacial e curiosamente ausentes no período palacial anterior, o Proto-palacial.

¹ Para maiores detalhes sobre a cronologia minóica, veja discussão sobre o tema mais à frente e a Tabela cronológica anexada.

Os Santuários de Pico minóicos: interações entre estados primitivos e práticas de culto em Creta.

Este projeto é fruto de desdobramentos de pesquisas iniciadas já durante Iniciação Científica desenvolvida no MAE/USP² e continuadas durante Mestrado³ também pelo MAE/USP. Durante a Iniciação Científica foram estudadas as práticas de culto em Santuários de Pico minóicos, com foco nos estudos das formas e usos das estatuetas votivas encontradas nestes santuários. Com os aprofundamentos das pesquisas, ainda durante Iniciação Científica, percebeu-se a necessidade de maiores estudos em ponto focal e pouco entendido do desenvolvimento das práticas de culto nos santuários de pico: a aparente relação que estes passam a ter com os centros palaciais na mudança do período proto-palacial para o neopalacial. Para aprofundar tais pesquisas o Mestrado “Os Santuários de Pico Minóicos: interações entre estados primitivos e práticas de culto em Creta” desenvolveu justamente este tema. O foco do Mestrado foi a análise de mudanças perceptíveis nas práticas de culto minóicas durante período de mudanças no sistema palacial e a definição de possíveis relações de interação desses dois processos de mudança da civilização de Creta. Uma análise dos dados dos Santuários de Pico mostrou que estes são condizentes com a hipótese, estudada no Mestrado, de que os santuários de pico surgiram no período proto-palacial como locais de culto de caráter local e rural, utilizados

² Iniciação Científica “Estatuetas Votivas e Espaços Sagrados em sítios de Creta Minóica”, desenvolvida no MAE/USP entre 1997 e 1999, financiada pelo PIBIC-CNPq USP. Os resultados foram apresentados na 5ª Jornada de Iniciação Científica durante a 50ª Reunião Anual da SBPC e nos 5º, 6º e 7º Simpósios de Iniciação Científica da USP, com recebimento de duas “Menções Honrosas”.

³ Mestrado “Os Santuários de Pico Minóicos: interações entre estados primitivos e práticas de culto em Creta”, defendido em 29/08/2003, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP.

principalmente pela população de pastores da região, mas que passaram a ser centros de exercício de poder ideológico das elites palaciais no período neopalacial.

O interesse da pesquisa de Mestrado nos centros administrativos minóicos, entretanto, foi apenas o de criar um quadro minimamente compreensivo do sistema administrativo minóico para permitir a análise dos possíveis elos de ligação entre as práticas de culto nos santuários de pico e os estados primitivos de Creta. Dessa forma, o foco de análise destes sítios administrativos foi bastante específico – tais sítios foram analisados apenas de forma preliminar.

Percebeu-se a necessidade premente, portanto, de dar

continuidade aos estudos sobre a civilização minóica desenvolvendo pesquisa em Doutorado centrada na administração palacial e nas várias formas que esta assumiu nos diversos períodos da História cretense do Bronze. Um estudo aprofundado deste tema poderá lançar luz a aspectos fundamentais dessa civilização singular, nos auxiliar a entender suas formas de adaptação a mudanças e os processos de aumento de complexidade em sociedades humanas como um todo.

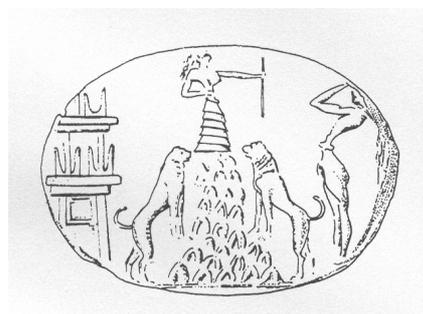


Figura 1. Selo de impressão, Cnossos. Divindade feminina em santuário de pico é adorada. Possível cerimônia de investidura de poder? (Rutkowski, 1986: 87).

Objetivos

Com base em pesquisa iniciada durante mestrado desenvolvido no MAE/USP, pretendemos analisar a administração palacial minóica e as mudanças na mesma ao longo de seus seis séculos de existência – pretendemos lançar nova luz nos processos que levaram a tais mudanças e estabelecer um quadro mais claro do funcionamento do sistema palacial, ainda muito pouco entendido. Com base em alguns dados já coletados e em novos dados encontrados em bibliografia plenamente disponível, e tendo como ferramenta metodologias úteis para a análise de processos de mudança e aumento de complexidade em sociedades humanas, se tentará entender o mapa hierárquico dos sítios administrativos de Creta.

Economia e Paisagem em Creta na Idade do bronze

A ilha de Creta possui um relevo muito acidentado, com poucas planícies de grande extensão e muitas montanhas. Ao sul as montanhas dominam a paisagem, as formações montanhosas chegando até o mar. As Montanhas Brancas ao oeste, entretanto, são ainda mais espetaculares, quase inacessíveis. Na parte oriental e central de Creta o relevo é um pouco mais suave, com algumas planícies famosas, na Antiguidade, pela produção pastoril e pelas oliveiras e videiras. As praias do norte e do leste são bem protegidas e formam excelentes portos. Creta sempre foi muito pobre em recursos minerais, o que pode até ter sido positivo para o desenvolvimento da civilização minóica, uma vez que contribuiu para forçar a formação de uma grande rede de comércio marítimo. As atividades econômicas principais em Creta foram, desde o Bronze até os tempos modernos, o pastoreio de cabras e

ovelhas nas montanhas e nas poucas planícies e a produção de azeite e vinho. Além do azeite e do vinho, a lã e a cerâmica eram os principais produtos de exportação minóicos.

O sistema palacial minóico

Ainda não se conseguiu determinar com precisão a natureza do sistema de governo secular em Creta minóica – monarquia guerreira, democracia primitiva, teocracia? A análise do sistema de governo minóico – e de mudanças no mesmo ao longo do tempo – esbarra em dois fatores: 1) as escritas minóicas hieroglífica e Linear A não foram decifradas; 2) parece existir uma completa ausência de ambições políticas pessoais na civilização minóica. Dessa forma, não temos as listas de reis da Mesopotâmia, os túmulos monumentais do Egito, os *tholoi* micênicos ou as estátuas e estelas comemorativas de eventos políticos. Por outro lado, podemos entender, através da Arqueologia, qual o papel dos palácios nas atividades econômicas, sociais e culturais do mundo minóico. Os palácios minóicos, assim como os templos da Suméria pré-monárquica, centralizavam muito de todas as áreas de atividade da sociedade minóica. Os palácios administravam a economia de toda a ilha, provavelmente tendo nas vilas rurais sedes de governo regional (ver a seguir mais detalhes). Armazenavam e distribuíaam grãos e outros diversos materiais, organizando a vida material da sociedade. Também eram centros produtores, além de organizadores e armazenadores: é no palácio que se encontravam os artesãos especializados, por exemplo. Possivelmente, a exemplo do Egito, os palácios regiam todo o comércio internacional. Também eram centros irradiadores e produtores de cultura – as mais finas obras de arte e objetos religiosos eram produzidas nos palácios. A cultura dos palácios, (a “cultura das elites”), foi irradiada para todo o mundo Egeu, servindo de inspiração para as elites locais



Figura 2. Silos de Armazenamento em Mália (Cotterell, 1980: 89).

se desenvolverem. O papel religioso dos palácios ainda não foi completamente entendido. Sabe-se que existiam pequenos santuários dentro dos palácios, além das bacias lustrais com possível caráter religioso. Os pátios centrais dos palácios talvez fossem utilizados para festivais religiosos, dos quais faziam parte os jogos minóicos, como o salto sobre touros. Mas qual o verdadeiro papel religioso dos palácios nós ainda não sabemos – a iconografia palacial, notadamente os afrescos que enfeitavam os palácios, representam, em grande parte, cenas religiosas, o que pode indicar o grau de relação entre os palácios e a religião. Devemos ter em mente que o sistema palacial minóico existiu por cerca de seis séculos, sendo incorreto, portanto, entendê-lo como estático e imutável.

A análise do surgimento do sistema palacial em Creta deve se dar a partir de duas abordagens distintas. Em primeiro lugar, deve-se realizar uma análise descritiva para entender os estágios do surgimento dos palácios; depois, deve-se realizar uma análise

explanatória das causas deste surgimento. Três tendências sociais podem ser discernidas no período pré-palacial (cerca de 3000 a 1900 a.C.) (Warren, 1987: 47 – 56): o desenvolvimento do conceito de território, uma ênfase na vida comunal e a evolução da família nuclear. No período seguinte, o proto-palacial, existe, para Warren, um forte desenvolvimento social provocado pela emergência da família como uma unidade social mais forte e distinta do restante da comunidade, vivendo em grandes casas em muitos sítios e erigindo construções monumentais em Cnossos, Festos e Mália. O fato do desenvolvimento de níveis hierárquicos numa sociedade limitar os conflitos entre seus membros poderia explicar o sucesso desse desenvolvimento social; a ritualização constante, característica da sociedade minóica que pode ter surgido junto a este desenvolvimento social, também é eficiente no redirecionamento da agressividade do grupo e pode ter auxiliado na aceitação desta evolução social.

A administração palacial envolveu o uso da escrita, (na realidade, pelo menos dois sistemas distintos de escrita, a Hieroglífica e a Linear A, ambas não decifradas) e de selos, utilizados para regular os estoques e registrar transações. Até o momento, três palácios foram identificados seguramente para o período proto-palacial (cerca de 1900 a 1700 a.C.), Cnossos, Mália e Festos. Todos estes palácios utilizavam escrita e selos na administração, mas a forma dos mesmos ainda não estava padronizada. Os palácios também participavam na produção e troca de itens de prestígio e como centros redistributivos dentro de seus territórios, com enorme capacidade de armazenamento. Durante este período eles parecem ter atuado como os únicos centros administrativos e redistributivos da ilha. Os três palácios parecem ter controlado toda a parte central de Creta – a situação nas extremidades oriental e ocidental da ilha não é bem compreendida, uma vez que não se conhece o *status* político

de sítios como Palaikastro, Cato Zakro e Cânia durante o proto-palacial, mas é provável que outros centros palaciais possam ser discernidos com uma análise exaustiva dos dados em alguns destes e de outros sítios.

A situação no período subsequente, o neopalacial (cerca de 1700 a 1450 a.C.), é bastante complexa. Os antigos palácios reconstruídos e o novo palácio em Cato Zakro

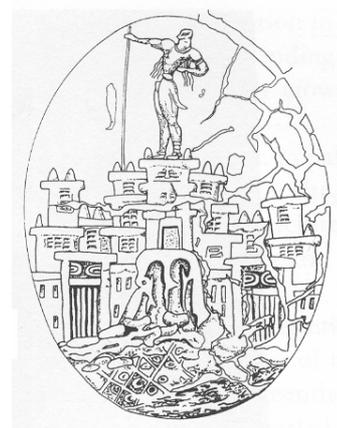


Figura 3. Selo de Cânia que sugere a existência de palácio no sítio (Preziosi, 1999: 97).

parecem ter tido sua capacidade de armazenamento de alimentos extremamente reduzida. Por outro lado, pelo menos em Cnossos, houve a criação de centros de armazenamento de itens de valor e um grande aumento da produção de artesanato especializado nos palácios. Neste período aparece um grande número de sítios rurais, denominados de vilas ou casas de campo, muito semelhantes aos palácios em termos arquitetônicos, mas, obviamente, numa escala muito reduzida. O mais significativo é que esses palácios em microcosmo possuíam uma considerável área de armazenamento; também foram encontradas tabuletas de Linear A e selos de impressão nesses sítios, elementos ligados à administração palacial. Dessa forma, surge uma hierarquia de sítios muito mais complexa que a do período anterior; sítios importantes, como Gournia, Gálatas, Petras e outros também apresentam construções de tipo palacial. Um segundo nível hierárquico seria composto pelas vilas, como Sklavokampos e Myrtos Pyrgos. A existência de centros de armazenagem nesses sítios hierarquicamente inferiores aos palácios parece sugerir que os palácios já não agiam como centros redistribuidores, mas apenas como mobilizadores de recursos para consumo próprio.

As Vilas Minóicas: Algumas Considerações

As vilas minóicas são construções de grande riqueza e tamanho para os padrões minóicos. Normalmente estão situadas em locais perto de fontes d'água e em elevações, de onde se podia ter uma boa visão dos territórios ligados à vila. Algumas se encontram isoladas no campo aberto, mas a maioria é encontrada em cidades ou aldeias. Apesar de serem muito menores e não possuírem o característico pátio interno, as vilas parecem ter cumprido papel semelhante ao dos palácios de Creta – a maioria apresenta áreas destinadas à estocagem de alimentos e utensílios, oficinas e áreas destinadas ao uso ritual. Achados de tabuletas inscritas em Linear A e selos de impressão também as aproxima dos palácios: administração, religião e produção são marcas de ambos. Muitas características arquitetônicas palaciais também são encontradas nas vilas, como bacias lustrais e criptas de pilares. Todas as vilas encontradas até o momento foram construídas no período Neopalacial, apesar de alguns autores sustentarem a existência de vilas mais antigas.

Sinclair Hood (Hood, 1997) realiza um trabalho de análise das vilas e grandes casas urbanas minóicas na tentativa de estabelecer o papel das mesmas e a importância religiosa que possuíram. O autor analisa grandes construções urbanas em Cnossos e outras cidades, além das vilas rurais minóicas. O objetivo do autor é demonstrar que grandes áreas de tais construções, assim como dos palácios, possuíam caráter religioso, e entender as causas desse fenômeno estranho a outras civilizações contemporâneas aos minóicos. As grandes vilas urbanas escavadas em Cnossos possuíam vastas áreas destinadas, segundo Hood, a práticas religiosas, como as Criptas de Pilares e Bacias Lustrais, que são as áreas de culto

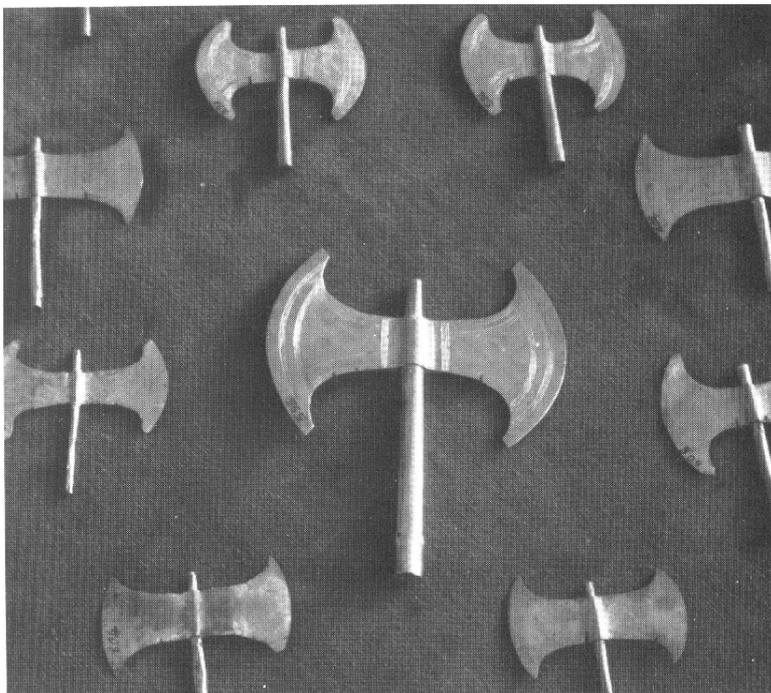


Figura 4. Parte de Tesouro de Machados Duplos de Ouro de Archanes (Cotterell 1980 127).

identificadas com maior frequência. Existem algumas evidências de que no segundo andar de tais construções, acima das criptas de pilares, em muitos ou todos os casos poderiam ser encontrados santuários. Em algumas das vilas de Cnossos também estão presentes salas de armazenamento de objetos de

culto e áreas de caráter ritual indicado por achados de artefatos ligados ao culto, como os “copos cônicos” (encontrados com o fundo para cima). A “Casa dos Afrescos” e a “Casa do Sumo Sacerdote” não seguem exatamente esse padrão. Não foram encontradas salas de Criptas de Pilares ou bacias lustrais nesses casos, mas existem evidências de áreas de caráter religioso em ambas as casas. Na primeira, afrescos e artefatos de culto devem indicar a existência de um santuário. Na “Casa do Sumo Sacerdote” há um aposento com bancadas nas paredes laterais; noutro aposento há um altar e um dreno. Nas cidades de Gournia, Pseira e Palaikastro, escavadas de maneira mais sistemática que Cnossos, há a evidência de um santuário público de pequena dimensão. Também existem Criptas de Pilares e bacias lustrais em vilas de cada uma das cidades, seguindo um padrão semelhante ao de Cnossos, mas em menor escala. Nas vilas rurais (fora das grandes cidades), como Sklavokampos e Vathypetro, há evidências de depósitos de oferendas votivas, santuários

com bancadas e até mesmo santuário com a “fachada tripartida”. Hood acredita que as vilas foram os locais de habitação de famílias que detinham alguma forma de poder clerical, daí a grande importância atestada pelo autor de áreas destinadas ao culto nessas construções. Hood vai mais longe, propondo que a civilização minóica se assemelha a civilizações sem poder administrativo-político central, nas quais famílias imbuídas de poder clerical ou “mágico” detinham poder e *status* dentro das comunidades

Para o autor (Hood, 1983) a sociedade minóica teria evoluído baseada em clãs – a organização política, durante o minóico médio e períodos anteriores, seria fundamentada em uniões de clãs que representariam pequenos estados independentes espalhados por Creta. O quadro no minóico recente I A (no neopalacial) seria diferente desse esboçado para períodos anteriores. Em cada um desses pequenos estados, fruto da união de clãs, teria emergido uma família líder com poder político de controle sobre a região. Seria perceptível uma grande concentração de riqueza nas mãos das famílias líderes: esse desdobramento poderia ser identificado pelo surgimento das Vilas (ou mini-palácios) durante o MR IA.

Existem evidências, porém, de uma centralização de poder em torno do palácio de Cnossos durante o MR I – o palácio atinge seu máximo de tamanho e esplendor e selos administrativos de provável origem cnosiana são encontrados por grande parte da ilha. Para Hood isso indicaria um possível controle de Cnossos sobre toda Creta, ou grande parte dela. O autor propõe que as vilas seriam, portanto, locais de residência e poder de chefes locais *dependentes* de Cnossos, ou mesmo centros locais de residência de um governante central do palácio. As vilas desassociadas de povoamentos seriam, ainda na visão de Hood, residências ocasionais de nobres dos palácios e das vilas “urbanas”. Todas, ou a grande maioria, das vilas minóicas foram destruídas durante as destruições que marcam o final do MR I (c. 1450 a.C.) – não existem evidências fortes de reutilização ou reconstrução das

mesmas no período posterior. Possivelmente a chegada dos micênicos na ilha após 1450 desestruturou a rede de poder e administração dos minóicos.

Questões Sobre o Surgimento – instituições antigas ou novas?

Niemeier (1997: 15-18) sustenta que as vilas minóicas tiveram sua gênese funcional, senão arquitetônica, entre o final do período pré-palacial e o início do proto-palacial. Os alicerces de seu modelo são os sítios de Monastiraki, Apodhoulou, Myrtos-Pyrgos, Ayia Triada, a casa “Oval” de Chamaizi e a construção fortificada de Ayia Fotia, que seriam precursores das vilas “rurais” do neopalacial, e a construção A da Quadra Mu, que seria semelhante em funções às vilas urbanas ou suburbanas posteriores. De fato alguns desses sítios, como Monastiraki, apresentam características funcionais semelhantes às que encontramos em vilas neopalaciais, como áreas de estocagem, locais de culto e oficinas, e até mesmo temos achados de selos de impressão. Não existem, entretanto, paralelos arquiteturais consistentes com as vilas neopalaciais, e os estudos já realizados sobre tais supostos precursores são muito escassos, o que permite uma gama enorme de interpretações de suas funções, mas muito poucas certezas. Mais grave é a falta de continuidade desses sítios: não temos dados confirmados ainda de uma vila em contínua atividade durante os vários períodos palaciais minóicos, o que coloca em cheque a idéia de continuidade. A maioria desses sítios parece existir apenas no período pré-palacial, sem continuar em atividade durante o proto-palacial.

Outra fragilidade do modelo de Niemeier (e de Hood, em alguns momentos) é a noção das vilas como centros de poder de chefes regionais, e não como sítios administrativos de segunda ordem. Com base em paralelos do continente, o autor sustenta

que os sítios classificados por ele como vilas precursoras seriam centros de poder de chefes locais, como vilas feudais. É difícil, entretanto, encaixar tal modelo com a formação dos estados palaciais minóicos, e entender a sustentação no poder de chefes feudais desde o final do período pré-palacial até o final do neopalacial. Parece prudente a postura, portanto, de entender as vilas minóicas como um fenômeno administrativo palacial do período neopalacial. Por outro lado, Saflund (Saflund, 1980: 189-208) também defende a continuidade de povoados (como Pyrgos) desde o minóico antigo ao recente, que teriam mantido sempre um papel de centros econômicos e religiosos. Dado o grande número de achados de possível caráter religioso, a autora acredita que alguns sítios classificados como vilas deveriam, na realidade, ser considerados complexos cerimoniais.

Já MacGillivray (1997: 21-23) tenta explicar o lapso aparente entre supostos precursores das vilas neopalaciais do período pré-palacial e as vilas atestadas do neopalacial. Para o autor, o período proto-palacial foi conturbado por ações militares de Cnossos, que visaria o domínio completo de Creta – num ambiente de guerras e insegurança, as vilas rurais teriam se tornado por demais inseguras como moradias e centros administrativos, só voltando a surgir na paisagem cretense com a estabilidade que teria sido imposta no neopalacial. O autor sustenta suas teses associando o desaparecimento dos sítios rurais semelhantes às vilas do pré-palacial com o surgimento no proto-palacial de construções interpretadas pelo autor como defensivas (ou militares). A construção de muralhas em Cnossos, Mália, Palaikastro, Myrtos-Pyrgos e Cato Zakro e a elaboração de uma rede de estradas ligando centros administrativos a postos de vigia e fortes (segundo interpretação do autor), substituí as assim chamadas vilas pré-palaciais na paisagem do proto-palacial. Há uma associação para o autor, portanto, do surgimento dos primeiros palácios com uma escalada de conflitos e tensões em Creta, e a subsequente evacuação das

vilas rurais. MacGillivray sustenta, ainda, que as construções que ele acredita terem caráter militar do proto-palacial teriam sido construídas por um único poder, Cnossos – essa tese seria sustentada, para o autor, pela padronização dos artefatos, sistemas de escrita e pelo surgimento de uma religião estatal centrada no culto a um deus guerreiro, cujos centros rituais seriam os santuários de pico minóicos. A expansão imperialista de Cnossos marcaria, portanto, o proto-palacial, e teria contribuído para a instabilidade da ilha, somente pacificada pela “*pax cnossiana*” no neopalacial. Alguns dos dados que possuímos indicam, entretanto, a persistência do regionalismo de práticas cerâmicas e pouca padronização das escritas do proto-palacial, o que afastaria a idéia de uma era de conquistas e domínio pela força por parte de Cnossos – a idéia de um Deus guerreiro cultuado nos santuários de pico também não é condizente com os achados no mesmo.

Tipologias e Função

Betancourt tenta estabelecer tipologias funcionais para as vilas, amparado pela posição geográfica das mesmas (Betancourt, 1997: 91 e 92). O autor chega a três tipos básicos: 1) as “Vilas Rurais”, isoladas no campo; 2) as “Vilas Senhoriais”, que dominariam um pequeno povoado ou cidade e 3) as “Vilas Urbanas”, localizadas nas grandes cidades palaciais. As vilas de tipo 1 e 2 seriam bastante independentes, agregando diversas funções, como áreas de estocagem, oficinas, salas de recepção, locais de culto, etc. Algumas, localizadas em cidades e aldeias maiores, aparentemente abriam mão de dominar exclusivamente todas essas funções, delegando algumas para o conjunto do povoado. As vilas urbanas (tipo 3) seriam as mais especializadas, possuindo funções específicas dentro das cidades palaciais. Betancourt concorda com outros autores ao afirmar que as vilas rurais

do neopalacial sugerem que Creta dispunha de paz e estabilidade neste período, bem como de um (ou mais) forte poder central, patrono de alguma forma das vilas.

Gisela Walberg, falando sobre as vilas urbanas (tipo 3 de Betancourt, ou suburbanas, como classifica Walberg), (Walberg, 1995) salienta a grande variação de planos arquitetônicos e funções aparentes das construções. Apoiando a sugestão de Preziosi e Hitchcock (1997: 51-62) de que algumas construções antes estudadas isoladamente (como O Pequeno Palácio e a Mansão Inexplorada em Cnossos, ou as vilas A e B de Ayia Triadha) na verdade formariam complexos funcionais, (onde cada “casa” teria uma função principal do conjunto), Walberg contribui para um maior entendimento dessa diversidade arquitetônico-funcional das vilas urbanas.

Walberg discorda de Hood no tocante aos “donos” ou habitantes das vilas de Creta. Se, como parece, as vilas realmente aparecem no auge do poder palacial minóico, no período neopalacial, parece inverossímil que as vilas representem locais de poder e morada de nobres e chefes regionais. A autora aponta estudos de Moody (1987) sobre a redução dos espaços de estocagem de alimentos nos palácios minóicos durante a passagem do proto-palacial para o neopalacial como possível resposta para a função das vilas minóicas. Indícios de maior desenvolvimento da escrita Linear A e da diminuição do regionalismo da decoração cerâmica durante esta mesma fase, sugerem que os territórios dos palácios de Creta teriam aumentado no neopalacial, ao contrário de teses tradicionais – a redistribuição de produtos, função considerada marcante dos palácios do proto-palacial, teria deixado de ser praticável com o aumento das áreas de influência dos palácios. Produtos que antes seriam levados para o palácio na forma de impostos para posterior redistribuição, ficariam agora em seus locais de origem para serem redistribuídos localmente. Produtos processados seriam levados para o palácio, assim como produtos de luxo palaciais seriam levados para

os centros redistributivos locais – há um aumento significativo da produção de itens de prestígio nos palácios paralelo à diminuição das áreas de estocagem de alimentos. As vilas, com suas vastas áreas de estocagem teriam surgido, portanto, para complementar a administração palacial minóica, servindo como centros de estocagem e produção regional – seriam um exemplo significativo do aumento do poder palacial durante o neopalacial, e não locais de poder de chefes regionais. Seus ocupantes seriam representantes da administração burocrática palacial, e não nobres independentes ou mesmo senhores feudais vassallos dos palácios – as vilas não seriam nem mesmo, portanto, fortificações defensivas de feudos semi-independentes, mas centros regionais de administração e difusão ideológica palacial através da religião, como proposto também por Marinatos (Marinatos, 1997: 92-97).

Walberg acredita, entretanto, que nem todas as vilas tinham as mesmas funções e relações com os palácios. A autora sustenta um modelo de hierarquias de vilas, com algumas vilas respondendo diretamente aos palácios e outras funcionando como subcentros regionais para estas. Algumas seriam ainda mais regionais e estariam diretamente ligadas à produção de alimentos, vinho e óleo, tendo por “centro” administrativo as vilas “intermediárias”. As vilas suburbanas seriam outro fenômeno de mesma causa, isto é, teriam outras funções e propósitos, mas também seriam fruto da crescente complexidade administrativa das unidades políticas minóicas. Parte da administração palacial, assim como das cerimônias religiosas ou políticas, seria realizada em vilas como a Casa Sul de Cnossos. Provavelmente também haveria uma forma de hierarquia entre tais vilas e destas em relação aos palácios, assim como uma divisão de funções. Algumas cerimônias e práticas administrativas de menor importância seriam realizadas nas vilas suburbanas, enquanto outras seriam realizadas ainda nos palácios.

Abordagens da Pesquisa

Para entender a administração minóica e seus processos de mudança, precisamos realizar um estudo amplo dos diversos aspectos do sistema palacial. Iremos, neste trabalho, abordar de forma exaustiva alguns pontos básicos da administração palacial e fundamentar nossa análise com outros estudos de apoio (ver nos tópicos seguintes):

- 1) Análise das funções dos palácios proto-palaciais: os primeiros palácios de Creta formavam a base do sistema administrativo minóico ainda durante o período neopalacial e possivelmente foram os únicos centros relevantes de poder e administração no proto-palacial. A análise dos dados disponíveis para sítios palaciais como Gournia, Mália e Petras deste período é essencial para o entendimento do sistema administrativo minóico no período posterior, o neopalacial. Os dados disponíveis para o período são escassos, mas é possível abordar aspectos fundamentais da administração e do poder palacial através do estudo das áreas de estocagem e do uso dos selos e da escrita.
- 2) As vilas urbanas: o estudo da função dos palácios do neopalacial aparentemente está vinculado ao estudo das vilas urbanas minóicas. Como vimos em tópico anterior, uma das interpretações do papel das vilas urbanas neopalaciais é de que seriam centros auxiliares da administração e cerimonial (tanto religioso quanto secular, se é que essa distinção pode ser feita aqui) dos palácios de Creta – com o aumento da complexidade administrativa minóica, os palácios teriam passado a “descentralizar”

alguma de suas funções. Deve-se, portanto, realizar um estudo comparativo das funções realizadas pelos palácios proto e neopalaciais e um estudo concomitante das funções das vilas urbanas minóicas. Os resultados poderão contradizer a idéia de que o papel dos palácios minóicos teria se alterado de forma significativa durante a passagem do proto-palacial para o neopalacial, e também poderão indicar que as vilas urbanas não representaram papel significativo na administração neopalacial - mas justamente pela névoa que paira sobre o tema este é um ponto fundamental da pesquisa proposta neste projeto.

- 3) As vilas “rurais”: o cerne desta pesquisa sobre o sistema administrativo minóico será o estudo das vilas rurais neopalaciais. Entender o papel destes “palácios em microcosmo” é claramente fundamental para a formação de um quadro coerente sobre o sistema administrativo neopalacial – as vilas rurais também são peça chave para o estabelecimento dos territórios prováveis das USPs minóicas estudadas. As conexões entre as vilas e estas com centros palaciais é a principal forma aqui pensada para a definição dos territórios dos estados primitivos minóicos (a análise da capacidade de estocagem dos palácios e vilas também pode sugerir a área do território de cada palácio – esse estudo é fundamental para o período anterior, o proto-palacial, uma vez que não temos como estabelecer relações entre palácios e outros centros administrativos: as vilas, aparentemente, não existiam no período).

Como dito acima, além dos pontos fundamentais de análise do sistema palacial minóico serão realizados alguns estudos complementares, para facilitar a interpretação dos dados obtidos:

- 1) As cronologias tradicionais minóicas apresentam diversos problemas de precisão que podem interferir com a análise do surgimento e desenvolvimento do sistema administrativo palacial. Iremos apresentar um estudo aprofundado das recentes propostas de refinamento cronológico e das novas datas obtidas para a civilização minóica, na esperança de evitar incorrer em erros de interpretação dos dados.
- 2) Pretende-se aprofundar estudo comparativo sobre a administração cretense em outros períodos de sua história. Iremos apresentar uma análise preliminar da administração minóica durante o período pré-palacial. Apesar dos poucos dados disponíveis do período e das poucas pesquisas sistemáticas sobre sítios dos primórdios da civilização minóica, é possível estabelecer ao menos alguns resultados concretos sobre a administração e o exercício de poder na época. A análise de instituições em sua gênese certamente auxilia no entendimento de suas funções e dos motivos por trás de seu surgimento e desenvolvimento. A análise da administração micênia em Creta também fornece alguns dados importantes – as diferenças que esta apresenta da administração minóica pode nos auxiliar a entender fatores de mudança na sociedade cretense e a entender a administração minóica que operava antes da chegada dos invasores do continente. Apesar dos perigos em tentar visualizar analogias entre diferentes contextos ou períodos, a análise de como outras culturas próximas organizaram a administração de uma economia, população e terreno semelhantes pode se mostrar útil na análise da administração no período minóico.

3) É impossível compreender a economia e a administração minóicas sem analisar as extensas redes de troca do Mediterrâneo e a presença minóica fora de Creta. Como elas surgiram, quais as rotas principais, que impacto tiveram na formação administrativa e na cultura em geral dos povos que interligaram? O estudo das redes de troca mediterrâneas do período minóico é de grande importância para a análise do papel dos sítios de caráter minóico nas Cíclades e na Ásia Menor e para o completo entendimento do sistema administrativo minóico. Esse estudo se baseia, fundamentalmente, na análise de relatórios de escavação de sítios de entrada de artefatos ao sistema administrativo interno de Creta, como Kommos e Pseira⁴. O estudo das colônias minóicas nas Cíclades possivelmente é ainda mais importante para entendermos a administração minóica. Fundadas em períodos diversos, a análise de colônias construídas do zero e de forma (ao menos parcialmente) planejada tem grande potencial para revelar as instituições administrativas minóicas de diferentes períodos. O cuidado aqui deve ser na distinção de sítios com caráter minóico nas cíclades de verdadeiras colônias minóicas.

⁴ Obras como **Kommos**, de L. Vance Watrous (1992) e **The Complete Cretan Collection: Volume 1**, de Betancourt (1983), já estão disponíveis.

Abordagens Teóricas: questões metodológicas e conceitos para a análise de processos de mudança.

A análise do sistema administrativo minóico e dos processos de mudança percebidos neste ao longo da História de Creta, se dará através do uso de metodologias úteis para o estudo de processos de mudança e aumento de complexidade em sociedades humanas. A Teoria de Sistemas, os conceitos de *peer polity interaction* e *early state module* elaborados por Renfrew, e as propostas de formas de elaboração de estratégias de poder, de Earle, constituirão as ferramentas básicas para a análise dos dados neste projeto.

Teoria de Sistemas

Um problema com o qual a Arqueologia se depara freqüentemente é a definição do que é uma explicação arqueológica. A Arqueologia “tradicional” se enredou em certos vícios que limitavam o horizonte de explicações possíveis para o arqueólogo. A insistência na correlação absoluta entre culturas arqueológicas e etnias, (ou seja, na correlação entre, por exemplo, uma tradição cerâmica e um determinado povo – mais detalhes na p. 18-60), e o constante uso de explicações “difusionistas” ou de movimentos migratórios para explicar alterações no registro arqueológico, sem qualquer dúvida causaram explicações equivocadas ou, ao menos, muito simplificadas. Os arqueólogos processualistas viram as

análises da Arqueologia tradicional como meras narrativas de eventos que jamais poderiam levar a análises dos processos de mudança nas sociedades humanas, auxiliando, no máximo, na definição de uma cultura em particular. Os estudos tradicionais, portanto, não poderiam chegar à elaboração de uma cadeia causal capaz de realmente explicar a dinâmica de uma cultura, muito menos de explicar a evolução social humana de forma geral; quando se analisa um processo como o da formação dos Estados, atuam tantos fatores que invariavelmente existe grande simplificação em explicações monocausais.

Para os processualistas, apenas através da generalização pode-se fugir dos eventos particulares e modelos ou leis arqueológicas serem desenvolvidas. O enfoque processual trata de estudar e identificar os diferentes processos que atuam nas sociedades, com ênfase nas relações com o meio ambiente, na subsistência e na economia, nas relações sociais dentro da sociedade, o impacto que tem sobre estes aspectos a ideologia e o sistema de crenças dominantes, e o efeito das interações entre as diversas unidades sociais. Ou seja, identificar cada variável e estudá-la como uma variável independente, tendo por finalidade última a reconstrução de todo o padrão de articulação, junto a todas as variáveis relacionadas.

O único modo de se obter uma explicação satisfatória seria, portanto, através da utilização de explicações multivariantes que integrem várias explicações de forma sistêmica. A Teoria de Sistemas prega a visão da cultura como um sistema, visando possibilitar a análise das alterações das sociedades como fruto da interação de fatores internos ao sistema e da entrada de estímulos externos. Cada variável distinta, como o tamanho populacional, deve então ser vista como um parâmetro do sistema - considerando aí uma sociedade enquanto um sistema. Deve-se, portanto, considerar o sistema como dividido em subsistemas caracterizados por atividades econômicas distintas, por exemplo, e

marcados por uma documentação material própria. O grau de detalhe de uma análise arqueológica sistêmica depende do interesse do investigador: a divisão dos subsistemas é determinada pelos objetivos do estudo.

O sistema se transforma com o passar do tempo, sendo útil considerar uma série sucessiva de estados do sistema. Os sucessivos estados do sistema indicam a trajetória do mesmo. Uma noção chave nesse conceito de sistemas é a retroalimentação, com diversos mecanismos de entrada e saída de influências, conceitos, técnicas, etc. Dessa forma, um sistema com retroalimentação (*feedback*) negativa tenderá a se manter estável, enquanto um com retroalimentação positiva estará sujeito a forças que levam à alteração. O sistema pode estar sujeito a efeitos multiplicadores quando mudanças num subsistema levam a mudanças em outros que, por sua vez, intensificam a mudança original, levando a uma retroalimentação positiva com “efeito geométrico”. Um conceito importante é o da possibilidade de teste das explicações arqueológicas – os modelos arqueológicos gerais podem ser contrastados com a documentação material.

Interação Entre Unidades Sócio-políticas Autônomas e Paritárias

Renfrew elaborou o conceito de *peer polity interaction* (Renfrew e Cherry, 1986) com o objetivo de estudar o desenvolvimento de estruturas nas sociedades, como instituições políticas, sistemas de comunicação especializada em ritual, etc. Interação entre unidades sócio-políticas (USPs) paritárias designa todas as formas de intercâmbio entre

USPs autônomas normalmente situadas geograficamente próximas umas às outras. Parte-se do princípio que o processo de desenvolvimento das hierarquias de controle e instituições de uma USP não pode ser compreendido através da análise dessa USP em isolado, mas apenas a partir da análise de um sistema mais amplo, que abranja aquilo que normalmente classificamos como civilização ou cultura. O conceito de interação entre USPs paritárias também evita análises sustentadas por relações de dominação entre USPs com graus de desenvolvimento diferente, uma vez que trata das relações entre sociedades com graus de desenvolvimento e complexidade semelhantes.

Esse conceito se desenvolveu a partir da idéia, também formulada por Renfrew, do Módulo de Estado Primitivo (*early state module* - ESM) – a maioria dos estados primitivos se desenvolve junto a outros estados de USPs adjacentes, que normalmente partilham de instituições políticas, culturais e sociais muito semelhantes, formando o que se costuma chamar de cultura ou civilização. Com freqüência um estado acaba por dominar as outras USPs, formando um Estado Nação. A extrapolação de que os mesmos processos de interação que conduzem os estados constituintes de um ESM a crescentes similaridades entre cada uma de suas USPs constituintes também podem ser percebidos em sociedades com níveis de complexidade maior ou menor – mesmo em sociedades nômades não definidas territorialmente - levou à formulação do conceito de interação entre USPs paritárias. As homologias que se desenvolvem através dessas interações são extremamente sutis e específicas, não podendo ser explicadas através de conceitos de evolução convergente ditada por necessidades de adaptação ecológica; também não podem ser explicadas por idéias de difusão ou imposição, pois tais estruturas homólogas surgem e se desenvolvem de forma mais ou menos simultânea nas diversas USPs paritárias. Para que

esse conceito possa ser aplicado sem que se caia em erros e paradoxos, algumas condições devem ser cumpridas pelo sistema estudado: deve haver contato entre as USPs, na forma de fluxo de informação (atestado no documento material por trocas de artefatos e outros materiais), anterior às mudanças observadas, e devem existir alguns mecanismos claros que apontem como esse contato pode ter auxiliado ou desencadeado tais mudanças.

As análises arqueológicas de mudanças em sociedades podem ser divididas em duas categorias, as análises que buscam razões exógenas de mudança (externas à sociedade) e as endógenas (internas). As análises que enfatizam as causas exógenas de mudança tradicionalmente buscam relações do tipo centro-periferia para explicar alterações numa sociedade. Apenas através de influências externas de sociedades mais complexas é que ocorreria mudança; o exemplo mais óbvio desse tipo de análise são as explicações difusionistas tradicionais. Mesmo análises que buscam por causas internas de mudança para a sociedade estudada, como a teoria de sistemas vista acima, podem acabar por explicar mudanças apenas através de influências externas; alguns autores enfatizam que sem um *input* externo, o sistema tende ao equilíbrio... Já as análises que buscam causas endógenas para as mudanças podem fazer uso da teoria de sistemas enfatizando a retroalimentação positiva que leva à morfogênese. No caso de análises através do conceito de interação entre USPs paritárias, a mudança não é vista como exógena ao sistema como um todo, mas o enfoque não é dado apenas à USP estudada, como pode ocorrer em análises que buscam razões endógenas para a mudança. Neste caso, a mudança surge através da interação sistêmica entre as diversas USPs paritárias; ocorre a nível regional. A unidade de análise nesta abordagem é, portanto, a comunidade formada por diversas unidades políticas

independentes, porém estreitamente relacionadas. É apenas com este nível de análise, para Renfrew, que se pode entender o aumento de complexidade nas sociedades humanas.

Para Renfrew, a emergência de novas instituições nas sociedades podem primordialmente ser explicadas ou pela intensificação da produção ou pela interação entre as USPs. Essa interação pode ocorrer de diversas formas. A guerra entre as USPs certamente pode implicar em aumento da produção (de itens de subsistência ou não) e desenvolvimento de instituições hierárquicas novas. A cópia competitiva entre as unidades, com cada uma tentando sobrepujar a outra em termos de demonstração de riqueza, capacidade e poder, certamente é um incentivo fundamental para a absorção e o desenvolvimento de inovações e desenvolvimentos de complexidade; ligados a este fenômeno estão a cópia simbólica e administrativa: desenvolvimentos em termos de linguagem simbólica e administrativa provavelmente serão emulados e desenvolvidos pelas outras USPs, em parte para que continue existindo uma linguagem comum através da qual a competição entre as USPs possa continuar ocorrendo. O puro aumento no fluxo de troca de mercadorias entre as USPs também pode acarretar alterações nas sociedades, uma vez que pode favorecer a especialização e o desenvolvimento de novas instituições relacionadas à produção e à troca.

Estratégias de Poder e o Desenvolvimento de Instituições Políticas Complexas

Para construir instituições políticas, chefes moldam suas posições a partir de três fontes primárias de poder: econômica, militar e ideológica (Earle, 1997). Estas três fontes

de poder podem ser universais para o processo político de sociedades humanas, mas o resultado do uso das mesmas pode ser extremamente variável; enquanto sociedades estatais podem surgir em algumas ocasiões, em outras as relações de poder podem permanecer descentralizadas e instáveis. A consolidação e institucionalização do poder dependem da sistematização de “estratégias de poder”, que variam em termos de quais fontes de poder são centrais e como elas articulam-se entre si. A fonte de poder determinante parece ser a economia política; a habilidade de controlar e intensificar aspectos da economia política e usar a produção excedente para sustentar e desenvolver outras fontes de poder. O uso político efetivo do poder social depende do controle das diversas fontes de poder, e, como veremos, o controle reside principalmente na natureza da economia política.

O poder econômico é o mais facilmente controlado. Como recursos, tecnologia ou itens específicos são necessários ou desejados para a subsistência e a ação social, o controle sobre a produção e a distribuição garante poder social. A economia política é orientada para o crescimento; o excedente é reinvestido para expandir a base tecnológica e aumentar o próprio excedente. O poder militar é a essência da força coerciva, necessária para a expansão das unidades sócio-políticas. Entretanto, a natureza competitiva da força coerciva é inerentemente instável, podendo se voltar contra a elite. A ideologia é a porção do significado cultural que é usada estrategicamente, seja para garantir dominação política ou para resistir à mesma. O poder ideológico é a essência das leis sociais, do padrão de comportamento do grupo. Apenas através da materialização – na forma de artefatos de prestígio, paisagens culturais, cerimônias, etc. – a ideologia pode ser transmitida e, portanto, ter possibilidade de êxito; por ser materializada, a ideologia pode ser controlada e manipulada através da posse de conhecimento (cerimonial e técnico) e de objetos

simbólicos ou de prestígio. A complexidade e escala das cerimônias, assim como o controle da produção e troca de itens de prestígio, permitem o controle do acesso às formas de materialização ideológica.

Além da possibilidade de controle do poder, uma variável crítica é como as diversas fontes de poder podem ser usadas para controlar e sustentar umas as outras. O poder econômico pode ser usado para controlar o poder militar e ideológico através do excedente: o poder militar é sustentado pela produção de excedentes que também podem ser usados para recompensar os guerreiros e manter a lealdade dos mesmos (o acesso limitado aos armamentos também pode controlar, parcialmente, o poder militar); o excedente também suporta o poder ideológico, uma vez que a produção de reservas e o controle dos itens de exportação são as bases do desenvolvimento tanto do poder militar quanto do ideológico. Já o poder militar pode ser utilizado para aumentar e defender tanto o poder econômico quanto o ideológico – garante a expansão das bases produtivas e o monopólio do fluxo dos itens de prestígio. O poder ideológico é utilizado para estruturar e legitimar as relações de poder na sociedade – a natureza dos direitos aos recursos não é uma coisa evidente numa comunidade, é um fato cultural criado por grupos sociais para manter e intensificar seus próprios interesses.

Capítulo I – Cronologia Minóica

Cronologia Minóica – protopalacial

Quando falamos de cronologia minóica – e de cronologias estabelecidas pela Arqueologia de forma geral – temos que levar em conta duas abordagens do problema, a cronologia relativa e a absoluta. A primeira nos diz o que veio antes e o que veio depois; pode mostrar que os Santuários de Pico surgiram antes ou depois dos palácios minóicos, ou que as vilas apareceram por toda Creta no mesmo período. Pode determinar, em suma, a ordem de acontecimento dos fatos, sejam estes estilos cerâmicos, novas formas de assentamento ou de práticas funerárias. A cronologia absoluta estabelece datas (precisas ou não) para tais acontecimentos. Não só fornece uma ordem para os acontecimentos, mas também diz *quando* as coisas aconteceram.

A cronologia relativa de Creta foi primeiro proposta por Sir Arthur Evans, que escavou Cnossos no início do século XX, “descobrimo” a civilização minóica. A partir do estudo dos estilos cerâmicos de Cnossos, Evans pode estabelecer “marcadores” cronológicos minóicos. Como os artefatos mais antigos tendem a se depositar em estratos abaixo dos mais novos, Evans determinou que estilos cerâmicos eram mais antigos que os outros – dessa forma, pode definir os marcadores cronológicos: se num determinado contexto é encontrada cerâmica do tipo Lebena, por exemplo, pode-se inferir que o contexto é do mesmo período que outro onde também se é encontrada

cerâmica Levena. A partir disso, Evans estabeleceu três grandes períodos minóicos: o Minóico Antigo (MA), O Minóico Médio (MM) e o Minóico Tardio ou Recente (MT ou MR). Evans e outros autores também estabeleceram subdivisões nestes períodos, para possibilitar maior precisão de análise (sempre com base nos estilos cerâmicos ou de outros suportes); assim, o MA é dividido em três subperíodos I, II e III, assim como o MM e o MR. Alguns subperíodos foram ainda mais divididos, assim temos o Minóico Médio IB, por exemplo, e até mesmo o Minóico Recente II A2. Essa cronologia relativa, entretanto, está permeada de problemas e imprecisões, que tem afligido e ocupado arqueólogos por décadas. Em primeiro lugar, ela não corresponde às principais mudanças sócio-políticas ou culturais da ilha: os palácios, por exemplo, são primeiro construídos no período MM IB, para serem destruídos no MM IIB e reconstruídos no início do MM III... Fora este problema, Evans se utilizou de estilos cerâmicos de Cnossos para estabelecer uma cronologia que se pretende universal – mas nem sempre um estilo cerâmico com paralelos claros com um estilo cnossiano é encontrado em Palaikastro, por exemplo. Muitas tentativas de corrigir essa imprecisão regionalista levaram a maiores imprecisões, uma vez que a inclusão de estilos de outras regiões como marcadores cronológicos pode incorrer no erro de considerar o que é regional como temporal. Para contrabalançar os possíveis erros e imprecisões dessa cronologia, foi criada outra cronologia relativa para a civilização minóica, esta baseada nas mudanças sócio-políticas perceptíveis na arquitetura da civilização minóica. Dessa forma, a civilização da Creta do Bronze foi dividida em três períodos (novamente), o Pré-Palacial, o Proto-Palacial e o Neopalacial. O início do Pré-Palacial é estabelecido pelo início da Idade do Bronze em Creta, iniciando-se junto à cronologia de Evans, no Minóico Antigo I, e tendo seu fim no período anterior à construção dos primeiros

palácios minóicos, no MM IA. O Proto-Palacial, por seu turno, se inicia no MM IB, com a construção dos primeiros palácios em Cnossos, Festos e provavelmente Mália (talvez Zakro e outros), terminando com a destruição dos primeiros palácios, no MM IIB. O Neopalacial inicia-se, portanto, no período de reconstruções do MM III, tendo fim com a destruição final de todos os palácios, com exceção de Cnossos, no MR IB.

O uso das duas cronologias relativas em associação e as últimas e aprofundadas análises da sucessão de eventos em sítios particulares permite que se faça uso com razoável segurança das cronologias relativas minóicas. A questão do estabelecimento de datas absolutas para a cronologia de eventos de Creta, no entanto, é um assunto muito mais delicado. Tradicionalmente, algumas datas absolutas foram estabelecidas utilizando-se de achados de outras culturas em contextos minóicos, e de achados minóicos em contextos de outras culturas. Assim, se é encontrado um vaso de pedra egípcio da 7^o dinastia num contexto do MA III, sabe-se que tal período foi contemporâneo à 7^o dinastia egípcia, para a qual temos datas absolutas (cerca de 2200 a.C.). Entretanto, marcadores “externos” sempre foram raros e de difícil qualificação, o que restringiu em muito seu uso para a datação absoluta de contextos minóicos. Ademais, ao longo das últimas décadas houve grande discussão sobre as cronologias absolutas de todos os povos com os quais os minóicos tiveram contato, o que colocou nova carga sobre os ombros dos estudiosos de Creta. O uso de datações absolutas, como o Carbono 14, sempre foi muito frágil em Creta, devido às poucas datas seguras estabelecidas. Também há o grande problema das cronologias absolutas minóicas: a data da erupção catastrófica do vulcão de Tera. Tal data tem flutuado de forma enorme com a obtenção de novas datações provenientes de fontes diferentes. Antigamente marcada

com segurança como tendo ocorrido por volta de 1450 a.C., atualmente temos datas que colocam a erupção de Tera antes de 1600 a.C.!

Entretanto, grandes esforços tem sido despendidos para o estabelecimento de cronologias mais precisa para a civilização minóica. Temos, atualmente, muito mais marcadores externos para Creta do que há alguns poucos anos, e muito esforço também tem sido dirigido para a obtenção de dados precisos sobre as cronologias de povos do Mediterrâneo e Médio Oriente contemporâneos aos minóicos. Também temos várias datações obtidas com o uso do carbono 14 nos últimos anos. Apesar do problema da erupção de Tera estar longe de ser resolvido, já é possível estabelecer cronologias absolutas mais precisas para Creta. Será realizada uma análise das novas datações e cronologias propostas por diversos autores, para que se possa aumentar a precisão de análise do surgimento e de alterações funcionais em cada um dos sítios administrativos a serem estudados nesta pesquisa. Análise preliminar, (conduzida durante pesquisa de Mestrado), do trabalho realizado por Macgillivray (1998), já permite que sejam apresentadas algumas propostas de datações para o período proto-palacial. Através de um detalhado estudo dos estilos cerâmicos e do contexto de sítios minóicos, amparado por novos dados cronológicos egípcios e do Oriente Próximo, Macgillivray consegue estabelecer algumas datas importante para a Creta do bronze. Dessa forma, teríamos a construção dos primeiros palácios de Creta (início do Proto-Palacial/MM IB) em 1953 a.C.; o final do MM IB em 1908, o MM II A durando de 1876 a 1795 e o fim do MM II B (destruição dos primeiros palácios, construção dos novos/ início do Neopalacial) em 1760.

Cronologia e a evolução do sistema administrativo neopalacial

Driessen e Macdonald, em “The Troubled Island” (1997) procuram analisar mudanças no sistema palacial minóico durante o período neopalacial, com dois objetivos claros em mente – uma melhor compreensão da organização palacial do período e um entendimento mais aprofundado da cronologia minóica, tanto relativa quanto absoluta. A análise dos autores é baseada numa nova proposta de interpretação dos horizontes de destruição dos sítios cretenses no período. Um ponto de fragilidade dos dados utilizados pelos autores é o elemento base da cronologia relativa utilizada pelos mesmos: os estilos cerâmicos minóicos. É certo que também utilizam outros suportes para suas afirmações, como características arquitetônicas e outras formas de representação iconográfica, como os afrescos de caráter palacial, mas o grande ponto de sustentação dos dados é a inclusão do chamado “estilo marítimo” cerâmico como típico do início do período MR I A, e não típico do período MR I B como é tradicionalmente considerado. Essa proposta base, entretanto, faz sentido, e, na minha opinião, se sustenta – a análise aprofundada dos contextos de achados de cerâmica de estilo marítimo, especialmente em casos de achados palaciais em áreas não utilizadas no MR I B, fornece suporte a esta interpretação. É evidente que isso não significa que o estilo está restrito a este período, existem contextos do MR I B onde artefatos com este estilo de representação estão presentes. O quadro não é simples, mas permite, junto a outras análises de contexto, uma datação mais remota de alguns estratos minóicos.

O “empurrão” da gênese do estilo marítimo para períodos mais remotos permitiu um entendimento mais preciso da cronologia relativa de diversos sítios. Duas alterações marcantes do desenrolar de eventos do neopalacial foram expostas com esse novo entendimento cronológico – podemos perceber não um, mas dois horizontes de destruição durante o período, e o papel de sítios de grande importância, como o próprio palácio de Cnossos, é bastante distinto entre um e outro horizonte. O maior mérito do trabalho dos autores é evidenciar a existência dos dois horizontes de destruição, dividindo marcadamente o período neopalacial (e novamente nos lembrando das limitações das cronologias relativas minóicas). O primeiro desses horizontes pode ser estabelecido com alguma precisão no início do MR I A, e o segundo no já estabelecido limite final do MR I B (que marca o término tradicional do período neopalacial). Dessa forma, o período neopalacial poderia ser dividido em dois sub-períodos, o primeiro englobando o MM III / MR I A inicial, o segundo os períodos MR I A final e MR I B. As destruições do MR I A parecem provocadas por sismos – estão presentes em toda a ilha e são encontradas em sítios com características diversas. Muito significativo são os paralelos com destruições em sítios fora de Creta, como Melos, Kastri e com os primeiros indícios de destruição em Tera – os contextos arqueológicos tornam plausível associar esse horizonte com os primeiros tremores relacionados à erupção em Santorini. A confiar nos dados de datação mais recentes para a erupção, teríamos uma data absoluta deste horizonte próxima ao final do século XVII. A evolução das reconstruções nos sítios afetados por essas destruições indica, provavelmente, a passagem de apenas algumas décadas até o início de novo ciclo de destruições.

O segundo horizonte de eventos é mais complexo. A começar, não existe aqui uma definição clara de que as destruições são realmente simultâneas – os contextos

arqueológicos de destruição e abandono no período não excluem a possibilidade de que até uma geração separe alguns destes eventos. Outro ponto de ainda maior importância é a não universalidade das destruições – muitos sítios são abandonados durante essa fase, mas destruições reais são claramente aparentes apenas em sítios relacionados ao poder das elites e/ou ao controle administrativo, como palácios e vilas. Existem outras evidências interessantes sobre esse horizonte, apesar de possibilitarem alguns questionamentos de interpretação – a maioria absoluta dos sítios afetados foi destruída por queima intensa pelo fogo, e um possível horizonte de tesouros está associado ao período. Tais evidências sugerem ação humana intencional e interna, não provocada por invasores externos – haja vista a ausência de destruições mais amplas e descontroladas.

Tabela Cronológica

Neolítico	Neolítico	6000-3000 AC
Pré-Palacial	MA	3000-2116 AC
	MM I A	2116-1953 AC
Proto-Palacial	MM I B	1953-1908 AC
	MM II A	1908-1795 AC
	MM II B	1795-1760 AC
Neopalacial	MM III	1760-1650 AC
	MR I A	1650-1600 AC
	MR I A / MR I B	1600-1500 AC
Subpalacial e Pós-Palacial	MR II-III	1500-1100 AC

Capítulo II: Administração palacial minóica, aspectos e pressupostos

Paralelos administrativos, tabletes, escritas e selos

A administração palacial cretense utilizou, ao longo de sua História, três sistemas distintos de escrita, as minóicas Hieroglífica e Linear A, ainda não decifradas, e a proto-grega Linear B, provável adaptação micênica da minóica Linear A. Além do uso da escrita, a contabilidade palacial utilizou selos de impressão no controle administrativo e, possivelmente, na difusão de imagens de caráter ideológico. Apesar das escritas minóicas não terem sido decifradas, a análise de suas características estilísticas e técnicas e dos contextos arqueológicos aos quais estão associadas, pode lançar luz sobre o funcionamento da economia de Creta.

A escrita Linear B já decifrada, utilizada no período posterior à fase de destruições que marca o fim do neopalacial, permite uma análise detalhada da administração palacial micênica, e é instrumento poderoso na análise comparativa de administrações cretenses. As evidências apresentadas pela Linear B parecem sugerir uma administração típica de um

modelo de estado *unitário*, com uma estrutura hierárquica rígida na qual todos os poderes são delegados do topo, a partir do centro palacial de Cnossos (Bennet: 1990).

Já a análise dos contextos de achados minóicos de Linear A e selos de impressão, especialmente no período MR IB (final do neopalacial), mostra um bom volume de variação: em certos sítios foram encontrados arquivos apenas em um único local, como em Myrtos Pyrgos e Tylissos; noutros sítios foram encontrados em dois ou mais locais, geralmente arquivos palaciais e vilas urbanas, como em Aya Triada, Cnossos e Zacro. Em outros sítios, como Cânia, tabuletas inscritas com linear A e selos de impressão são encontrados em contextos ainda mais diversos, inclusive no que parecem ser casas particulares. Esta variação é difícil de explicar, e pode sugerir a existência de diferentes níveis hierárquicos administrativos em um mesmo sítio, ou descentralização de uma mesma hierarquia administrativa em atividades segmentárias e complementares dentro do sítio.

Para uma maior clareza dos dados, devemos analisar detalhadamente outros parâmetros, tais como a função específica dos contextos dos achados, os tipos de documentos comprovados, formatos dos selos e das tabuletas inscritas e seu conteúdo provável e estilo de grafia. A composição tipológica dos depósitos de documentos administrativos encontrados nos locais mostra também uma variação considerável de sítio para sítio, especialmente no caso dos selos. Isto pode ser ilustrado, por exemplo, pela comparação das composições tipológicas dos depósitos encontrados em Aya Triada e Zacro: alta frequência de selos cônicos em Aya Triada e, em contrapartida, o número de selos do tipo “cilindro achatado” em Zacro⁵. Esse contraste parece sugerir práticas regionais não padronizadas em uso na administração do neopalatial. A análise da administração deste período sugere que os arquivos locais foram mantidos por

⁵ Para uma análise dos tipos estilísticos e usos dos selos de impressão minóicos, ver discussão anexa

administradores locais, e não por funcionários enviados a partir de um único centro – a hipótese de um controle central único em Creta não parece, portanto, provável.

Redes de Troca e a Inserção dos Estados Minóicos no Mediterrâneo

O Sistema Redistributivo Minóico e as Redes de Troca Egéias

Sistemas políticos como o palacial minóico e micênico certamente utilizaram-se de formas econômicas como a reciprocidade e a redistribuição para controlar e organizar a sociedade. Entretanto, essas sociedades eram forçadas a se acomodar a sistemas de troca compatíveis aos utilizados por outras civilizações quando de trocas internacionais. Dessa forma deve ser feita uma análise pluralista das formas de troca em sociedades como as do Bronze mediterrânico – a existência de um circuito de troca redistributiva não exclui, necessariamente, a existência de outro circuito de trocas comerciais na mesma sociedade, criado devido a pressões externas. Além da teoria econômica, existem questões práticas que devem ser analisadas sobre o assunto: de quem eram os barcos? Quem os mantinha? Quem os navegava? Alguém participava ativamente de trocas internacionais sem, no entanto, participar ativamente no transporte dos bens? Os sistemas de troca, principalmente em sociedades centralizadas como a minóica, eram os mesmos a nível regional e internacional? Muitos estudiosos parecem basear suas análises em alguns pressupostos implícitos: 1) Participação em comércio internacional é sinônimo de frota comercial própria; 2) A presença de objetos estrangeiros significa, necessariamente, contato comercial direto entre

as partes envolvidas e 3) Contato é sinônimo de comércio. O registro material, entretanto, não conduz diretamente a tais conclusões – muitas vezes conduz a conclusões contrárias.

A existência de barcos comerciais é compatível com qualquer sistema de troca – trabalhando por taxas ou por uma comissão, navegadores poderiam transportar itens de uma troca cerimonial, emissários, etc. Tanto o Estado quanto particulares poderiam, em princípio, ser proprietários de navios mercantes. A existência do intermediário não implica em perda de controle dos governantes: estes definiam quem tinha acesso a seus portos, as taxas e impostos. Também poderiam, em alguns casos, exercer controle sobre o acesso à madeira, controlando, assim, quem poderia construir e manter uma frota mercantil. Se for aceita a idéia do intermediário (ou intermediários, naturalmente) não há mais a necessidade de se localizar estaleiros, e a necessidade de explicar contatos de longa distância pouco prováveis se torna acadêmica. A existência do intermediário ajuda a explicar o registro material encontrado em sítios de naufrágios - a variedade de tipos de mercadorias e mercadorias de origens diversas em tais sítios é uma grande evidência da existência de intermediários profissionais, responsáveis por trocas internacionais. Naturalmente, barcos privados e estatais poderiam coexistir – o importante é identificar que formas de troca ou comércio eles conduziam, e como estas se encaixavam no sistema administrativo cretense: haveria a existência de comércio baseado em leis de oferta e procura?

O Estudo da Presença Minóica nas Cíclades

A autora Elizabeth Schofield (1983) realiza um estudo das possibilidades de identificação das formas de colonização ou presença minóicas nas Cíclades durante a Idade do Bronze (Schofield, 1983). Durante toda a Idade do Bronze, muitas formas de presença cultural minóica foram atestadas nas ilhas do Egeu. Em alguns casos essa “presença” se manifesta apenas na adoção de temas e estilos tipicamente minóicos na cultura material cicládica; em outros, no outro extremo do espectro, há uma aparente presença colonizadora minóica. A autora se propõe a fazer uma análise inicial da cultura material cicládica ao longo da Idade do Bronze para tentar entender as formas de presença minóica nas ilhas e analisar a possibilidade de se perceber a presença física de minóicos imigrantes vivendo ao lado de habitantes nativos das ilhas. Mais que um estudo exaustivo dos dados – trata-se apenas de uma análise inicial – o trabalho de Schofield é mais um guia com modelos para permitir a análise da presença de grupos populacionais minóicos através da cultura material. A seguir veremos um breve estudo da emigração minóica, apoiado em alguns pressupostos da autora e nos dados que já dispomos sobre o assunto.

O maior problema encontrado pela autora é que, segundo estudos sobre imigração, imigrantes, ao abandonar sua terra natal, tendem a atenuar suas características culturais, absorvendo aspectos da cultura local (e isso vale para a cultura material). Como distinguir, portanto, entre um povoado cicládico com forte influência cultural minóica, mas sem a presença de minóicos, e um povoado (ou parte de um povoado, como um bairro) minóico em ilhas das cíclades? Alguns povoados, como Kastri e Trianda, são mais facilmente

identificados como colônias minóicas, uma vez que sua fundação ocorreu em áreas previamente desabitadas das ilhas e desde sua origem apresentam uma cultura material muito próxima à minóica de Creta – o estudo de tais sítios é de grande importância nesse trabalho. Outros sítios, entretanto, possuem um substrato cicládico anterior à presença de artefatos e construções de caráter minóico – como saber se foram ocupados por uma população minóica, ou ainda se tal população suplantou totalmente a população anterior, ou apenas se uniu à mesma? Sem o auxílio de fontes escritas (ao menos de listas de nomes próprios), a questão da definição da composição étnica de um sítio arqueológico é complexa, mas fontes escritas podem levar a pistas falsas ou parciais. Entretanto, mesmo supondo que a antiga visão de que o aparecimento súbito de novas formas de enterro e mudanças extremas na cultura material geral indica a chegada de uma população nova e etnicamente diversa da anterior, ainda permaneceria a dificuldade de analisar presenças mais sutis como a de imigrantes minóicos numa área já fortemente influenciada pela cultura de origem de tais imigrantes.

Para iluminar a questão, a autora se volta, ainda que com ressalvas de caráter metodológico, para o estudo de migrações recentes. Para tanto, devem ser analisados casos de colonização de áreas previamente desabitadas, de suplantação hostil de populações nativas, da formação de bairros ou enclaves estrangeiros em sítios nativos, e de colonização cooperativa, ou miscigenatória, com populações nativas. Dois fatores importantes a serem analisados nesse ponto seriam as motivações da emigração da população estrangeira e os processos de absorção pela população nativa (se existente), fatores intimamente relacionados. No caso minóico, sítios cicládicos com cultura material com características minóicas foram tradicionalmente atribuídos a portos de comércio estabelecidos pelos palácios minóicos. Não há, entretanto, fortes embasamentos arqueológicos por trás de tais

suposições, muito mais fundamentadas na idéia de Evans de uma “talassocracia” minóica regida pelos reis míticos de Creta. Vale lembrar que tais portos também poderiam ter se tornado colônias minóicas propriamente ditas, uma vez que a sociologia sustenta que migrações tendem a ocorrer em rotas já bem definidas e conhecidas.

Das instituições e hábitos culturais que um imigrante colonizador provavelmente retém com maior intensidade, a Arqueologia deve buscar utensílios de dia a dia, como itens de cozinha, ferramentas e outros objetos usuais. A presença de tais artefatos também seria um bom indicador de que há uma população imigrante na área, uma vez que sítios apenas com uma influência cultural minóica provavelmente apresentarão artefatos de dia a dia nativos e itens de prestígio ou religiosos minóicos. Tendo tais conceitos em mente, torna-se mais fácil a análise de sítios com características minóicas nas cíclades. Sítios coloniais, fundados do zero em solo virgem pelos minóicos, deveriam apresentar apenas artefatos minóicos, tanto em termos de itens de prestígio, artefatos de culto, padrões de assentamento, estilos de arquitetura quanto em termos de utensílios triviais de dia a dia (Kastri e Trianda, como já foi dito, parecem ser novas colônias). Sítios cicládicos antigos que passam em determinado momento a apresentar artefatos minóicos ou “minoicizados” podem se encaixar em dois tipos principais: sítios nos quais há apenas uma influência cultural (não seriam, portanto, colônias de Creta), sem a presença de cretenses, nos quais deve haver uma predominância de artefatos de culto ou prestígio (Philakopy poderia ser um desses sítios), e sítios nos quais passa a existir, em maior ou menor grau, uma presença minóica física. Estes devem apresentar uma fusão maior das culturas cicládica e minóica, com a presença, além de itens de prestígio, marcas arquiteturais e artefatos de culto, de utensílios de dia a dia das duas culturas, ou com características mistas (Tera, Melos e Kea satisfazem alguns desses requisitos).

Portos de Comércio no Egeu da Idade do Bronze: Commos, Acrotiri e Pseira e seu papel na civilização minóica de Creta

A civilização minóica de Creta já foi classificada como uma verdadeira “*talassocracia*”, um “Império dos Mares”. Já está claro, no entanto, que tal classificação é, no mínimo, um exagero equivocado. Mas mesmo não sendo um império marítimo, a civilização minóica certamente dependeu profundamente do mar em diversos aspectos – para a extração direta de recursos naturais, como alimentos, e, mais importante para a questão que iremos debater neste trabalho, para a comunicação, obtenção de recursos naturais e troca de artefatos e conhecimento com outros povos. O que se pretende aqui é entender de que forma os minóicos interagiram através dos mares com estes outros povos, de que forma trocaram seus produtos, dialogaram e aceitaram contatos com culturas novas e estranhas, portadoras de padrões de comportamento e interação variados e distintos. Mais importante, precisamos de ferramentas conceituais tais que nos permitam abordar tais problemas através apenas dos remanescentes materiais, arqueológicos, deixados pelos cretenses da Idade do Bronze. Para tanto, tentaremos entender como a participação numa rede de trocas mediterrânica afetou o desenvolvimento de alguns sítios específicos minóicos sob a luz lançada por Polanyi (Polanyi, 1963) em seus estudos sobre os “Portos de Comércio” em sociedades arcaicas.

Portos de Comércio

O conceito de Portos de Comércio desenvolvido por Polanyi tenta solucionar alguns problemas relativos a trocas entre estados primitivos e unidades sócio-políticas incipientes. Como trocas poderiam ser estabelecidas através de rotas de longa distância, especialmente marítimas, sem a garantia de segurança que apenas estados avançados poderiam conferir? Como trocas poderiam ocorrer entre estados rivais ou mesmo em conflito? Que garantias um cidadão ou um grupo estrangeiro poderia ter realizando trocas em sítios de outros povos? Como um sítio poderia ser atrativo o bastante para ser ponto focal de uma rede de trocas e ainda render benefícios para um Estado patrono e para as outras partes interessadas? Polanyi teoriza que seria necessária a existência de sítios com alguma forma de neutralidade garantida, onde o cosmopolitismo fosse aceitável, e a segurança a regra – verdadeiros enclaves à parte de influências políticas ou diplomáticas diretas que pudessem influir no mundo das trocas. Nestes locais poderíamos ver instituições, regras sociais – incluindo padrões espaciais materializados e identificáveis pela Arqueologia – “universais” que permitissem alguma forma de linguagem comum entre as culturas em contato. Para Polanyi tais sítios são perfeitamente identificáveis em uma vasta gama de civilizações antigas, do norte do Levante da Idade do Bronze à fronteira entre os mundos asteca e maia na América Central pré-colonial. A gênese desta “instituição” universal, entretanto, seria identificável nos empórios de comércio silencioso do Mediterrâneo pré-histórico – locais separados dos assentamentos, estabelecidos exclusivamente para a troca entre povos distintos, como um mundo à parte do território (político, físico e cultural) específico de qualquer uma das populações envolvidas.

Outros autores também teceram conceitos semelhantes aos de Polanyi, ou mesmo aprofundaram a idéia de portos de comércio (Gillis, 1995 e Schachermeyr, 1978)⁶. Gillis, por exemplo, elabora o conceito de “*gateway communities*” e de “*ports of call*”, (algo como “comunidades de entrada” e “portos de escala”). Essencialmente similares aos portos de comércio de Polanyi, esses sítios-chave para redes de troca propostos por Gillis seriam locais onde as regras de troca internas de uma sociedade poderiam se mesclar a regras internacionais universais e assim permitir que uma determinada unidade sócio-política participasse de trocas internacionais sem alterar o modo de distribuição de artefatos dentro de tal unidade. Dessa forma, uma civilização baseada no controle de um estado redistributivo, como parece ser o caso da minóica, poderia participar diretamente de trocas comerciais ou de caráter de reciprocidade diplomática sem interferência no sistema redistributivo interno – os artefatos trocados entrariam, no caso de uma unidade sócio-política minóica, na redistribuição palacial em nível local. Gillis realmente parece entender que o principal modo de troca entre povos distintos seria a troca comercial de barganha (realizada por mercadores independentes ou trabalhando sob comissão), mesmo em sociedades arcaicas com estados primitivos – algo certamente impensável para Polanyi, que percebe uma administração “estatal” através de controle de “preços”, permissão para troca de determinadas quantidades de cada produto, etc.

Independente do autor, entretanto, um ponto é central: devemos buscar para a identificação positiva de um sítio como um Porto de Comércio (para manter a nomenclatura mais estabelecida de Polanyi) a presença de elementos atípicos a uma sociedade que

⁶ Schachermeyr não chega a aprofundar o tema, mas intui algumas das considerações de Polanyi com sua noção de “Repúblicas Comerciais Marítimas” – é interessante notar algumas das posições do autor, muito semelhantes à de autores clássicos, sobre o papel do mar na formação cultural e “moral” das comunidades

possam sugerir características de neutralidade e “cosmopolitismo” institucional e cultural (quicá até mesmo étnico).

Commos, Acrotiri e Pseira – Portos de Comércio?

Muitos sítios minóicos e cicládicos “minoicizados” já foram, talvez com facilidade leviana, classificados como colônias mercantis, centros comerciais, portos e afins. Uma análise aprofundada desses sítios, no entanto, se faz necessária se quisermos entender como os minóicos interagiram com o restante dos povos ao seu redor – existiu uma estratégia clara e consciente dos estados minóicos de penetração no “mercado” internacional de trocas? Havia a presença de mercadores estrangeiros em sítios minóicos? É perceptível a presença de uma classe de mercadores minóicos, ou de administradores palaciais responsáveis pelo comércio exterior? Os palácios monopolizaram os contatos exteriores? Podemos iluminar alguns destes aspectos examinando a possibilidade de identificar a instituição dos portos de comércio de Polanyi em contextos minóicos. A identificação positiva – ou conclusivamente negativa – de tal instituição relacionada aos minóicos poderá mostrar alguns aspectos reais da propalada “talassocracia” minóica, além de melhorar nosso entendimento do funcionamento do sistema administrativo palacial.

Dentre os diversos sítios ligados aos minóicos já classificados como portos comerciais, escolhemos três para analisar neste trabalho. A escolha não foi aleatória – Commos, Acrotiri e Pseira parecem representar tipos distintos de assentamento, com características e desenvolvimentos diferenciados e possivelmente representativos de grupos

específicos de sítios. Acrotiri, na ilha de Tera, foi um assentamento cicládico com crescente influência minóica; Pseira pode ter sido fundada como ilha portuária “independente” minóica, enquanto Commos usualmente é descrito como sítio portuário ligado ao palácio de Festos.

Pseira

A cidade de Pseira, fundada em pequena ilha costeira no golfo de Mirabello, no norte de Creta, parece ter devido sua existência exclusivamente ao ancoradouro natural no sul da ilha. Fundada ainda no final do neolítico, Pseira foi continuamente habitada até o período de convulsões que determinou o colapso da civilização palacial minóica, quando foi destruída de forma violenta – existem indícios de saques e vandalismo generalizado (Seager, 2000). Foi recolonizada apenas pelos bizantinos, mas até hoje é utilizada como proteção natural pelos barcos pesqueiros locais e líbios, apesar de não ser mais povoada. A ilha em si é pobre e desolada, sem grandes áreas cultiváveis, fontes de água potável constante e recursos minerais de nota. A cidade foi planejada ao redor de uma *Plateia*, como usual em povoados minóicos – a praça, entretanto, não era regular nem pavimentada, tendo sido intencionalmente deixada com o solo de pedra irregular local. Ao menos cinco estradas cruzavam o sítio, mas, notadamente, apenas aquelas que desciam em direção ao porto eram pavimentadas. Nenhum palácio foi identificado no sítio – por outro lado, ao menos três grandes construções foram identificadas, classificadas como casas particulares pelo escavador, e não como vilas administrativas típicas do sistema administrativo minóico

(Seager, 2000: 8). Tais características são ainda menos usuais quando consideramos a riqueza do sítio, claramente mais pujante que Gournia, centro palacial local.

Foram encontrados no local artefatos de diversos sítios minóicos e cicládicos, além de alguns achados cipriotas e levantinos. Entretanto, ao contrário de Gournia e de outros grandes centros regionais - como Palaicastro e Mochlos - a presença de artefatos de prestígio cnoossianos é notável. Não há dúvidas de que Pseira tinha um relacionamento muito mais estreito com o centro palacial de Cnossos do que com outros sítios locais. O sítio foi destruído e abandonado no mesmo período que os demais centros do leste de Creta, o minóico recente I B (final do século XV) mas, ao contrário de muitos destes, não foi reconstruído no período cretense posterior, já sob influência micênica.

Acrotiri

O sítio de Acrotiri, na ilha de Tera, é um dos mais interessantes sítios Egeus do Bronze. Preservado como instantâneo fotográfico pela erupção do vulcão de Tera, Acrotiri apresenta características singulares e enigmáticas. O sítio foi claramente fundado por uma população cicládica, apesar de apresentar contatos com Creta desde seus primórdios. A influência cultural minóica, no entanto, cresceu de forma constante – o sítio final, do Bronze recente, apresenta tantas características puramente minóicas que muito autores consideram que Tera teria se tornado virtualmente uma colônia minóica (talvez com uma pequena população cicládica assimilada...).

Alguns estudos mais detalhados, entretanto, apontam diversos componentes culturais e étnicos na composição de Acrotiri – influências líbias, micênicas, minóicas e um substrato cicládico parecem ser os ingredientes deste caldeirão cosmopolita (Schachermeyr, Shaw e, especialmente, Thorpe-Scholes, 1978). Nas palavras de Schachermeyr (1978: 423-4), “Tera se tornou um dos mais importantes representantes da talassocracia minóica. Mas sendo um centro de comércio marítimo, Tera logo assumiu as características de um porto internacional onde o mundo mediterrânico se encontrava, de Micenas até a Líbia”. Assim como em Pseira, nenhum centro palacial ou vila administrativa foi encontrado no sítio, mas várias mansões – aparentemente também de particulares – foram escavadas. O sítio parece ter sido ainda mais próspero que Pseira, com diversas mansões com amplos espaços de estocagem, elementos arquitetônicos ímpares (como sofisticadas molduras nas janelas e portas) e outros típicos da refinada arquitetura palacial de Creta, como as bacias lustrais. O planejamento do sítio não seguia, também, padrões puramente minóicos – o traçado das ruas era menos determinado e a *Plateia* central, também como em Pseira, não era regular. O curioso é que tais características tampouco são típicas dos cicládicos ou da Grécia continental micênica.

A arte parece ter florescido de maneira ainda mais vibrante que nos centros palaciais – os afrescos, por exemplo, apresentam todos os elementos convencionais da arte minóica, mas ainda mais desenvolvidos e com alguns elementos próprios, posteriormente exportados para os palácios micênicos. Mais que elementos convencionais novos, os afrescos de Tera apresentam inovações revolucionárias de estilo, com uma aparente maior liberdade de composições e representações mais “familiares” e “individualistas”, como retratos pessoais (alguns retratos mostram claramente indivíduos de etnias não egéias, como líbios e egípcios). Aparentemente a ausência de uma “corte” palacial permitiu o florescimento de

uma classe de oligarcas patrocinadores da arte – um exemplo precursor de tempos futuros. Um afresco revelador parece mostrar uma série de diferentes barcos, cada qual com símbolos heráldicos (familiares ou políticos?) diferentes. Foram encontrados no sítio muitos artefatos levantinos, “gregos”, cicládicos e de diversas áreas de Creta. O sítio foi abandonado quando da erupção do vulcão de Tera, provavelmente no século XV – curiosamente é clara a difusão de técnicas e estilos artísticos desenvolvidos em Acrotiri após o abandono da área, especialmente em Pylos, Micenas e vários centros cretenses.

Commos

O sítio de Commos é tradicionalmente retratado como porto de Festos, grande centro palacial do centro-sul de Creta. Na realidade o sítio já chegou a ser descrito como um centro palacial próprio, apesar de estar a apenas 6 km de Festos – a riqueza dos achados e a presença de arquitetura imponente podem ter levado a algumas interpretações apressadas. Não existe, entretanto, nenhum palácio ou vila na cidade – assim como nos sítios descritos acima, Commos apresenta algumas características bastante atípicas de outros sítios minóicos ou Egeus de forma geral.

Uma enorme construção – erroneamente classificada como o “Palácio de Commos” – a “Construção J/T” domina o setor oriental do povoado. Maior que alguns palácios e com elementos arquitetônicos típicos das construções administrativas minóicas, o enorme complexo, no entanto, é basicamente um enorme espaço vazio, provavelmente destinado a

oficinas e áreas de estocagem. Para complicar a interpretação da construção e do assentamento como um todo, a história arquitetônica do sítio é muito conturbada, passando por diversas fases muito pouco entendidas, muitas reformas, reutilizações de espaços antigos e um período prolongado de povoamento, do início do Bronze (pelo menos) até o período grego clássico. Aparentemente, entretanto, Commos sempre foi um sítio rico e com grandes áreas de estocagem.

A presença de artefatos de prestígio e de importações também é atestada em toda a história de ocupação do sítio – artefatos dos diversos centros palaciais minóicos, das ilhas cicládicas, de Tera, levantinos, egípcios, cipriotas, itálicos, micênicos e da Anatólia estão presentes em quase todos os períodos estratigráficos. Em alguns períodos artefatos cnoossianos podem predominar em relação aos de Festos, enquanto em outros aqueles da Creta ocidental são majoritários. Mais extraordinário, o fim do sistema palacial minóico parece não ter provocado qualquer ruptura em Commos – artefatos micênicos se tornam mais frequentes, naturalmente, mas mesmo artefatos de antigos centros minóicos reutilizados ainda são presentes, assim como aqueles de outras áreas do Mediterrâneo.

Nesta fase tardia, os achados minóicos fora de Creta parecem proceder de Cnossos (agora provavelmente sob ocupação micênica) e do oeste da ilha, áreas também mais representadas em Commos – há a clara possibilidade do sítio ser a “porta de saída” de tais artefatos para o resto do mundo mediterrânico. Gillis (1995: 70) sustenta sua tese das “comunidades de entrada” em grande parte com base nos achados do sítio. Watrous (1992), um dos escavadores do sítio, também sustenta que a estabilidade do assentamento se deve ao papel chave deste nas rotas de troca mediterrânicas – para ambos os autores, Commos tinha um duplo papel: para ele confluíam artefatos de toda Creta, numa rota marítima e terrestre puramente minóica; o sítio ainda seria ponto focal de duas rotas amplas, uma para

sul, cruzando o Mar da Líbia e costeando o norte da África, unindo Egito, Creta, Chipre e Levante, e outra rumo norte, passando por sítio intermediários, como Pseira, Acrotiri, Amnissos e Castri, unindo a costa da Ásia Menor, Cíclades, Grécia e Mediterrâneo Ocidental. Obviamente não é proposto pelos autores que navios de Commos realizavam tais rotas (Gillis aposta em intermediários levantinos e micênicos), mas apenas que o sítio era um dos principais nexos de tais rotas.

Concluindo: Portos de Comércio?

Sim e Não

Com os dados publicados e as principais anomalias dos três sítios aqui apresentadas, podemos defini-los como verdadeiros portos de comércio? A civilização minóica então realmente possuía colônias comerciais, os famosos postos avançados da talassocracia vista por Evans? Uma resposta cautelosa provavelmente seria mesmo sim e não. Em primeiro lugar, o conceito de portos de comércio de Polanyi é um modelo ideal, não existe representado no documento material como descrito pelo autor – nenhum dos três sítios, por exemplo, pode ser considerado completamente neutro. É pouco provável, por exemplo, que Pseira ou Commos fossem entidades políticas totalmente independentes, apesar de Acrotiri ser, neste aspecto, um bom candidato para o modelo.

Pseira está claramente ligada a Cnossos, não apenas culturalmente e economicamente, mas provavelmente até do ponto de vista bélico - a queda de um

representa a queda do outro. Pseira não sobreviveu a seus vizinhos mais pobres, porém mais autônomos, como Gournia e Palaicastro, e as trocas que sustentavam a ilha continuaram vibrantes após a mudança de dinastia em Cnossos, como atesta Commos – trata-se, portanto, de um sítio ligado a um grupo político de Cnossos. Por outro lado, num sentido mais amplo, pode ter existido o interesse deste grupo de sustentar um porto livre em Pseira, apenas taxado ou utilizado de forma sutil pela elite palacial – a ausência de vilas e palácios e a presença de alguns patrícios ricos na cidade parece indicar realmente um patrocínio e uso mais sutil, talvez com a liberdade e neutralidade exigida pelo modelo de Polanyi. As anomalias de planejamento e arquitetura do sítio também atestam uma liberdade rara nos sítios minóicos, talvez o resultado de um primitivo instinto de “*laissez-faire*” da elite minóica cnosiana, numa boa aproximação do sítio ao modelo de portos de comércio e, talvez até maior, de comunidade de entrada. (Obviamente nada indica que neste, ou noutros sítios, eram realizadas trocas de caráter comercial, apenas não eram trocas enquadradas diretamente no sistema redistributivo palacial – certamente os artefatos eram, posteriormente, absorvidos pelo sistema redistributivo ou de trocas diplomáticas cerimoniais). Por outro lado, ainda, o sítio não pôde continuar a existir sem o patrocínio e proteção de um grupo político específico.

Acrotiri, entretanto, parece se enquadrar de forma ainda mais adequada ao modelo de Polanyi: um sítio cosmopolita, sem qualquer sinal de insegurança, com pujante atividade de trocas marítimas. Sem sinal de uma elite política clara, sem palácios ou vilas, o sítio parece ter sido controlado por algumas famílias ricas, de forma semelhante a Pseira, em maior escala de número e grandiosidade. Também há a liberdade de planejamento do sítio, de convenções artísticas, inovações arquiteturais, etc, que podemos perceber em Pseira, mas em grau maior e muito mais profundo, capaz de impactar áreas vizinhas em tese mais

avançadas e populosas. Não fica claro aqui a quem o porto poderia servir diretamente, o que me leva a uma maior certeza de proximidade com o modelo de Polanyi. É um sítio estável, seguro, próspero, com atividades de troca bem atestadas, sem uma administração regulada direta, e um sítio de fronteira entre vários povos, culturas e unidades políticas, unindo cíclades, chefias em ascensão gregas, estados cretenses e áreas mais distantes do Mediterrâneo. Navegantes estrangeiros estabelecidos, um porto aberto a navios de várias nacionalidades e proprietários, o sítio serviria às unidades sócio-políticas regionais de forma indireta, permitindo o contato de troca entre diversas partes e a união de redes de troca internas, com regras próprias de cada sociedade.

O caso de Commos pode ser o de mais complexa avaliação, apesar de inicialmente o sítio se enquadrar perfeitamente no modelo dos portos de comércio. Por um lado o sítio apresenta uma continuidade maior que Pseira, indicativa de um forte interesse de qualquer grupo dominante em manter o porto em funcionamento e neutro, imune a mudanças de poder nas *polities* cretenses. O sítio também parece ser um ponto focal, um centro de enorme importância numa vasta rede de trocas internacionais e regionais da qual Acrotiri é apenas um entroncamento. Por outro lado o sítio não apresenta grandes inovações arquitetônicas ou artísticas, não é decorado com vastos painéis de afrescos com cenas cosmopolitas e não fica de todo imune aos balanços de poder minóicos – em cada era há uma predominância de um sítio específico, perceptível pela variação da quantidade de achados de cada centro palacial – talvez, como Pseira, Commos tenha sido cuidadosamente mantido “neutro” por uma potência local. Ao contrário de Pseira, entretanto, a importância estratégica do sítio era tal que o grupo dominante da vez empenhava todos os esforços em manter o porto aberto e funcional. A ausência de mansões privadas e a estranha construção J/T parecem indicar, ainda, que o controle do grupo patrono era mais direto e visível em

Commos que em Pseira. Mas o sítio ainda deve ser considerado como um porto de comércio – com patronagem direta ou não, assim como Pseira o objetivo primeiro do assentamento sempre foi abrir a rede de trocas local, regional, redistributiva, a uma rede de trocas mediterrânica ampla, “internacional”. Tal objetivo foi perseguido, aparentemente, através da manutenção da segurança, estabilidade e neutralidade na possibilidade de acesso ao sítio, fatores básicos do modelo de Polanyi. Se Acrotiri se encaixa de forma mais “suave” ao conceito dos portos de comércio, tal deve ocorrer apenas porque o desenvolvimento do sítio, aparentemente, foi gradual e espontâneo, não patrocinado por um estado específico que fosse participante ativo da rede de trocas marítima mediterrânica.

Capítulo III: O Espaço dos Estados – reconstruindo *polities* minóicas

***Polities*, Estados Primitivos e Centralismo**

Direcionamento e Foco Territorial

A amplitude do objetivo central proposto para este trabalho, basicamente estabelecer um panorama consistente sobre a administração palacial minóica, se encontra, em alguns aspectos, já suficientemente limitada e focada no projeto inicial da pesquisa para impedir que os resultados obtidos no doutorado sejam por demais superficiais devido a uma ambição explicativa desmedida. O foco do projeto, por exemplo, é o período neopalacial minóico, e o panorama criado pelo surgimento das vilas cretenses de uma aparentemente maior complexidade administrativa na ilha. Os demais pontos básicos apontados no projeto de pesquisa, bem como os estudos complementares, não retiram as vilas minóicas e o

mundo neopalacial do cerne desta pesquisa, muito pelo contrário, visam permitir um maior *background* para uma análise realmente detalhada e produtiva destes elementos centrais do doutorado. Por outro lado, a complexidade e diversas ramificações necessárias do tema levaram, ao longo do desenvolvimento dos estudos, a uma maior focalização para a obtenção de resultados realmente satisfatórios – procuramos manter as diversas abordagens desta pesquisa mas obter uma maior precisão de análise através da focalização geográfica dos estudos. Originalmente pensamos poder obter como resultado final da pesquisa um “mapa” geral das USPs minóicas do neopalacial, mas sentimos a necessidade de buscar na centralização geográfica dos estudos a obtenção de resultados mais detalhados e inovadores sobre a administração minóica, levando à criação de um padrão de hierarquia de assentamentos administrativos detalhado, porém restrito de forma mais local. Após processo de Qualificação do doutorado, elaboramos três estratégias possíveis para permitir essa focalização sem, contudo, abalar os potenciais do trabalho:

1 – Focar os estudos em uma *polity* única que apresentasse traços “típicos” da administração neopalacial minóica. A idéia seria extrapolar o universo administrativo minóico, de forma bem fundamentada, através da análise de uma única unidade política cretense. Alguns cuidados essenciais para a análise bem sucedida, no caso, teriam que ser tomados na escolha da área em questão, para que os dados obtidos possam realmente contribuir no avanço dos entendimentos da administração da ilha. Elementos típicos do panorama neopalacial nas unidades políticas minóicas teriam que se representar na unidade escolhida, como a presença de um centro palacial, vilas urbanas, vilas de caráter administrativo em centros populacionais periféricos, vilas de caráter econômico mais

especializado e um santuário de pico regional. Surgiu aí a idéia de abordar especificamente áreas como as *polities* ligadas aos pequenos palácios de Gournia e Petras por apresentarem os elementos típicos essenciais buscados nesta pesquisa, terem um padrão administrativo complexo surgido apenas no neopalacial e, no entanto, não possuírem uma complexidade tão vasta de elementos (como os encontrados nos grandes centros palaciais, como Cnossos), que pudesse dificultar a elaboração de modelos extrapoláveis para outras unidades políticas.

2 – A grande falha da abordagem anterior, entretanto, é não permitir o uso de metodologias interessantes para a análise de *mudanças* no sistema administrativo minóico ao longo de suas diversas grandes fases, como o conceito de *Peer Polity Interaction*, elaborado por Renfrew e outros (Renfrew, 1986). Consideramos interessante buscar manter os potenciais explicativos de tais conceitos analisando ao menos duas unidades políticas minóicas paritárias, com níveis de desenvolvimento de complexidade aparentemente próximos.

3 – Também poderia se mostrar interessante a opção de procurar *insights* em análises do tipo centro/periferia, com o estudo de unidades políticas claramente díspares em termos de real autonomia e complexidade de desenvolvimento.

Consideramos, enfim, que a abordagem mais propícia e, ao mesmo tempo, cuidadosa, seria a análise de três USPs distintas. Dessa forma foi possível analisar o caráter da administração minóica através de análises do tipo centro/periferia, do uso do conceito de *Peer Polity Interaction* e, ainda, conseguir analisar USPs que apresentam elementos típicos e extrapoláveis da administração palacial minóica. Gournia, Petras e Mália foram escolhidas por diversos fatores:

- a área territorial dos três centros palaciais foi bastante estudada e publicada;
- temos dados disponíveis sobre administração para estas áreas não apenas do período neopalacial, mas também dos períodos pré, proto e pós-palaciais;
- Petras é um centro palacial bastante periférico, com uma *usp* reduzida e simples, porém apresentando todos os níveis hierárquicos típicos de um estado minóico;
- Gournia é claramente um centro de grande importância político-econômica, inserido no sistema de trocas Mediterrâneo - porém ainda é um centro secundário, com área territorial pequena, com uma hierarquia de sítios relativamente simples e menor opulência palacial que a apresentada pelos centros primários.
- Mália é, provavelmente a *polity* palacial de primeira grandeza melhor analisada e publicada e apresenta aspectos únicos interessantes e desafiadores - tanto o centro palacial propriamente dito como o território geográfico como um todo.

Mália

Uma tentativa de análise da USP cretense de Mália por Carl Knappett (Knappett, 1999), oferece valiosos *insights* metodológicos para este trabalho, além de fornecer bons dados para nossa reconstrução geográfica dessa *polity* minóica. O autor considera que a enorme disparidade de interpretações e modelos geográficos sobre as USPs minóicas é fruto de nossa incapacidade de definir as características do estado minóico em cada um de seus períodos – simplificando, Knappett considera que, partindo dos mesmos dados, uma análise que enfatize aspectos da penetração econômica de um centro palacial, por exemplo, chegará a resultados bastante diversos de uma análise que se concentre na distribuição de artefatos representativos de um estilo específico ou ideologia. Seria necessária uma maior clareza do que estamos analisando e um melhor entendimento dos princípios fundamentais da organização estatal cretense. De forma alguma, em minha opinião, isso pode ser possível sem o uso de metodologias fundamentais neste doutorado, como os conceitos de *peer polity interaction* e do desenvolvimento de estratégias de poder, mas Knappett também propõem o uso de alguns conceitos úteis, alguns derivados da antropologia e já aplicados a outros contextos arqueológicos, como oriente Próximo e Mesoamérica. A idéia básica defendida

por Knappett, similar aos conceitos desenvolvidos por Earle ⁷, pode ser entendida pela dissociação dos aspectos econômicos, políticos e ideológicos do estado – cada faceta do poder estatal coexiste e pode estar unificada em seu centro de poder, como vemos nos palácios minóicos, mas a penetração territorial e a importância que cada um cumpre como fator de coesão geográfica varia de acordo com o caráter da USP a ser analisada.

Analisando nosso caso específico, das USPs minóicas neopalaciais, devemos ter em mente que o controle econômico direto palacial pode não ter sido tão eficiente quanto seu controle ideológico e cultural⁸. O fato dos estados minóicos neopalaciais apresentarem aspectos claros de uma economia redistributiva e uma sofisticação que permitia sua participação em redes de troca regionais através de sítios com características de portos de comércio não permite que entendamos os palácios minóicos como centros de poder de estados burocráticos plenamente estabelecidos. É fundamental chamarmos a atenção aqui para algumas implicações dessa abordagem – tais divisões das formas de poder estatal, se levadas ao extremo, podem ter tão pouco valor interpretativo quanto análises unitárias mais tradicionais. Uma análise superficial de aspectos puramente ideológicos, por exemplo, pode servir para embasar a tese do controle (e não apenas domínio) de Cnossos sobre toda a ilha no neopalacial – por outro lado, se levarmos em conta apenas aspectos econômicos, podemos resvalar para o extremo oposto, percebendo uma fragmentação total da ilha⁹.

Aplicando os conceitos de Knappett aos dados sobre a USP de Mália, basicamente partindo do princípio que um estado primitivo possa ter características centralizadoras e descentralizadoras, e utilizando metodologias típicas dos conceitos de estratégias de poder e

⁷ Ver discussão sobre o conceito de Estratégias de Poder

⁸ esses pressupostos não são estranhos ao conceito de estado primitivo, e já foram parcialmente levados em consideração em análises sobre as USPs minóicas, (como em Driessen e Macdonald, 1997).

⁹ Como chegam a considerar Driessen e Macdonald (acima)

de interação entre unidades sócio-políticas autônomas e paritárias (*peer polity interaction*), podemos atingir um maior alcance interpretativo. Através dos poucos dados que dispomos sobre presença militar do poder estatal em Creta, por exemplo, já se pode inferir que uma área tradicionalmente considerada “natural” para Mália, as terras planas de Lasithi, retinham, ao menos, algum grau de independência de qualquer centro – a área apresenta, em seus limites geográficos, construções com possível caráter defensivo. Apesar de pouco estudadas, estas construções do período protopalacial indicam que mesmo neste período, em que se supõem usualmente uma maior área de domínio de cada um dos centros palaciais da época (Cherry, 1986), a região não pode ser facilmente atribuída ao território de qualquer USP minóica. Por outro lado, uma análise inicial de estilos cerâmicos e iconográficos, ou seja, uma análise da influência cultural, tecnológica e ideológica aponta para um quadro de maior impacto territorial e Mália do que o tradicionalmente aceito – há uma forte influência de estilos maliotas tanto em Lasithi quando em sítio do sul da ilha, especialmente na área de Myrto Pyrgos. Também há claro predomínio maliota em sítios importantes do leste, como Gournia e Petras, apesar de haver igual influência iconográfica e estilística de Zakros e Palaikastro sobre estes centros, além de estilos característicos próprios e de influência cressiana crescente ao longo dos períodos minóicos... Esses dois conjuntos de dados específicos – possível influência ideológica sobre uma área vasta e aparente incapacidade de penetração político-militar em área vizinha ao centro palacial – não podem ser interpretados de forma “crua”, especialmente em separado, ou não nos dizem nada sobre a extensão territorial da USP de Mália e sobre o caráter do estado palacial maliota. Uma análise mais detalhada dos estilos cerâmicos dos sítios desta vasta região, numa análise multifacetada similar à realizada neste trabalho sobre a presença minóica nas ciclades, pode nos revelar dados com maior poder interpretativo. Se compararmos os estilos

cerâmicos tendo por base os usos e características de consumo de seus suportes, teremos um quadro bastante interessante. Mesmo em áreas de forte influência estilística maliota, como a área de Myrtos Pyrgos, veremos que há influência cultural/ideológica de Mália apenas em artefatos de consumo típico de elites, como vasos rituais de libação, e em reservatórios de estocagem de grande porte, como os *pithoi*. Os utensílios de dia a dia dos dois sítios, não apenas são completamente dissimilares estilisticamente, como são tecnologicamente bastante distintos – a maioria da cerâmica de uso diário de Mália é bastante padronizada, feita em escala “comercial” por oficinas, enquanto que a cerâmica de uso diário de Myrtos é produzida de forma artesanal, provavelmente nas próprias residências que as utilizavam. Além disso, tanto a cerâmica de elite quanto a destinada ao estoque de grandes volumes são estilisticamente similares a seus correlatos maliotas, mas são claramente de produção local. Distinções similares podem ser feitas para os sítios mais ao leste, como Petras e Gournia.

Esses dados, somados à presença, em maior ou menor grau, variável de acordo com o período, de influências ideológicas/culturais/estilísticas de outros centros palaciais sobre esses sítios, parecem indicar a absorção de valores ideológicos de elite através de processos típicos de interação entre unidades paritárias. Algum poder, oriundo do predomínio ideológico, de ter sido transmitido às elites do palácio de Mália, mas de forma alguma podemos associar tais sítios numa unidade sócio-política centralizada em Mália. A análise de cerâmica utilizada em transporte de materiais, como ânforas, também sugere ausência de controle econômico de Mália sobre essas áreas – importações de outras áreas de Creta, como de Festos, são encontradas nestes sítios, assim como ânforas destes sítios são encontradas em outros centros palaciais que não Mália. Não há nenhuma forma de monopólio de trocas evidente. É claro que devemos ter em mente que a capacidade de

estocagem do palácio e das grandes vilas urbanas de Mália, como a complexa Quadra Mu, além da óbvia organização administrativa e de contabilidade do sítio sugerem um domínio econômico de Mália sobre *alguma* área. Não existem, entretanto, indícios de que o centro palacial tivesse controle econômico direto sobre áreas além das planícies litorâneas do centro-leste de Creta.

Existem outros dados sobre a USP de Mália que tornam ainda mais complexa sua determinação territorial – ao contrário de todas as outras unidades políticas possíveis de Creta, Mália não apresenta alguns sítios que usualmente conectamos ao poder palacial. Não existem muitas vilas rurais claras no território e não há qualquer santuário de pico estabelecido firmemente para a região – existem vilas urbanas, num quadro até mais complexo e vasto que aquele de outros centros palaciais, mas parece possível que a elaboração do poder em Mália partia de uma composição parcialmente diferente da “típica” palacial minóica. Pode ter ocorrido uma maior centralização econômica no sítio urbano, ainda que controlando uma área relativamente pequena para a importância do sítio palacial, e o uso da ideologia como forma de controle parece mais conectada ao consumo cultural direto das elites que ao uso de símbolos religiosos e santuários rurais marcadores de território. A presença de áreas específicas de culto no centro urbano parece também concentrar essa faceta do poder. As elites palaciais de Mália parecem ter competido por poder e prestígio usando elementos ideológicos diretamente ligados ao seu centro de poder, negando, dessa forma, símbolos de prestígio de alguns de seus pares competidores.

Gournia

O sítio de Gournia foi definido como centro palacial do neopalacial de forma relativamente tardia dentro da arqueologia minóica, mas o *status* do sítio já está bem estabelecido (Soles, 1991). O palácio apresenta a maioria das características típicas de um centro palacial minóico, tanto arquiteturas quanto funcionais, apesar de aparentar uma menor riqueza de acabamento. A área destinada à estocagem, apesar de ainda não muito bem definida, parece ter sido superior a do palácio de Zacro, cerca de metade daquela do palácio de Festos (Moody, 1987). O palácio também apresenta áreas destinadas a culto, bacia lustral, grandes escadarias, um pátio central (possivelmente deslocado, talvez aberto a sul) e oficinas. Existem vilas na área urbana, apesar de não estar definido se parte delas era diretamente conectada ao palácio – as vilas apresentam arquitetura palacial, áreas de culto e estocagem. Nem o palácio nem as vilas, entretanto, produziram qualquer documento inscrito com Linear A que pudesse ser conectado a arquivos administrativos, o que provavelmente representa um acidente de preservação. Outro problema já levantado para a definição de Gournia como centro palacial é o reduzido tamanho da área urbana do sítio, mas existem indícios de que a área habitada se estende para além da região já escavada, e a

população do sítio, apesar de pequena, não deve ter sido inferior à de outros centros, como Zacro.

As evidências sobre as relações territoriais de Gournia são complexas. Por um lado temos um aumento constante da presença de elementos associados ao domínio ideológico cnossiano, como cornos de consagração, impressões de selos similares aos usados no palácio de Cnossos e alguma importação da área. Por outro lado podemos estabelecer laços econômicos claros com sítios de segunda ordem na região próxima de Gournia que sugerem um domínio econômico deste centro, como o uso de pedras extraídas do sítio de Mochlos, a leste, para a construção do palácio, além de uma inferida absorção de alimento de sítios que apresentam vilas neopalaciais, como Vasilike, ao sul – Gournia não apresenta terras aráveis próximas ao núcleo urbano, e se acredita que o sustento da população local tenha vindo de tais sítios. Existe uma construção de possível caráter defensivo, no sítio próximo de Chalinomouri, que pode marcar o limite leste, de fronteira com o território de Petras, da USP de Gournia, o que representaria a presença de poder militar ou de controle direto. O sítio de Pseira, ilha na baía de Mirabello, abordado em discussão sobre as redes de troca egéias, apesar de próximo ao centro palacial apresenta diversos aspectos de domínio cnossiano, tanto ideológico quanto econômico, provavelmente não constituindo parte da esfera de influência da USP de Gournia. Outros sítios com possíveis vilas neopalaciais se concentram na costa da baía de Mirabello – a proximidade geográfica com Gournia e a ausência de sinais de influência de qualquer espécie exercida por outros centros palaciais, indica que estão conectados ao palácio deste centro.

Petras

A área de Petras, na baía de Sitéia, leste de Creta, apresenta todos os traços característicos de uma USP minóica – vilas isoladas, vilas em povoados rurais¹⁰ e um sítio de caráter urbano, Petras, com uma construção palacial central e vilas urbanas. As planícies agriculturáveis da baía de Siteia constituem uma área relativamente reduzida, cercada de montanhas – um enclave arável, como a maioria das áreas habitadas pelos minóicos em Creta. Escavações e levantamentos de superfície revelaram ao menos três vilas rurais de importância (Achladia, Zou e Ayios Georgios), um possível santuário de Pico (Prinias), uma vila isolada de grande porte, Climataria, diversas vilas isoladas de pequeno porte e um centro palacial, Petras, com diversas características únicas. Próximas ao palácio, em Petras, duas vilas urbanas de grande porte foram encontradas.

Não podemos acessar com facilidade a cidade minóica de Petras – a área foi habitada durante diversos períodos históricos numa sucessão não muito clara de continuidade e reocupação. A área também é parcialmente coberta pela moderna cidade de Siteia, num quadro similar ao de Cânia, no extremo oposto da ilha. Ao contrário de Cânia, por outro lado, uma construção de caráter palacial *foi* definitivamente escavada. A definição de Petras como centro palacial não é livre de incertezas – esbarra em sutilizações de

¹⁰ as “vilas senhoriais” de Betancourt, (Betancourt, 1997)

interpretação, problemas específicos de conservação e análise do sítio e nas dificuldades tipológicas comuns da arqueologia minóica. O palácio ocupa uma área de, aproximadamente, 2000 m², cerca de 10% da área do maior dos palácios minóicos, Cnossos. Apesar de reduzido, pátio interno está presente e apresenta um eixo basicamente norte-sul, como nos demais palácios da ilha – a maioria das características arquiteturais básicas dos palácios também está presente em Petras, como partições de porta e coluna, trabalho de cantaria de alta qualidade, escadarias monumentais e um sistema de drenagem complexo. O sítio ainda apresenta grande área destinada à estocagem e inúmeros *pithoi*.

Entretanto, como já dito, a classificação do sítio como centro palacial não é unânime, e não apenas pelo tamanho reduzido da construção palacial – o sítio apresenta algumas anomalias que forçosamente nos levam a repensar algumas estreitezas de nossas definições tipológicas. Não existe bacia lustral identificada no sítio, e são poucos os indícios de áreas destinadas a culto¹¹ - a planta arquitetural do sítio também não é típica, mas isso pode ser explicado por um conjunto de fatores: intervenções de uso posterior, características geográficas do terreno irregular e em declive e a presença de arquitetura anterior à construção do palácio. Temos uma muralha de contenção de terreno¹², do protopalacial, a leste e norte, e um forte declive ao norte, o que levou a um desmembramento da ala norte do palácio, afastada para leste e a um uso limitado da área leste. A ala sul é pouco compreendida, tendo passado por reformas no MR I B, com adição de novas áreas de estocagem. Não existem oficinas diretamente conectadas ao palácio, mas uma área puramente dedicada a oficinas, com tornos cerâmicos e restos de vasos de pedra,

¹¹ existem, entretanto, bancadas que podem ter tido algum papel religioso e uma grande mesa de oferendas.

¹² Tsipopoulou argumenta com clareza que a muralha não apresenta características defensivas ou de limitação de acesso (Tsipopoulou, 1997).

foi encontrada a cerca de 40 metros do palácio, sem aparente ligação construída com o mesmo. Foram encontradas diversas tabuletas inscritas com Linear A no local, além de um curioso, por estar fora de seu contexto temporal, disco inscrito com escrita hieroglífica.

Apesar da distribuição arquitetônica irregular, entretanto, se considerarmos a área de oficinas como parte própria do palácio, o que parece correto, teremos todas as *funções* típicas de um palácio presentes no sítio, assim como a maior parte dos marcadores tipológicos característicos de um palácio – nenhum outro sítio minóico, incluindo as vilas neopalaciais, apresenta um quadro funcional, e mesmo tipológico, tão completo, típico de um centro palacial, notadamente o pátio central. A flexibilidade arquitetônica do palácio é claramente apenas isso – uma flexibilidade adaptativa maior que a de nossas tipologias artificiais.

As três vilas rurais presentes na baía de Siteia, Achladia, Ayios Georgios e Zou, apresentam construção refinada, com trabalho de cantaria de estilo palacial e grandes áreas devotadas à estocagem, num quadro bastante típico das vilas rurais do neopalacial. Todas, como o palácio de Petras, são construções de destaque inseridas em povoados. Climatária, a maior das vilas isoladas do território, parece ter sido uma construção com finalidades mais específicas e limitadas, provavelmente ligada ao controle de mercadorias destinadas ao centro palacial e ao comércio marítimo (a vila está próxima ao centro, na junção de dois rios que passavam nas cercanias de Petras e seguiam em direção ao mar). Duas vilas urbanas em Petras, próximas ao palácio, apresentam áreas possivelmente destinadas a culto e alguma capacidade de estocagem, reduzida quando comparada a apresentada pelas vilas rurais.

Em termos cronológicos, o padrão de assentamento local segue aquele da maioria das áreas de Creta. Existem alguns sítios de importância do período pré-palacial, como

Chamaizi, abandonados no período seguinte, o protopalacial – neste período temos indícios de construções importantes, porém pouco entendidas ou preservadas, apenas na área de Petras, o que pode significar que este já era um sítio palacial (Tsipopoulou, 2003). No início do período neopalacial, (MM III / MR I A), o quadro volta a se tornar mais complexo e descentralizado, com o desenvolvimento das vilas (rurais, urbanas e isoladas) e a construção do palácio neopalacial em Petras. Durante o MR I A há um nível de destruição generalizada – as vilas são abandonadas e não voltam a ser utilizadas no período seguinte, o MR I B (ainda no neopalacial). O palácio é atingido de forma parcial e continua a ser ocupado no MR I B, após passar por reformas e pelo aumento de sua capacidade de estocagem. O final do período é marcado por destruições provocadas por fogo no palácio, que não volta a ser utilizado. O quadro segue de forma fiel o modelo apresentado por Driessen e Macdonald (Driessen & Macdonald, 1997) – novas fundações (vilas, possivelmente o próprio palácio) no MM III e início do MR I A, destruições ainda no MR I A, abandono de parte significativa dos sítios no MR I B, com reformas enfatizando aumento da área de estocagem e produção nos sítios ainda utilizados; destruição por fogo dos centros políticos ainda em uso no final do MR I B.

Catálogo Demonstrativo.

Aqui será apresentado um pequeno catálogo demonstrativo de alguns dos artefatos minóicos ligados ao registro contábil e administração, e plantas de sítios administrativos típicos analisados neste doutorado. O objetivo primário deste catálogo demonstrativo é de simples ilustração das categorias de artefatos e sítios estudadas nesta pesquisa. Também será anexado catálogo de trabalho específico com os selos minóicos.

As escritas e os selos minóicos

O estudo das escritas minóicas, (hieroglífica e Linear A), assim como dos selos administrativos, pode fornecer valiosos dados sobre a administração em Creta e sobre eventuais ligações entre diversos sítios administrativos – uma vila que usasse selo de Cnossos quase certamente estaria ligada a este palácio e não ao de Festos, por exemplo. Mesmo não tendo sido decifrados, portanto, os sistemas de registro de informações da administração minóica podem revelar muito sobre a mesma. Será realizada, neste trabalho, uma pesquisa para tentar utilizar as ferramentas administrativas minóicas para estabelecer possíveis ligações entre sítios e auxiliar na análise funcional de cada sítio específico. Em pesquisa durante Mestrado, já foi realizado um estudo preliminar dos estilos figurativos dos selos minóicos.

Durante a Idade do Bronze (e mesmo o período Neolítico), em Creta e em quase todas as regiões civilizadas do mundo, os selos foram as principais garantias de segurança. Aquele que quisesse ter acesso aos documentos e às mercadorias seria obrigado a romper um lacre (de cera ou barro) gravado previamente por um selo – o rompimento do lacre tornava óbvio que alguém tivera acesso aos itens protegidos, e um novo lacre igual ao original só poderia ser feito por quem possuísse o selo utilizado para gravar o lacre. Dada a importância dos selos e a ligação destes com o sistema administrativo e as elites, estes acabavam por se tornar insígnias hierárquicas e itens de prestígio.

A análise dos selos encontrados em diversos sítios (normalmente em contextos funerários), como os de Messara, Gournia, Krassi e Vorou, revela uma fase de grande unidade estilística entre os períodos MA II e MM I – ou seja, aproximadamente contemporânea ao período pré-palacial minóico. Apesar de selos com características estilísticas e técnicas semelhantes às desse “estilo pré-palacial” ainda serem presentes no período posterior (proto-palacial) em alguns sítios, como Platanos, uma nova fase, a do “estilo proto-palacial”, é reconhecida nos selos minóicos. A fase seguinte, contemporânea do período neopalacial, é caracterizada não por um estilo predominante, mas por quatro estilos contemporâneos. Uma última fase, posterior aos palácios de Creta, é representada pelo estilo “pós-palacial”.

Descrição das peças

1.

Altura: nd.

Largura: nd.

Tabuleta de argila com inscrições de Linear A, do maior arquivo já encontrado de tais documentos, na vila de Ayia Triada. Ayia Triada, neopalacial (Cotterell, 1980: p. 67). P. I, f. 1.¹³

2.

Largura: c. 16.

Espessura: c. 1,2.

O Disco de Festos. Documento único em vários aspectos. Apresenta-se como disco de argila, gravado em baixo relevo em ambas as faces. Os símbolos foram gravados através do uso de selos de impressão para cada símbolo, o que faz deste o mais antigo texto impresso do mundo. Temos 242 sinais, sendo 45 sinais diferentes, organizados em 61 grupos

¹³ A escrita Linear A, apesar de não decifrada, já nos fornece muitas informações sobre a sociedade minóica. Já se pode extrair alguns dados possíveis a respeito do significado dos textos escritos em Linear A através de comparações de sinais desta escrita com a escrita Linear B (e a também aparentada escrita cipro-minóica). Aparentemente a escrita, quando empregada da forma vista aqui, ou seja, em tabuletas de argila, tinha como principal objetivo a organização contábil-administrativa (dados de estoque, fluxo de mão de obra e mercadorias, etc). Quando empregada em outros objetos, como mesas de oferendas, parece ter sido destinada basicamente a formulas religiosas.

definidos por caixas incisas manualmente. Festos, proto-palacial (Cotterell, 1980: p. 77; Preziosi, 1999: p. 70, f. 37). P. I, f. 2; P. II, f. 1.¹⁴

3.

Calcedônia. Neopalacial. Amigdalóide, 25 X 15 mm. Grifo deitado sobre uma linha que serve de base. Corpo com perfil à direita, longo pescoço. Sobre a cabeça, virada à esquerda, um topete de penas. A asa da direita menor que a da esquerda produz um efeito, talvez involuntário, de perspectiva. Traços bastante estilizados e harmoniosos. Lassithi. (Xénakis-Sakelariou 1958: pl. IX). P. III, f. 1.

4.

Calcedônia. Neopalacial. Lenticular, 22 mm. Cena de “Acrobacia de Touros”, no momento em que o acrobata, largando os cornos do animal, está pulando sobre o touro. O corpo do homem é alongado, formando um semi círculo, seus pés quase tocando o touro, cujo corpo também chega a formar um semi círculo, em posição inversa. Cena altamente esquematizada, as articulações são completamente reduzidas a pontos. Cnossos. (Xénakis-Sakelariou 1958: pl. XI). P. III, f. 2.

¹⁴ Os sinais foram gravados da direita para esquerda, aparentemente, contrário ao costume minóico (esquerda para direita). Alguns sinais apresentam semelhança com sinais de escritas da região do Egeu, incluindo a hieroglífica e a Linear A minóicas, mas a maioria parece não ter laços com escritas conhecidas. É bastante provável tratar-se de uma importação, e não de um documento minóico. Infelizmente, até que outros documentos semelhantes sejam encontrados em Creta ou em outro local, dificilmente a escrita será decifrada e sua origem realmente estabelecida. Para maiores detalhes, veja Chadwick, (Chadwick, 1997).

5.

Meteorito. Neopalacial. Lenticular, 17 mm. Minotauro, com corpo humano e busto e cabeça de touro. A figura corre para a esquerda, mas a cabeça de touro se volta para trás de forma irreal devido à falta de espaço. Uma estrela é representada à direita do minotauro.

Festos. (Xénakis-Sakelariou 1958: pl. IX). P. III, f. 3.

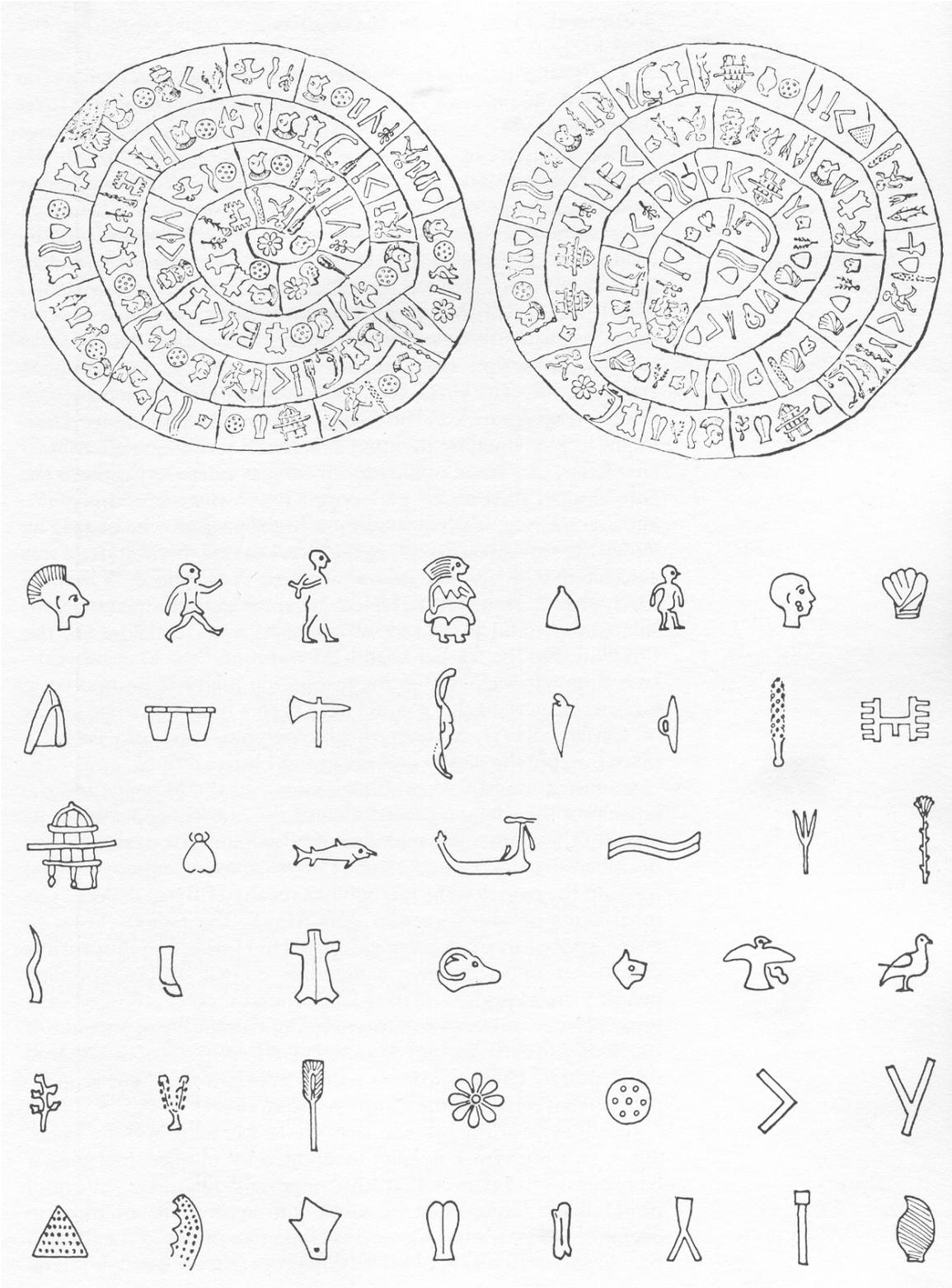


1

2



Prancha I



Prancha II



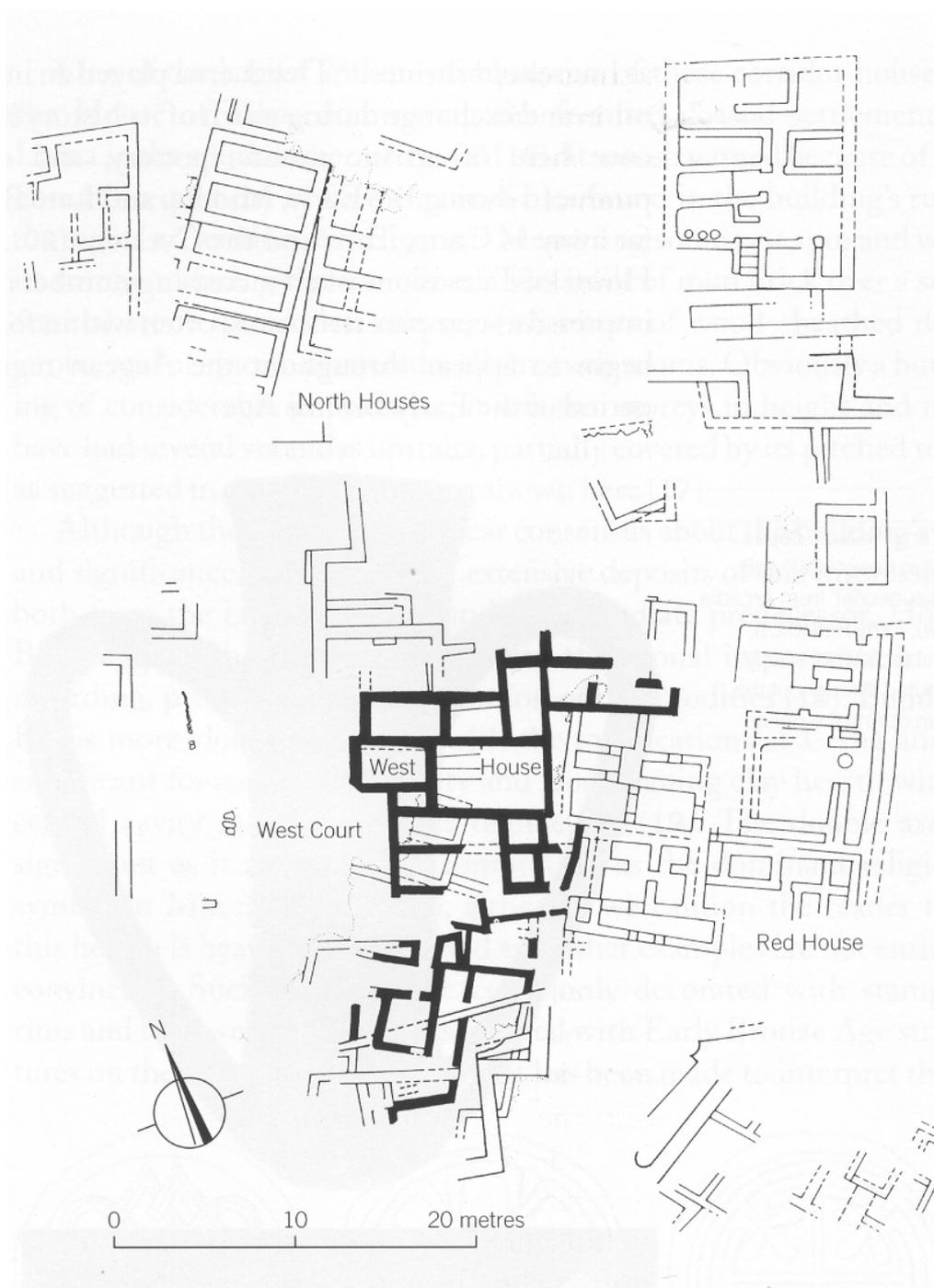
1



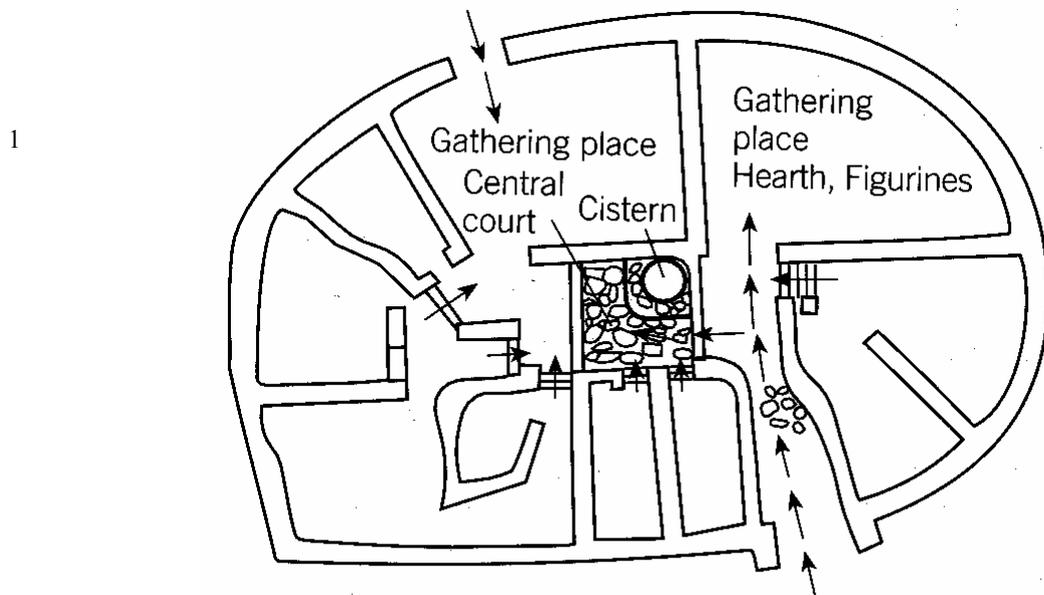
2



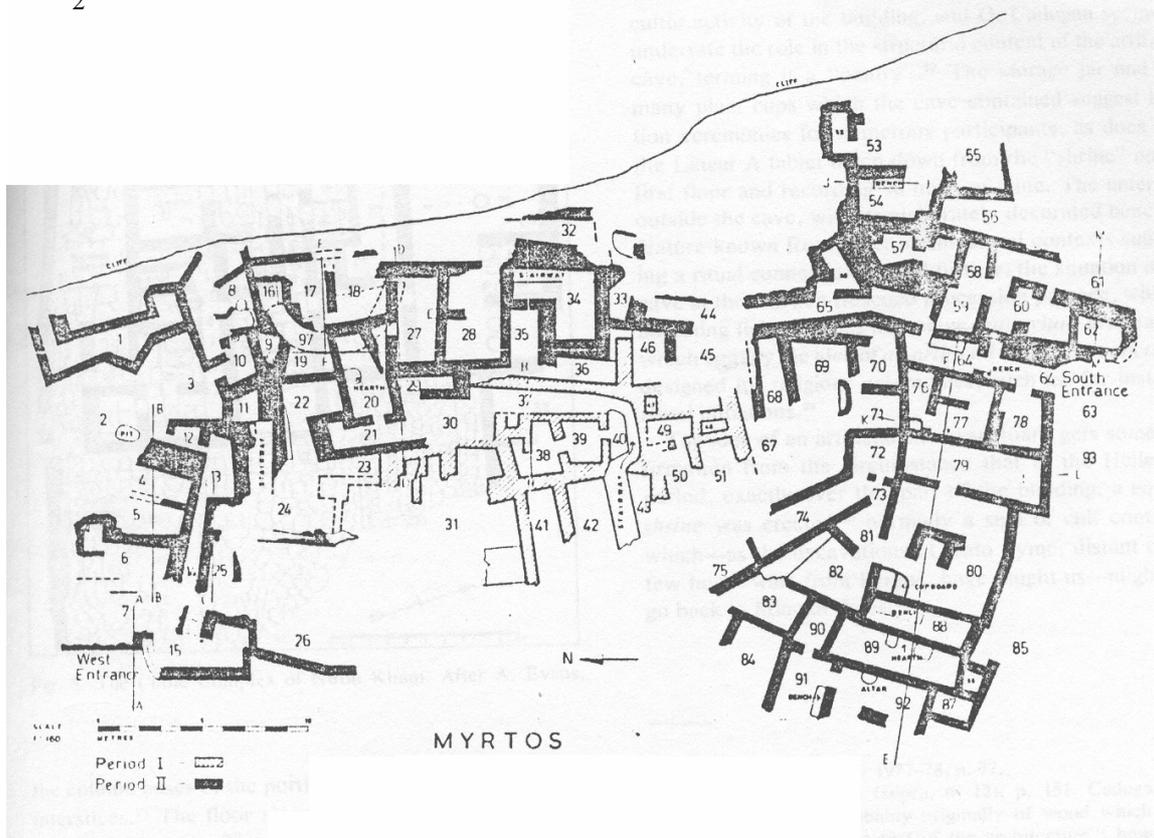
3



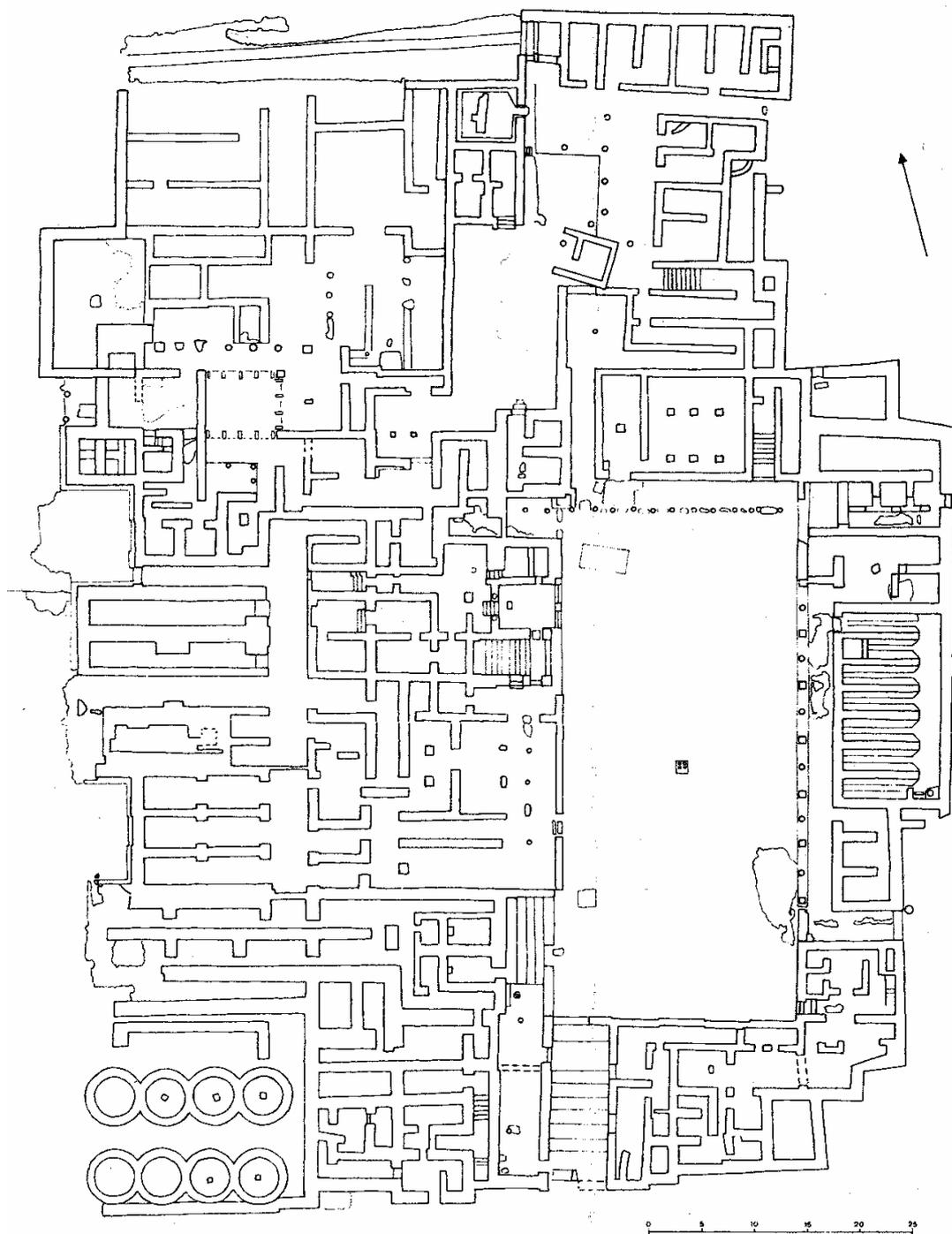
Prancha IV: f. 1 Vasiliki (Pré-palacial). Extraído de Preziosi (1999, 48).



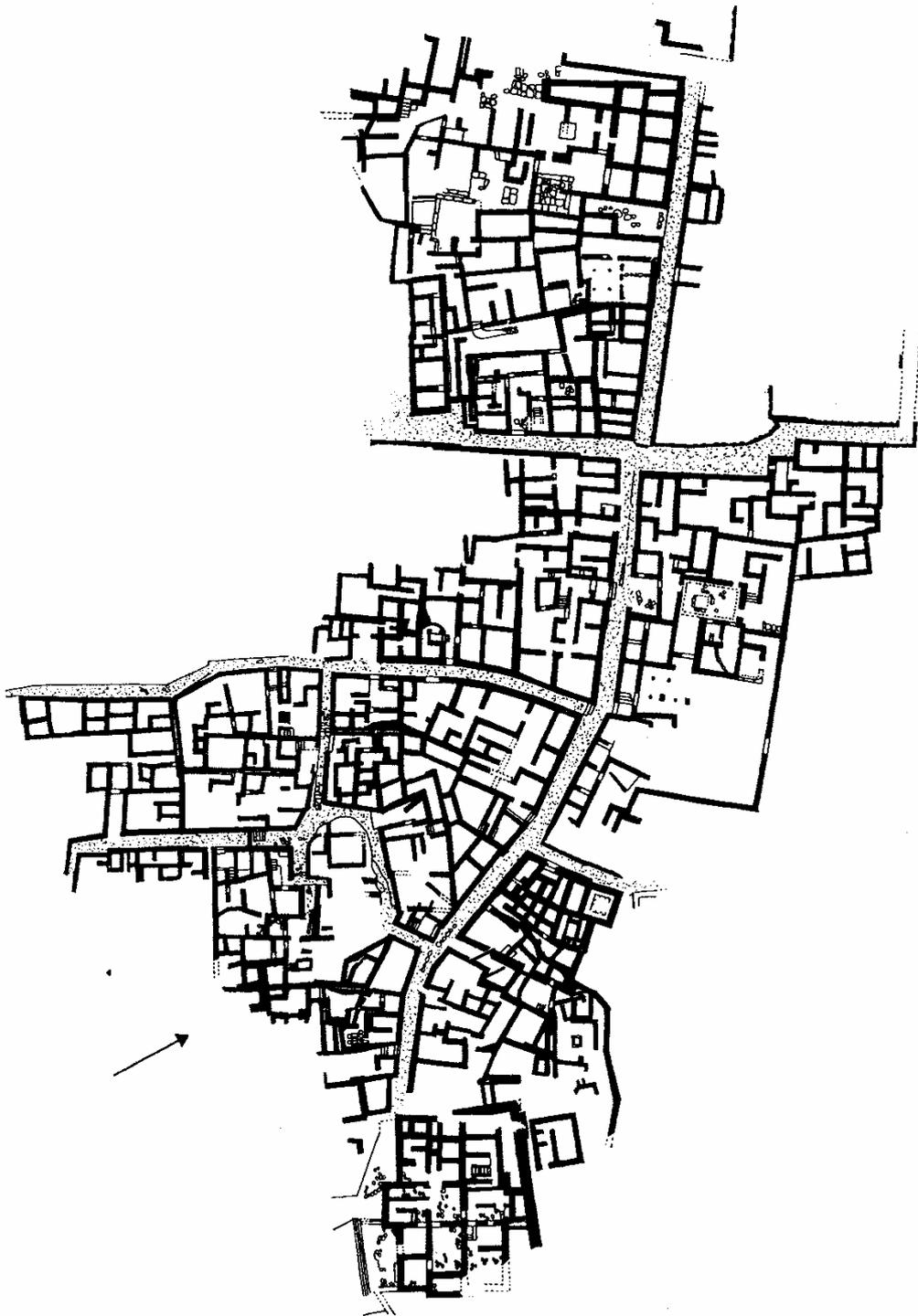
2



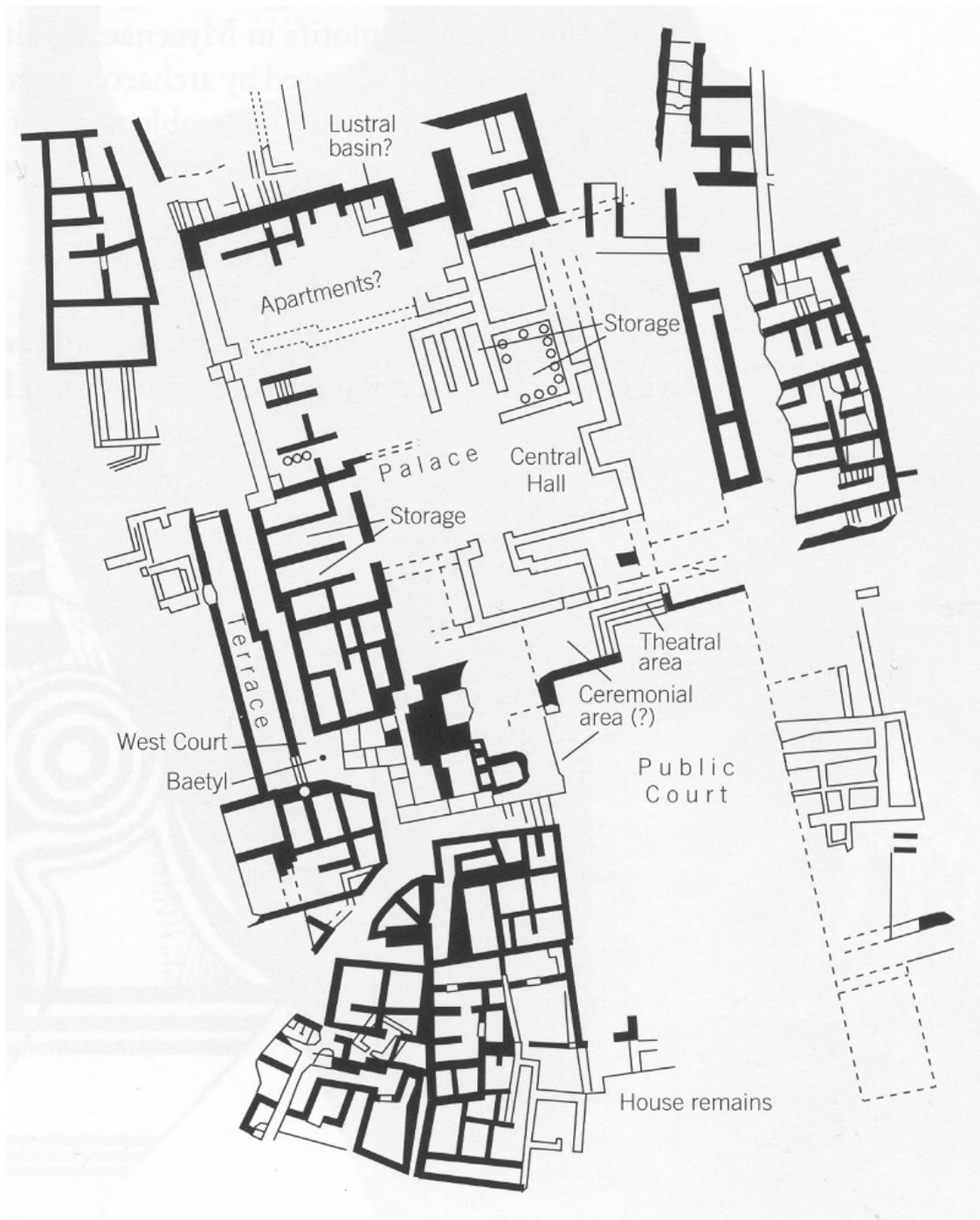
Prancha V: f. 1 Chamaizi (Pré-palacial). Extraído de Preziosi (1999, 74); f. 2 Myrtos Fournou Corifi (Pré-palacial). Extraído de Warren (1997, 49).



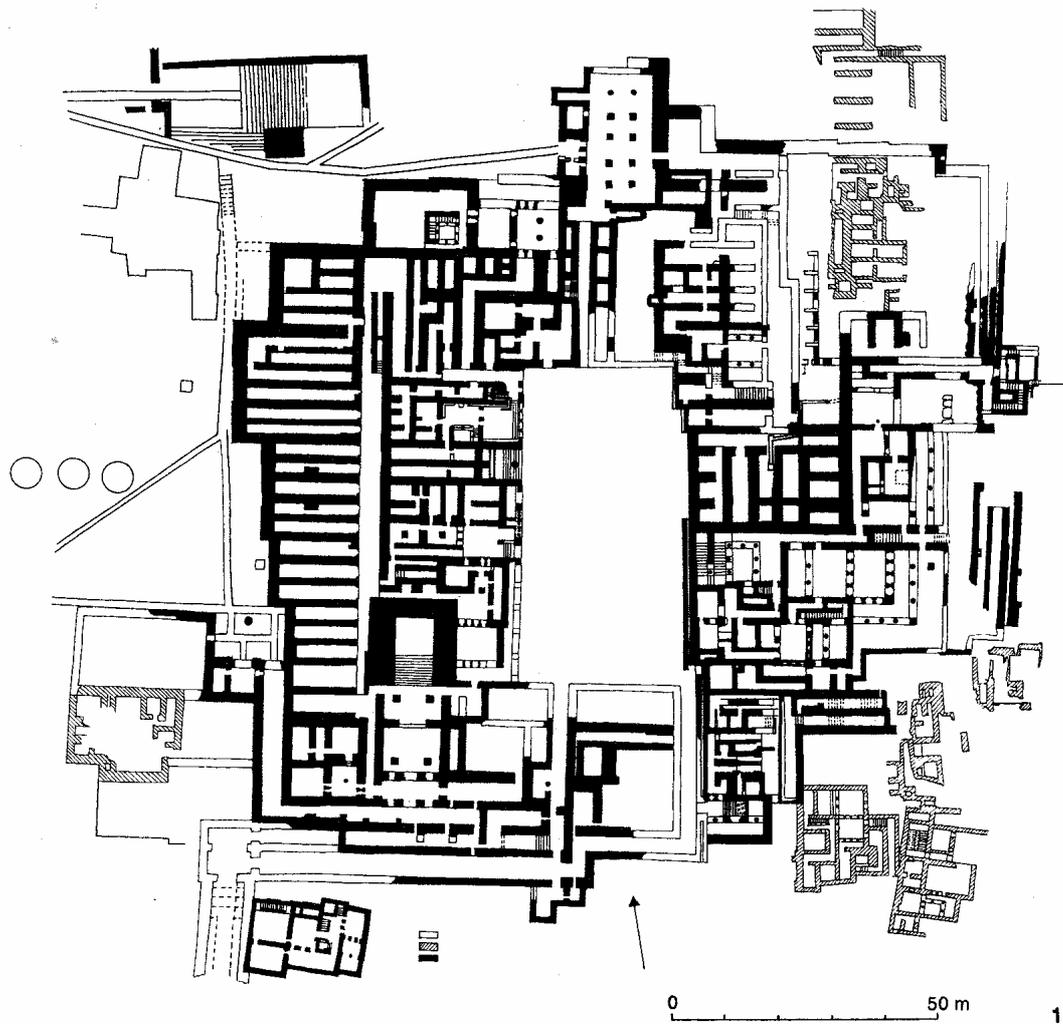
Prancha VI: f. 1 Mália (Palácio, proto-palacial). Extraído de Hackens (1990, 55).



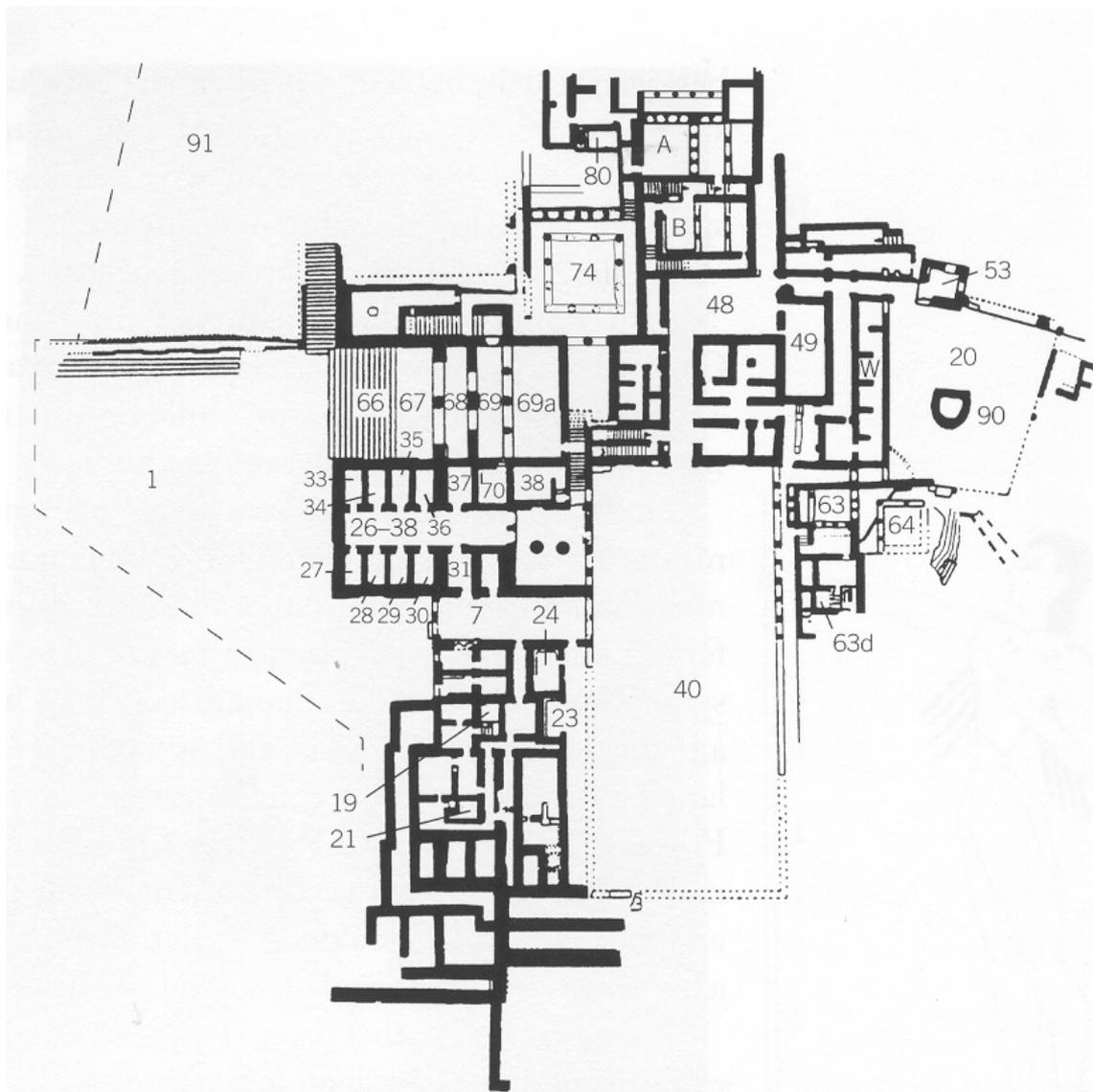
Prancha VII: f. 1 Palaikastro (Neopalacial, cidade). Extraído de Hackens (1990, 85).



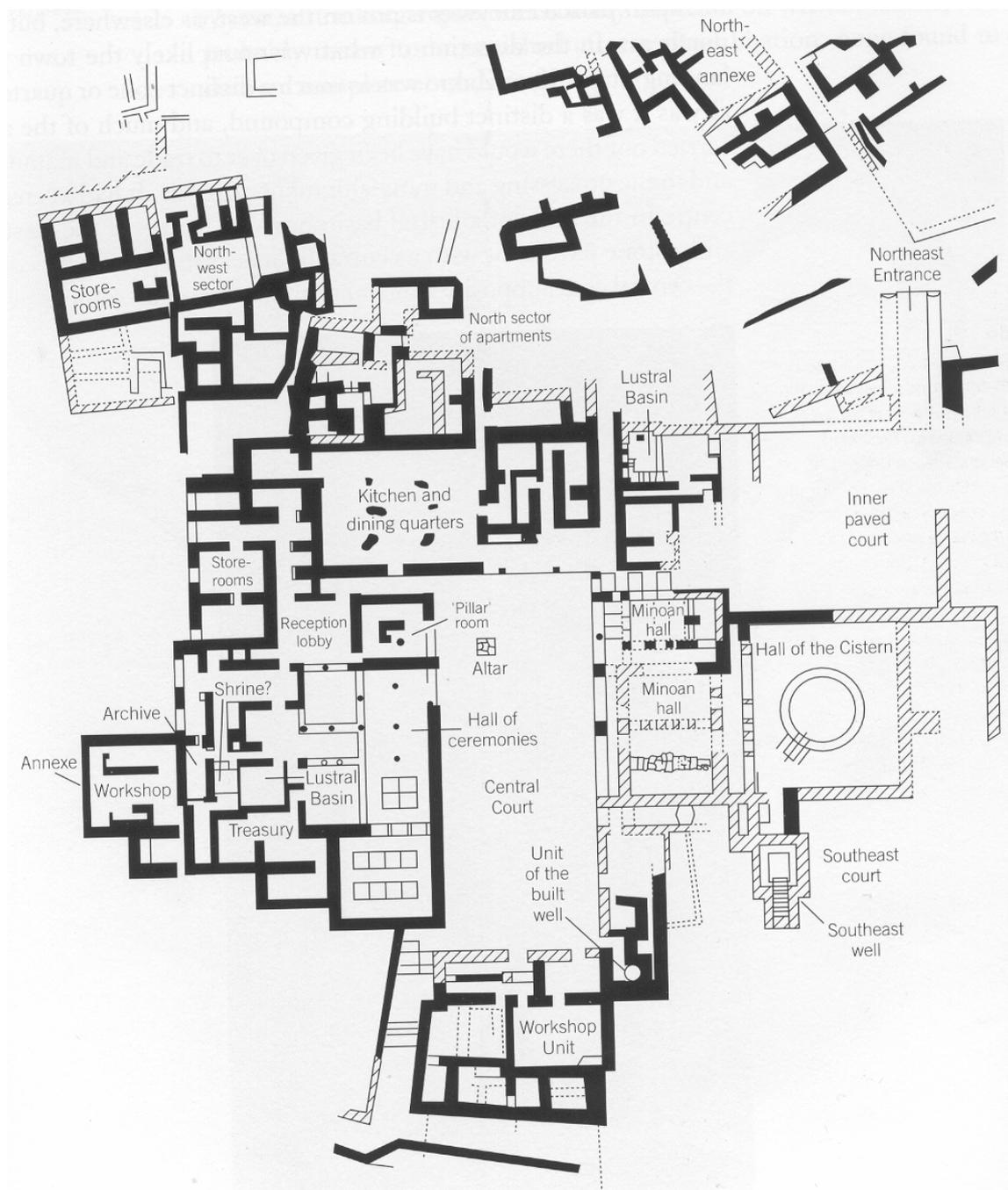
Prancha VIII: f. 1 Gournia (Palácio, neopalacial). Extraído de Preziosi (1999, 104).



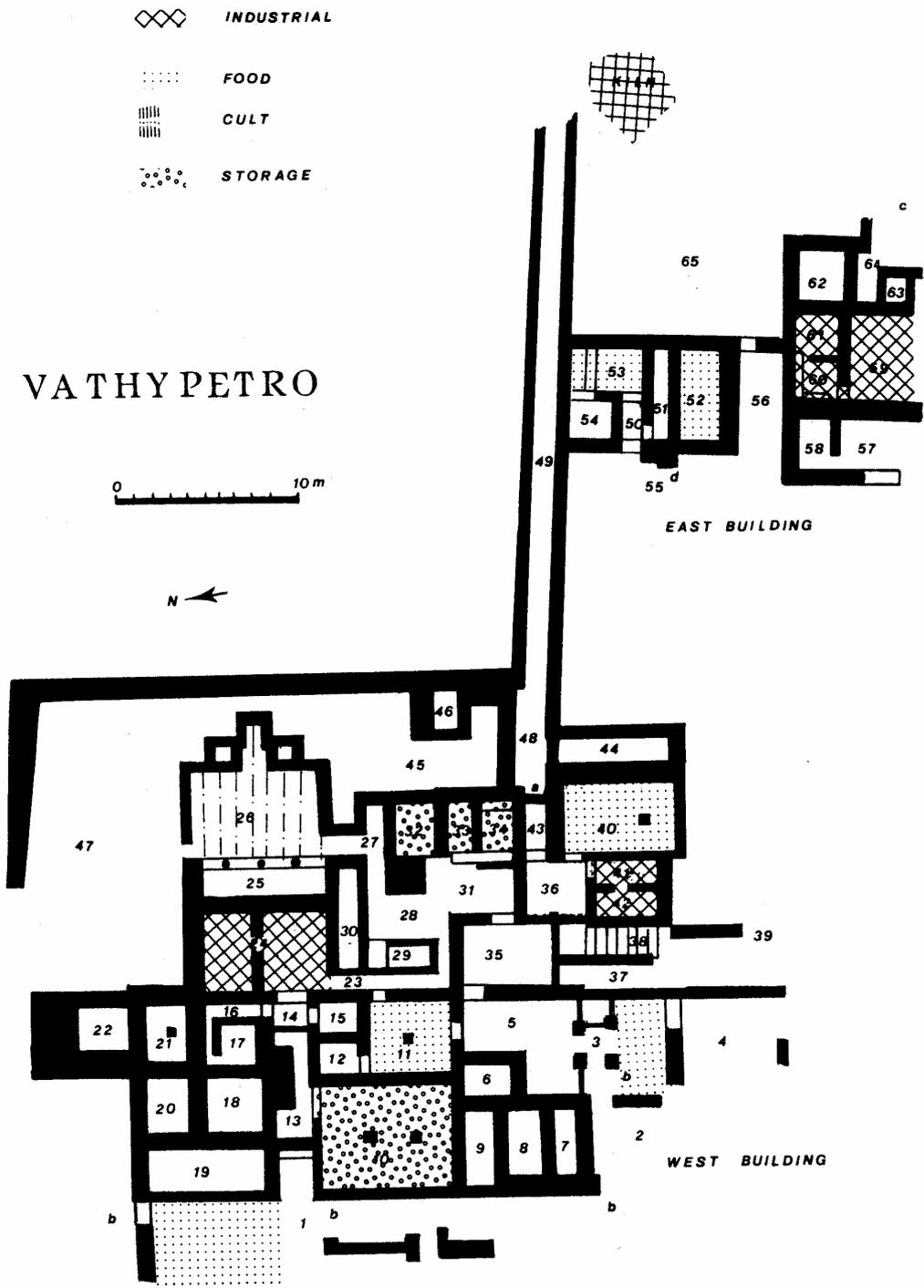
Prancha IX: f. 1 Cossos (Palácio, neopalaço). Extraído de Hackens (1990, 76).



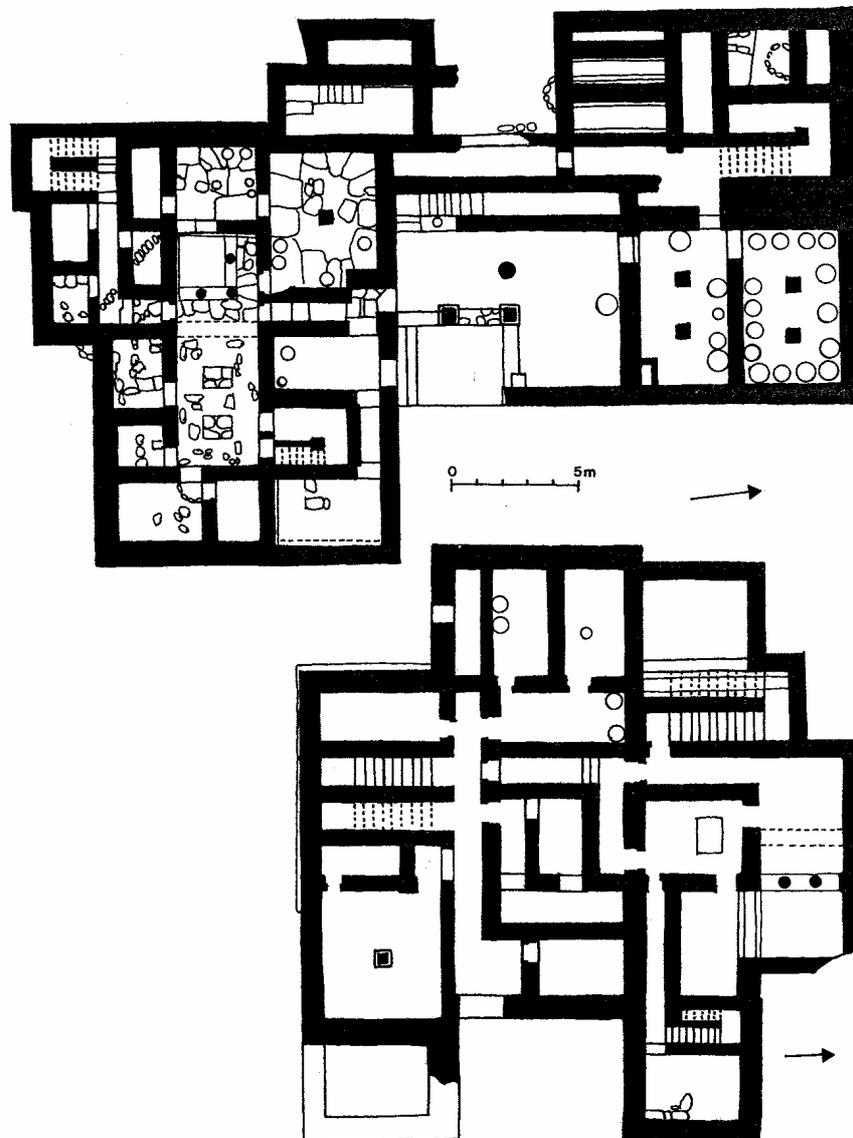
Prancha X: f. 1 Festos (Palácio, neopalacial). Extraído de Preziosi (1999, 100).



Prancha XI: f. 1 Zakro (Palácio, neopalacial). Extraído de Preziosi (1999, 107).



Prancha XII: f. 1 Vathy petro, vila (Neopalacial). Extraído de Driessen (1997, 76).



Prancha XIII: f. 1 Tylosos A e C, vila (Neopalacial). Extraído de Hackens (1990, 80).



Prancha XIV: f. 1 Ayia Triada, vila (Neopalacial). Extraído de Hackens (1990, 79).

Conclusão

Como vimos no capítulo II, o uso de documentos escritos minóicos para a análise de aspectos administrativos palaciais esbarra num fator óbvio – as escritas Linear A e hieroglífica não foram decifradas. Entretanto, o estudo das formas administrativas do sistema palacial minóico pode fazer uso de tais documentos para lançar alguma luz sobre os processos de funcionamento político e econômico dos palácios, e nas formas de relação entre sítios administrativos neopalaciais. Se compararmos o uso da escrita durante os sistema palacial minóico com aquele do período micênico posterior, da Linear B, também podemos obter dados interessantes (Bennet, 1990 e Schoep, 1999). Os documentos inscritos em Linear B (já decifrada) apresentam uma padronização formal e estilística completamente diferente da que encontramos no período palacial minóico – entre os minóicos virtualmente não há padronização na forma de se inscrever as tabuletas, muito menos no formato da mesma. Podemos notar variações temporais, regionais e até intra-sítio.

O quadro apresentado pelo uso da Linear B parece indicar um estado muito mais formal e centralizado, possivelmente com maior contato e interdependência econômica entre as USPs micênicas e um controle muito mais hierarquizado nos centros palaciais. Se não podemos, certamente, falar de um estado micênico único com base em tal padronização, o outro extremo também é complexo – como podemos defender um controle

econômico e administrativo em regiões vastas a partir dos centros palaciais minóicos se há tamanha variação nas formas de contabilidade e controle na ilha? No mínimo as vagas noções de controle total cnoossiano no final do período palacial minóico deveriam apresentar boas soluções para essa particularidade.

Um exemplo da falta de cuidado na análise interpretativa dos dados político-administrativos minóicos pode ser encontrado no trabalho de Driessen e Macdonald (1997) discutido no primeiro capítulo deste trabalho – enquanto o tratamento dos dados pelos autores é de qualidade irreprovável, o próximo nível de interpretação dos dados realizada, entretanto, é bastante problemática, na mesma categoria das propostas de domínio cnoossiano de Creta... Os autores percebem no aparecimento das vilas durante o início do período neopalacial uma mudança significativa na concepção do estado palacial minóico, vendo nisso não um processo de descentralização ou de aumento de complexidade, mas sim de fragmentação do sistema e surgimento de elites locais, ainda conectadas ao sistema palacial.

As destruições do MR I A teriam levado a um aumento da percepção de incapacidade do estado e a uma aceleração do processo de fragmentação, com uma busca desorganizada por segurança através do aumento de áreas de estocagem nas vilas e da imposição de formas de restrição de acesso nos palácios. Seria perceptível uma diminuição da capacidade tecnológica e artística nos centros palaciais e uma maior incapacidade estes de controlar o território, mas um aumento simultâneo da capacidade de produção e estocagem nos palácios e vilas. Os centros palaciais e as vilas seriam forçados a um processo de aceleração de mudanças no sentido da constituição de estados burocráticos avançados, capazes de produção em larga escala e de garantir a segurança alimentar, num possível processo de emulação das USPs micênicas. Esse processo de mudanças, acelerado

pela escassez provocada pelas destruições do MR I A, seria marcado não necessariamente por uma fase de catástrofes ou colapso, mas certamente por uma crise sistêmica. A insegurança e a penúria gerada pelas mudanças de equilíbrio do sistema teriam por ápice as destruições do MR I B, mas o processo de transformação dos estados minóicos culminaria apenas no MR III com uma nova organização do sistema palacial micenizada e utilizando a Linear B, talvez sob controle direto de uma elite micênica.

Um bom contraponto para as interpretações pouco fundamentadas de Driessen e Macdonald é o trabalho etnoarqueológico de Christakis. Através de dados etnográficos cretenses e dados arqueológicos, Kostas Christakis (1999) tenta estabelecer modelos específicos sobre capacidade de armazenamento de alimentos e distribuição de recursos durante o período neopalacial. Christakis traça o caminho inverso daquele realizado pelos arqueólogos – parte de dados conhecidos sobre a capacidade de armazenagem de casas particulares cretenses dos séculos XIX e XX e compara com dados sobre a área destinada nestas casas para essa função e, especialmente, ao número e tamanho dos *pithoi* utilizados para tanto nestas residências. A análise destes dados permite estabelecer com alguma exatidão qual a quantidade de alimento que determinada área e volume de vasos permite armazenar – utilizando essas informações no registro arqueológico minóico, Christakis acredita chegar a uma quantidade mais realista da capacidade de armazenamento das vilas e palácios minóicos.

Os dados atingidos desta forma parecem ser confiáveis num contexto em que a comparação direta de informações é possível, como no caso dos *pithoi*. mas podem não ser precisos no caso de sítios que também utilizaram outras formas de estocagem, sem paralelos diretos com aqueles utilizados pelas residências cretenses modernas, como os grandes silos presentes em alguns palácios. Além disso, a base alimentar cretense moderna pode ser

similar à minóica, mas certamente não é idêntica. Também é complexa a estimativa do número real de *pithoi* utilizados nos sítios minóicos, uma vez que não podemos ter a certeza de que aquilo que é encontrado representa de forma fiel o número de fato utilizado em períodos minóicos. Tendo essas ressalvas em mente, os dados etnográficos apresentados por Christakis certamente são úteis, e devem se aproximar, em ordem de grandeza, de seus equivalentes minóicos.

A análise dos dados apresenta um panorama um pouco diverso daquele tradicionalmente interpretado para o neopalacial – Christakis contrasta suas análises especialmente com as interpretações de Driessen e Macdonald (1997) e Moody (1987). Ao invés de perceber uma diminuição na capacidade de armazenamento dos palácios na passagem do protopalacial para o neopalacial, chega ao resultado oposto, com duas fases de aumento da área de estocagem dos palácio – na passagem para o neopalacial e após a fase de destruição do MR I A identificada por Driessen e Macdonald. Sobre as vilas minóicas do neopalacial, o autor não percebe, ao contrário dos autores acima citados, aumento na área de estocagem das vilas reocupadas no MR I B – não parece haver uma tendência à descentralização ou fragmentação contínuas do controle de estoque de alimentos, muito pelo contrário.

Deve se levar em conta, também, algumas informações surpreendentes que essa forma de análise gera: aparentemente as vilas neopalaciais, mesmo aquelas com maior área registrada de estoque, não apresentam capacidade de armazenamento superior ao das casas rurais mais abastadas do período moderno. As reservas de alimento ali estocadas somente poderiam ser destinadas ao consumo dos moradores ou funcionários das próprias vilas, ou eram, na realidade, áreas de estocagem temporárias, destinadas a reter produtos por muito pouco tempo antes de serem direcionados aos palácios. Se esses dados estiverem corretos

as vilas minóicas poderiam possuir apenas dois papéis básicos, não necessariamente excludentes – ou eram locais de moradia de uma elite local, ou centros administrativos de segunda ordem. Não poderiam ser locais de armazenamento regional de alimentos. Em qualquer hipótese, a interpretação destes dados através dessa comparação etnológica, eliminaria as duas principais correntes de pensamento sobre o sistema redistributivo minóico do neopalacial – aquela de Moody e da maioria dos outros autores, que apresenta o quadro do neopalacial como um aumento da complexidade do sistema através da descentralização redistributiva e do aumento do papel dos palácios como produtores de ideologia, e a corrente iniciada por Driessen e Macdonald, que entende também uma descentralização de funções econômicas no período neopalacial, mas num contexto de crise e fragmentação do sistema.

Bibliografia

ADAMS, Ellen. “Power and Ritual in Neopalatial Crete: A Regional Comparison” *World Archaeology*, 36, 2004.

ALEXIOU, S. **A Guide to the Minoan Palaces, Knossos - Festos – Mallia**, Hierakleion (n.d.)

ALEXIOU, S. **Ancient Crete** Thames and Hudson, Londres, 1968.

ALLEGRETTE, Alvaro H. **Organização Espacial no Palácio de Mália (1700 – 1450 a. C.)**. São Paulo, Dissertação de Mestrado, 1991.

AMIN, S. “The Ancient World Systems versus the Modern Capitalist World System” em **The World System: 500 years or 5000?**, Londres, Routledge, 1993, pg. 247-296.

BAUMBACH, L. “An Examination of the Personal Names in the Knossos Tablets as evidence for the social structure of Crete in the Late Minoan II period” in **Minoan Society**, Bristol, 1983.

BENNET, John. “Knossos in Context: Comparative Perspectives on th Linear B

Administration of LM II-III Crete”, **American Journal of Archaeology**, número 94, 1990, pgs. 193 – 211.

BETANCOURT, P e MARINATOS, N. “The Minoan Villa” *in*: HAGG, Robin (ed.) **The Function of the “Minoan Villa”. Proceedings of the Eighth International symposium at the Swedish School at Athens 6-8 June 1992.** Stockholm, Paul Astrom, 1997, p. 91-98.

BETANCOURT, P. **The Cretan Collection. in the University Museum, University of Pennsylvania: Minoan Objects Excavated from Vasilike, Pseria** editora da University of Pennsylvania, 1983.

BRANIGAN, Keith “The Foundations of Palatial Crete - a survey of Crete in the Early Bronze Age”. Londres, 1970.

BRANIGAN, K. “The Economic Role of the First Palaces” in **The Function of the Minoan Palaces.** Proceedings of the 4th International Symposium at the Swedish Institute in Athens, 1984.

BRANIGAN, K. “Some Observation in State Formation in Crete” in **Problems in Greek Prehistory**, Bristol, 1988.

BRANIGAN, K. "Social Transformation and the Rise of the State in Crete". In

LAFFINEUR, R. **Politeia: Society and State in the Aegean Bronze Age.**

Aegaeum 12. Vol. 1. Universite de Liege, 1995 p. 33-40.

CADOGAN, G. **Palaces of Minoan Crete**, Barrie & Jenkins, Londres, 1976.

CALLENDER, G. **The Minoans**, Shakespeare Head Press, Sydney, 1987.

CAMERON, M.A.S. "The Palatial Thematic System in the Knossos Murals – last

notes on Knossos frescoes" *in* **The Function of the Minoan Palaces: proceedings**

of the fourth international symposium at the swedish institute in Athens.

Stockholm, 1987. Pgs. 320-328.

CASTLEDEN, Rodney. **Minoans – Life in Bronze Age**, Routledge, Londres, 1990

CHADWICK, John. **Reading the Past**. University of California Press, Los Angeles,

Estados Unidos, 1997.

CHADWICK, John KILLEN, J. T. OLIVIER, J. **The Knossos Tablets** Londres,

Cambridge University Press, 1971.

CHERRY, J. "Politics and Palaces: some problems in minoan state formation" *in* **Peer**

polity interaction and socio-political change Cambridge University Press,
Cambridge, 1986. Pgs. 19-46.

CHERRY, J. "Evolution, Revolution and the Origins of Complex Society in Minoan Crete"
in **Minoan Society**, Bristol, 1983.

CHERRY, J. "The Emergence of the State in Prehistory Crete" **Proceedings of the
Cambridge Philological Society**, V. 30, 1984, p. 18-48.

CHIRSTAKIS, Kostas S. "Pithoi and Food Storage in Neopalatial Crete: A Domestic
Perspective". *World Archaeology*, 31, 1999

COTTERELL, A. **The Minoan World**. Charles Scriber's Sons, Nova Iorque, Estados
Unidos, 1980.

COTTRELL, Leonard. **The Bull of Minos** Pan Books, Londres, 1973.

CROSSLAND, R. A. e BIRCHALL, Ann **Bronze Age Migrations in the
Aegean - archeological and linguistic problems in Greek prehistory**
Duckworth, Londres, 1973.

DAVIS, Jack L. "The Islands of the Aegean", **American Journal of Archaeology**, número
96, 1992, pgs. 699 – 756.

DICKINSON, Oliver **The Aegean Bronze Age**. Cambridge World Archaeology, Inglaterra, 1984. Pgs. 257-294.

DRIESSEN, J. e MACDONALD, C. **The Troubled Island – Minoan Crete Before and After the Santorini Eruption**. Universitté de Liège, 1997

DUSSAUD, René **Les Civilizations Préhelléniques dans le Bassin de la Mer Égée** Libraire Paul Geuthner, Paris, 1910.

EARLE, Timothy. **How Chiefs Come to Power – The Political Economy in Prehistory**. Stanford University Press, Stanford, California, 1997. Capítulos III-VI.

FAUCOUNAU, Jean “The Minoan Eruption of Thera: A Re-Examination” in <http://users.hol.gr/~ianlos/vo24.htm> **Antropos Online Journal**, dezembro de 2002

FLANNERY, Kent. “Archaeology systems theory and early Mesoamerica” in MEGGERS (ed.), **Anthropological Archaeology in the Americas**, 1968.

GIBBON, Guy. “Problems with New Archaeology” in **Explanation in Archaeology**. Basil Blackwell, 1989.

GILLIS, C. "Trade in Late Bronze Age" em GILLIS, C.; RISBERG, C. e

SJOBERG, B. **Trade and Production in premonetary Greece: aspects of trade. Proceedings of the 3rd International Workshop**, 1993. Studies in Mediterranean Archaeology and Literature. Pocket Book 134, Paul Astroms Forlag, Uppsala, 1995.

GILLS, B. K. & FRANK, A. G. "5000 Years of World System History: The cumulation of Accumulation" em **Core/Periphery Relations in Precapitalist Worlds**. Boulder, Westview Press, 1991, pg. 67-112.

GRAHAN, James W. **The Palaces of Crete**. Princeton University Press, Princeton, 1969.

HACKENS, Tony e VANSCHOONWINKEL, Jacques. **La Grèce et le Monde Égéen dela période néolithique à la fin de la période mycénienne** – Choix de documents graphiques. Université Catholique de Louvain, Louvain-La-Neuve, 1990.

HALLAGER, Erik. WEINGARTEN, Judith. "The Five Roundel from Malia". Bulletin de Correspondence Hellénique, 117, 1993.

HITCHCOCK, L. e PREZIOSI, D. "The Knossos Unexplored Mansion and the 'Villa-Annex Complex'" *in*: HAGG, Robin (ed.) **The Function of the "Minoan Villa"**. **Proceedings of the Eighth International symposium at the Swedish School at**

Athens 6-8 June 1992. Stockholm, Paul Astrom, 1997, p. 51-62.

HIGGINS, R. **The Archaeology of Minoan Crete** Bodley Head, London, 1973.

HOOD, Sinclair. **The Minoans - Crete in the Bronze Age** Thames and Hudson Ltd, Londres, 1971.

HOOD, Sinclair "The magico-religious background of the Minoan *villa*" *in*: HAGG, Robin (ed.) **The Function of the "Minoan Villa". Proceedings of the Eighth International symposium at the Swedish School at Athens 6-8 June 1992.** Stockholm, Paul Astrom, 1997, p.105-116.

HOOD, Sinclair "The country house and the minoan society". **Minoan Society**, 1983, p. 129-136.

HOOVER, James T. **The Coming of the Greeks.** Regina Books, Claremont, 1999.

HUTCHINSON, R. **Prehistoric Crete.** Penguin Books, Londres, 1968.

KNAPPETT, Carl. "Assessing a Polity in Protopalatial Crete: The Malia-Lasithi State", *American Journal of Archaeology*, 103, 1999.

LAFFINEUR, Robert. "Archéologie et Religion: Problèmes et Méthode"

LAFFINEUR, Robert e BETANCOURT, Philip "Aegaeum 16 - Craftsmen, Craftswomen and Craftsmanship in the Aegean Bronze Age - proceedings of the Sixth International Aegean Conference" Filadelfia, Temple University, 1996.

LINDGREN, Margareta. "The Function of the Minoan Palaces – Myth and Reality" in **The Function of the Minoan Palaces: proceedings of the fourth international symposium at the swedish institute in Athens**. Stockholm, 1987. Pgs. 39-42.

MACGILLIVRAY, J. A. "The Cretan Countryside in the Old Palace Period" *in*: HAGG, Robin (ed.) **The Function of the "Minoan Villa". Proceedings of the Eighth International symposium at the Swedish School at Athens 6-8 June 1992**. Stockholm, Paul Astrom, 1997, p. 21-25.

MACGILLIVRAY, J. A. **Knossos: Pottery Groups of the Old Palace Period**. British School at Athens, 1998.

MAGNESS-GARDINER, Bonnie "Community, Polity, and Temple in a Middle Bronze Age Levantini Village" in **Journal of Mediterranean Archaeology** 7.2 (1994) pgs 127-164.

MARANGO, L. **Minoan and Greek Civilization from the Mitsotakis Collection**

Goulandris Foundation, Atenas, 1992.

MOODY, Jennifer. "The Minoan Palace as a Prestige Artifact" in **The Function of the Minoan Palaces: proceedings of the fourth international symposium at the swedish institute in Athens**. Stockholm, 1987. Pgs. 235-241.

MORRIS, I. *Death-Ritual and Social Structure in Classical Antiquity* Cambridge, 1992.

MÜLLER, Sylvie, OLIVIER, Jean-Pierre. "Deux Documents Hiéroglyphiques a Malia" BCH, 115, 1991.

NIEMEIER, Wolf-Dietrich. "The Origins of the Minoan "Villa" System" *in*: HAGG, Robin (ed.) **The Function of the "Minoan Villa". Proceedings of the Eighth International symposium at the Swedish School at Athens 6-8 June 1992**. Stockholm, Paul Astrom, 1997, p. 15-19.

OLIVIER, Jean-Pierre. "Une Roundelle D'Argile D'Haghia Triada (?)", BCH, 107, 1983.

PAGE, D. L. **The Santorini Volcano and the Destruction of Minoan Crete**
The Society for the promotion of Hellenic studies, 1970.

PEATFIELD, Alan "Palace and Peak" in **The Function of the Minoan Palaces:**

proceedings of the fourth international symposium at the swedish institute in

Athens. Stockholm, 1987. Pgs. 89-93.

PENDLEBURY, J. D. S. **Arqueologia de Creta** Fondo de Cultura

Economica, Mexico, 1965.

PELON, Olivier. "Empreintes de Sceaux et Signe Incisé de Malia" BCH, 119, 1995.

PERNIER, L. **Il Palazzo Minóico de Festos - Scavi e studi della missione archeologica**

italiana a Creta dal 1900 al 1934.

PLATON, N. "The Minoan Palaces: centres of organization of a theocratic social and political system" in **Minoan Society**, p. 273-276.

POLANYI, K. "Ports of Trade in Early Societies" **The Journal of Economic History**, XXIII, 1, março, 1963: 30-45

POURSAT, Jean-Claude. "Iconographie PréHellénique: Dragons et Crocodiles". BCH, 100, 1976.

PREZIOSI, D. & HITCHCOCK, A. **Aegean Art and Architecture.** Oxford University Press, 1999.

RACHET, Guy **Archéologie de la Grèce Préhistorique - Troie, Mycènes,**

Cnossos Marabout Université, 1969.

RENFREW, Colin e BAHN, P. **Arqueología.** Teoria, Métodos y Práctica. Trad. Esp.

1993. Capítulos 5, 10 e 12.

RENFREW, Colin CHERRY, John F. **Peer polity interaction and socio-political change**

Cambridge University Press, Cambridge, 1986.

RENFREW, Colin. **The Archaeology of Cult – The Sanctuary at Phylakopi** Thames and

Hudson, Londres, 1985.

RENFREW, Colin. **The Emergence of Civilization - the Cyclades and the**

Aegean in the Third Millenium B. C. Methuen & Co, Londres, 1972.

RENFREW, Colin e outros. “What is Cognitive in Archaeology?” **Cambridge**

Archaeological Journal 3:2, 1993, pp. 247 – 270.

SÄFLUND, Gösta “Cretan and Theran Questions” *in Sanctuaries and*

Cults in the Aegean Bronze Age – proceedings of the first international

symposium at the swedish institute in Athens Stockholm, 1981. Pgs. 189-208

SCHACHERMEYR, F. “ Akrotiri – First Maritime Republic?” in **Thera and the Aegean world / International Scientific Congress**, London : Thera and the Aegean World, 1978

SEAGER, R. **Excavations on the Island of Pseira, Crete**, Wildside Press, 2000

SHAW, J. W. “Consideration of the Site of Akrotiri as a Minoan Settlement” in **Thera and the Aegean world / International Scientific Congress**, London : Thera and the Aegean World, 1978

SCHOEP, Ilse “Tablets and Territories? Reconstructing Late Minoan IB Political Geography through Undeciphered Documents”, *American Journal of Archaeology*, 103, 1999

SJOBERG, B. L. “Mycenean Economy: Theoretical Frameworks” em GILLIS, C.; RISBERG, C. e SJOBERG, B. *Trade and Production in premonetary Greece: aspects of trade*. Proceedings of the 3rd International Workshop, 1993. Studies in Mediterranean Archaeology and Literature. Pocket Book 134, Paul Astroms Forlag, Uppsala, 1995.

SOLES, Jeffrey S. "The Gournia Palace", **American Journal of Archaeology**, número 95, 1991, pgs. 17 – 78.

STUBBINGS, Frank H. **Prehistoric Greece** John Day Company, New York, 1973.

THORPE-SCHOLES, K. "Akrotiri: Genesis, Life and Death" in **Thera and the Aegean world / International Scientific Congress**, London : Thera and the Aegean World, 1978

TREUIL, René DARCQUE, Pascal e outros **Les civilisations égéennes du Néolithique et de l'Age du Bronze**. Presses Universitaires de France, Paris, 1989.

TSIPOPULOU, Metaxia "Palace Centered Polities in Eastern Crete: Neopalatial Petras and its Neighbors" in **Urbanism Antiquity**.

WALBERG, Gisela. "The Function of the Minoan Villas", in **Aegean Archaeology**, V. 1, Art and Archaeology, Warsaw, 1994, p. 49-53.

WARREN, Peter M. "Minoan Palaces" in **Scientific American** 253, 1985.

WARREN, Peter M. "Crete 3000 – 1400 BC: immigration and archaeological evidence" in

Bronze Age migration in the Aegean. Duckworth, Londres, 1973.

WARREN, P.M. "The Genesis of the Minoan Palace" in **The Function of the Minoan**

Palaces: proceedings of the fourth international symposium at the swedish

institute in Athens. Stockholm, 1987. Pgs. 47-56.

WATROUS, Vance. "Crete from Earliest Prehistory through the Protopalatial Period."

American Journal of Archaeology, número 98, 1994, pgs. 695 – 753.

WATROUS, L. Vance **Kommos III.** Princeton University Press, Nova Jérsei, Estados

Unidos, 1992.

WATSON, P.J. "El aspecto normativo de la cultura y el enfoque de la teoria de

sistemas" in **El Metodo Científico en Arqueologia**, Alianza ed., 1974.

WILLEY, G. e PHILIP, P. **Method and Theory in American Archaeology**,

University of Chicago Press, Cap. I e I

XÉNAKIS-SAKELARIOU, Agnès **Les Cachets Minoens de La Collection**

Giamalakis. Études Crétoises, X. Paris, Librairie Orientaliste Paul Geuthner, 1958.

Anexo: Os Selos Administrativos Minóicos¹⁵

Durante a Idade do Bronze (e mesmo o período Neolítico), em Creta e em quase todas as regiões civilizadas do mundo, os selos foram as principais garantias de segurança. Aquele que quisesse ter acesso aos documentos e às mercadorias seria obrigado a romper um lacre (de cera ou barro) gravado previamente por um selo – o rompimento do lacre tornava óbvio que alguém tivera acesso aos itens protegidos, e um novo lacre igual ao original só poderia ser feito por quem possuísse o selo utilizado para gravar o lacre. Dada a importância dos selos e a ligação destes com o sistema administrativo e as elites, estes acabavam por se tornar insígnias hierárquicas e itens de prestígio.

Em Creta um dos maiores problemas no estudo dos selos está relacionado à datação e ao estabelecimento de uma cronologia dos estilos dos mesmos. O uso dos selos pela civilização minóica durou mais de mil anos, e muitos estilos iconográficos e temas representados foram contemporâneos, sendo encontrados total ou parcialmente sobrepostos temporalmente a outros estilos. A cronologia tradicionalmente utilizada para a civilização minóica, criada por Evans, divide a História minóica em três grandes períodos, o Minóico Antigo, o Minóico Médio e o Minóico Tardio, cada um dos quais dividido em três sub-períodos. O problema de se aplicar essa cronologia ao estudo das representações iconográficas dos selos minóicos é que tal cronologia foi definida à partir dos estilos cerâmicos cretenses, os quais evoluíram não apenas em ritmo diferente dos estilos da arte

¹⁵ Trabalho originalmente elaborado para dissertação de mestrado do autor

glíptica em geral, mas também evoluíram de formas diferentes; dessa forma, as alterações nos estilos cerâmicos e naqueles representados nos selos não ocorreram, necessariamente, no mesmo ritmo ou nos mesmos momentos. Além desse problema, a cronologia estabelecida por Evans possui diversos problemas mesmo se aplicada aos estilos cerâmicos, uma vez que os sub-períodos criados muitas vezes refletem estilos cerâmicos regionais, e não alterações temporais.

Outra cronologia da civilização minóica, esta baseada nos períodos palaciais minóicos, também estabelece três grandes períodos, o prépalacial (aproximadamente 2.300 a 1.900 a.C.), o protopalacial (1.900 a 1.700 a.C.) e o neopalacial (1.700 a 1.450 a.C.). Para o estudo das representações iconográficas nos selos minóicos essa cronologia se mostra muito mais interessante que a estabelecida por Evans para os estilos cerâmicos, apesar de não ser precisa. A análise dos selos encontrados em diversos sítios (normalmente em contextos funerários), como os de Messara, Gournia, Krassi e Vorou, revela uma fase de grande unidade estilística entre os períodos MA II e MM I – ou seja, aproximadamente contemporânea ao período prépalacial minóico. Apesar de selos com características estilísticas e técnicas semelhantes às desse “estilo prépalacial” ainda serem presentes no período posterior (protopalacial) em alguns sítios, como Platanos, uma nova fase, a do “estilo protopalacial”, é reconhecida nos selos minóicos. A fase seguinte, contemporânea do período neopalacial, é caracterizada não por um estilo predominante, mas por quatro estilos contemporâneos. Uma última fase, posterior aos palácios de Creta, é representada pelo estilo “póspalacial”.

Os Selos Minóicos – estilos

O estilo prépalacial é marcado, sobretudo, pelos motivos decorativos geométricos, como desenhos lineares, motivos espirais, figuras geométricas, motivos “em torção” em S ou C, etc. Motivos vegetais também são bem representados, mas representações de animais, (cabras, pássaros), humanas e de vasos são muito raras, presentes principalmente em selos de formato prismático. A composição de imagens é primitiva, a grande maioria das figuras aparecem isoladas; quando não, aparecem simplesmente justapostas. O eixo das figuras é bastante rígido, sempre horizontal ou vertical. Os materiais utilizados na confecção dos selos neste período são aqueles mais maleáveis e fáceis de serem trabalhados, como o marfim e a esteatita. Os selos são trabalhados em formas bastante diversas, tanto geométricas como plásticas; alguns são criados apenas em forma de haste, por considerações puramente práticas. Dentre as formas geométricas, as mais frequentes, destacam-se os selos cilíndricos, cônicos, prismáticos e piramidais. Os selos plásticos são sobretudo feitos em marfim, representando, normalmente, animais. Em exemplares tardios, do final do período, algumas inovações em termos de composição e disposição das imagens já são perceptíveis, como o uso dos “motivos em rotação” e da disposição circular das figuras. Em alguns sítios, como nos *tholoi* de Platanos e no grande *tholos* de Hagia Triada, também são atestadas inovações no domínio das formas e dos motivos. O prisma retangular de faces redondas e salientes, o

petschaft (forma semelhante a uma semente cortada pela metade) e o paralelepípedo com dois ângulos (normalmente arredondados), são algumas das inovações tardias na forma dos selos. Os novos motivos representados incluem o da flor com pétalas em forma de raquete, as combinações de S em triângulo ou retângulo, a suástica e o motivo de C entrelaçados dentro de um círculo.

O período protopalacial testemunha uma época de transição entre os estilos prépalacial e os neopalaciais. Enquanto o estilo prépalacial ainda se faz presente em alguns sítios, como já foi dito, também podem ser atestadas muitas inovações. A evolução da capacidade técnica dos artesãos minóicos possibilitou o trabalho com materiais mais resistentes e de melhor qualidade, como a calcedônia, o que permitiu uma grande evolução, tanto em termos de qualidade como de aumento de variedade, na concepção das formas dos selos. Os selos plásticos se tornaram mais elegantes e muito mais frequentes. As formas se tornaram mais simples e padronizadas, com o prisma e o *petschaft* tornando-se mais populares e com a aparição do disco – muitas vezes de forma lenticular - e do “cilindro achatado”. Os motivos decorativos persistem, principalmente os espirais e os lineares (dentre os motivos lineares do período, destaca-se o da “fachada arquitetônica”). Entretanto, os motivos figurativos inspirados na natureza (figuras humanas, animais em geral, plantas, além dos hieróglifos) se tornam mais frequentes que os puramente decorativos. Com o aumento da importância dada às representações figurativas, há um desenvolvimento das representações em direção a um certo naturalismo; as figuras deixam de ser representadas como simples silhuetas. Detalhes, como as orelhas e os olhos, passam a ser perfeitamente representados, e a musculatura e veias começam a ser representadas, ainda que normalmente sejam apenas sugeridas. A

paisagem também já começa a ser evocada, com a presença de vegetação e a indicação do solo nas figuras. A composição das figuras no espaço torna-se muito mais complexa, apresentando atitudes muito mais animadas, quase narrativas.

Durante o período prépalacial encontramos quatro estilos contemporâneos nos selos minóicos, o “naturalista”, o “decorativo palacial”, o “esquemático” e o “talismânico”. Há uma enorme intensificação na produção e uso dos selos por diversas razões, como afirmação de posição através do uso dos selos como item de prestígio, aumento do comércio e relações de troca em geral e a intensificação de todas as atividades econômicas (o aumento da produção dos ateliês, por exemplo, provocou um aumento na demanda por selos). Os materiais utilizados para a manufatura dos selos continuam sendo as pedras de maior dureza e qualidade, como a calcedônia, além de pedras semipreciosas. Continua a tendência a uma maior simplificação e padronização das formas dos selos – a variedade de formas diminui, com o selo lenticular, o amigdalóide, o cilindro achatado e o prisma triangular de faces redondas constituindo o padrão.

O estilo naturalista é o herdeiro mais claro dos desenvolvimentos realizados no período protopalacial. Há uma grande preocupação em exprimir a vida e os detalhes anatômicos, incluindo a musculatura. O eixo das figuras deixa de ser tão rígido como nos períodos anteriores, podendo não ser precisamente vertical ou horizontal. O estilo decorativo palacial, por outro lado, é marcado por uma grande tendência à estilização. Não há preocupação com detalhes anatômicos como a musculatura, ou com a precisão de proporções. Os detalhes, tanto de paisagem como anatômicos, tendem a ser representados como elementos decorativos, como círculos, pontos e linhas. Ao contrário do que vemos no estilo naturalista, há uma maior rigidez na posição e nas atitudes das

figuras representadas, o que é refletido numa maior rigidez dos eixos, maior mesmo se comparada ao estilo protopalacial. A busca pela simetria e a rigidez axial se traduzem numa menor liberdade na composição das figuras. O estilo esquemático é normalmente encontrado em peças pobres de esteatita e outras pedras pouco resistentes. O trabalho é extremamente estilizado, mas, ao contrário do estilo decorativo palacial, as representações normalmente são grosseiras e sumárias. O estilo talismânico difere dos demais em diversos aspectos; não apenas os temas e as convenções estilísticas das representações são próprias a ao estilo, mas também a forma dos selos e o uso dado aos mesmos. Estes selos eram produzidos em série para serem usados como amuletos, o que explica o repertório de temas bastante diverso daquele dos outros estilos contemporâneos. As representações mais características são as de vasos, águias em vôo e peixes. Há um grande emprego de motivos decorativos, como pontos, cruces e círculos no desenho das figuras.

O estilo pósopalacial é marcado por uma perda da capacidade técnica e criativa da arte glíptica em geral. As representações nos selos se tornam bastante rudimentares, com uma preferência por figuras isoladas, representadas em um estilo semelhante ao esquemático, e um reaparecimento dos motivos lineares. A esteatita volta a ser a matéria prima básica na produção dos selos.

Alguns Temas da Arte Figurativa nos Selos Minóicos

O “motivo dos semi fusos”: O motivo de dois ou, mais raramente, quatro semi fusos associados é bastante frequente no período neopalacial. Muitas vezes associados a crescentes, figuras quadriláteras, plantas e, num caso único, a um vaso de libação, os semi fusos são estilizados ao extremo, o que dificulta sua interpretação. Várias interpretações já foram criadas para explicar o que representariam os semi fusos: a maioria dos autores interpreta os semi fusos como estilização levada ao extremo de alguma figura do mundo natural, talvez de peixes ou escorpiões, ou mesmo de plantas aquáticas. Entretanto, já foi sugerido que os semi fusos seriam, na realidade, um motivo decorativo – como as espirais e os motivos lineares – e não uma representação esquematizada de um elemento do mundo natural. Também foi proposto que este seja um motivo talismânico. Existem três variações básicas sobre o tema: a de dois semi fusos ornados de crescentes; a de dois semi fusos postos em posição invertida – “cabeça” contra “cauda” (a primeira identificada por um pequeno círculo); e a de dois pares de semi fusos, cada par em posição invertida, como a variação anterior. A variação do par em posição invertida (assim como a representação de dois pares de semi fusos) é normalmente interpretada como a representação esquematizada de um par de peixes, motivo usual em selos talismânicos. É possível, afinal, que mesmo os semi fusos ornados com crescentes também representem peixes, mas dada a total esquematização desse motivo qualquer interpretação é prematura.

“Vasos de libação”: Os selos com representação de vasos de libação do tipo cântara ou jarro foram interpretados por Evans como amuletos destinados a exercer uma influência mágica sobre a vegetação. Também predominantemente do período neopalacial, as representações desse vasos são normalmente acompanhadas de certos objetos, como cornos de consagração, ramos e símbolos para terra; algumas vezes são representados triângulos acima dos vasos. A presença dos cornos de consagração indicam o caráter sagrado da cena representada, enquanto que os ramos provavelmente são presentes devido à relação da libação a ritos de fertilidade. Alguns autores consideram que os cornos de consagração na realidade seriam a representação de uma fase do desenvolvimento do símbolo de terra, mas o símbolo para terra e os cornos de consagração podem aparecer na mesma cena, o que provavelmente desqualifica essa interpretação. A presença da terra, sob a forma de símbolo, provavelmente é explicável da mesma forma que a presença dos ramos, ou seja, como um elemento relacionado a ritos de fertilidade. A imagem do cântaro associada aos cornos de consagração pode estar relacionada a um sinal da escrita Linear B. Para se ter uma idéia do uso dos vasos de libação, é útil a análise das representações em outros suportes, como as cenas litúrgicas em gemas. Os jarros muitas vezes aparecem associados aos gênios, que parecem estar a realizar importantes ritos de libação nas cenas, mas o cântaro não aparece representado em nenhum outro suporte. Existe uma representação única (provavelmente de inspiração oriental), numa impressão encontrada no palácio de Cnossos, de uma mulher a verter um líquido de um jarro em uma grande ânfora bastante semelhante aos cântaros representados nos selos: ambos possuem duas alças, são utilizados (provavelmente, no caso dos cântaros) para receber o líquido da libação, são associados a plantas, etc. O problema dos cântaros, entretanto, persiste, uma vez que não

se conhecem protótipos reais desses vasos. Uma explicação possível para não termos ainda encontrado tais vasos representados nos selos é que os protótipos fossem de metal e tenham se perdido para o registro arqueológico. Por outro lado, os selos talismânicos, nos quais as representações de vasos de libação são encontradas, foram gravados num estilo bastante estilizado, talvez não representando um objeto real.

“Barcos”. Existem três classes de barcos representados em selos minóicos. Uma das mais frequentes é a dos “barcos egípcios”, caracterizados pela vela retangular, mais larga que alta e pela grande elevação tanto da proa quanto da popa. Essas figuras são bastante semelhantes às representações navais egípcias, ainda que o estilo não seja idêntico – afinal, a glíptica sempre força a uma simplificação das cenas. Não se sabe se esses modelos eram inspirados pela arte egípcia, pelos próprios barcos egípcios ou mesmo por barcos minóicos construídos com técnicas egípcias.

“Figuras apotropaicas”. As figuras apotropaicas minóicas se dividem em dois grupos. O primeiro grupo é o das górgonas, faces quase humanas com aspectos monstruosos. Característico dessas figuras são os grandes olhos arredondados, dentes aparentes, cabelos eriçados e grandes orelhas. Elementos decorativos, como espirais, serpentes ou cornos são frequentes – as espirais muitas vezes são criadas a partir do cabelo das figuras. As figuras mais tardias, do final do período neopalacial, não apresentam tantos sinais monstruosos, com características muito mais humanas. Essas figuras grotescas provavelmente tinham uma função apotropaica, marcada principalmente pelos grandes olhos. Outro grupo de figuras é o das “máscaras de leão”, novamente apresentando faces monstruosas. Os traços são muito estilizados, geralmente

criados a partir de alguns poucos traços lineares, e os olhos são representados por dois círculos com ponto central. O próprio contorno da peça marca o contorno da figura.

“O Mestre dos Animais”. Esta é a representação de uma figura masculina, desarmada, que domina, apenas com sua presença, animais selvagens ou mitológicos. A atitude do Mestre dos Animais varia muito pouco na iconografia minóica; geralmente é representado em pé, em posição heráldica. Dois animais, normalmente leões ou grifos, são representados, um de cada lado da figura central. Em representações micênicas o Mestre dos Animais pode estar engajado em combate (desarmado) contra os animais, dominando-os com a força física. Representações muito semelhantes, mas com uma figura feminina ao invés de masculina, são muito mais frequentes e variadas que aquelas do Mestre dos Animais. Nestas representações femininas, a figura central das cenas é representada numa gama de atitudes mais variada, e as cenas evocam paisagens sagradas, como Santuários de Pico. Alguns autores sugerem que o Mestre dos Animais seja um tema simplesmente iconográfico, sem real importância religiosa. Existem muitos paralelos orientais com o tema do Mestre dos Animais. Ele é encontrado em cilindros présargônicos, na iconografia mitaniana e neoassíria. Não existe, entretanto, claras indicações de que esse tema tenha sido importado do oriente pelos minóicos, uma vez que as representações orientais ou são muito anteriores às minóicas, como as présargônicas, ou posteriores, como as mitanianas e neoassírias.

“Acrobacia de Touros”. Os documentos representando corridas de touros podem ser divididos em três grupos. No primeiro grupo, o touro corre a galope, enquanto um homem salta por cima do mesmo, em sentido inverso. Algumas vezes estão presentes os companheiros de jogo (?) do homem, o que o impulsiona e o que irá recebê-lo quando

completar o salto. Um segundo grupo retrata uma fase anterior do mesmo exercício, quando o acrobata está a buscar impulso para saltar, se apoiando no chifres do animal. No terceiro grupo, um homem parece tentar derrubar ou dominar um touro segurando seus chifres, mas provavelmente não se trata de uma cena de captura ou qualquer forma de confrontação física direta entre o homem e o animal; provavelmente trata-se da representação de algum momento inicial do jogo representado nos outros grupos. A maioria dos documentos, principalmente aqueles do primeiro grupo, são do período neopalacial, de estilo naturalista. As representações do segundo grupo são um pouco mais tardias que as do primeiro, geralmente do final do período neopalacial ou, ainda, do período pós-palacial. Em algumas cenas da Acrobacia de Touros, alguns símbolos de culto estão presentes, o que fornece maior força à idéia de que tais jogos possuíssem um caráter sagrado.

Formas

As formas plásticas do estilo prépalacial são preferencialmente de marfim, existindo também algumas em esteatita. Dentre as formas plásticas desse período temos a forma de “pata de boi”, um único exemplar de um ídolo feminino sem cabeça, o “macaco sentado”, a de “duas serpentes dispostas cauda contra cabeça”, e a da “serpente enrolada”. No período protopalacial há a introdução da forma do “leão alongado”, dos escaravelhos (inspirados nos seus equivalentes egípcios), do “escudo em oito”, do “hieróglifo de duas montanhas”, de cântaro, em cruz, e de osso.

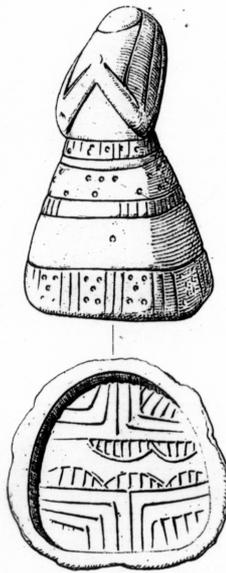
Muitas das formas geométricas parecem remontar às representações geométricas entalhadas durante o período prépalacial, o que talvez seja explicável dada a grande irregularidade das formas geométricas dos selos. Na maioria dos casos, por exemplo, cilindros tem formas irregulares, os piramidais são muito alongados ou muito achatados, etc. Além dos cilindros e pirâmides temos também selos cônicos, cônicos “em torção”, selos em quarto de esfera, discos, hemisférios e os prismas. Muitas dessas formas, como a prismática, provavelmente são de inspiração oriental.

Os selos em haste com anel de suspensão são uma das formas mais antigas existentes. Provavelmente por ser bastante óbvia e prática, sempre aparece como a primeira forma a ser utilizada na confecção de selos. Seus exemplares mais antigos datam já do período halafense (sexto e quinto milênios), e, em Creta, do final do terceiro

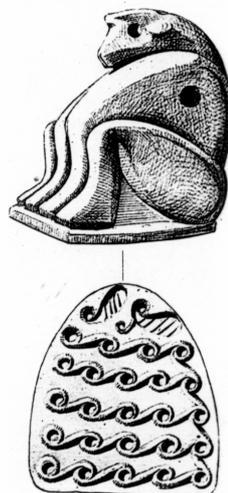
milênio. Os selos em haste apresentam uma enorme gama de variações; alguns são ovais, outros são anelados, outros são cilíndricos. Também existem combinações de formas geométricas com haste – alguns selos cilíndricos, por exemplo, terminam numa haste, onde é encontrado um anel para suspensão - todos esses selos possuem um anel para suspensão no topo. O *petschaft*, de origem sírio-hitita, é o exemplo mais evoluído deste tipo de selo em Creta.

Catálogo

Estilo Prépalacial:

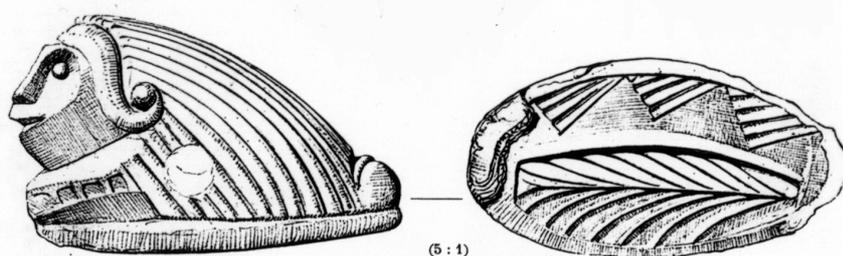


1. Esteatita. Selo plástico representando mulher acéfala. Os braços estão cruzados

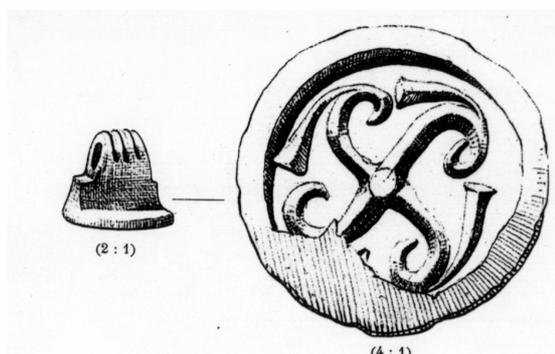


sobre o peito. A superfície é gravada na forma de uma fechadura. Haste 42 mm, base 22 X 24 mm. Decoração linear estriada. (Xénakis-Sakelariou 1958: pl. I).

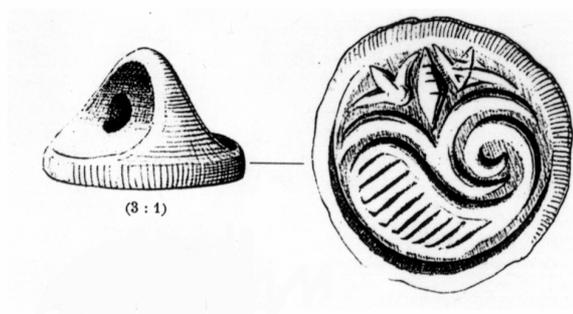
2. Marfim. Selo representando um macaco agachado. Superfície gravada na forma de uma fechadura. Haste 32 mm, base 23 X 28 mm. A superfície é gravada com espirais encadeadas, formando cinco séries paralelas e duas folhas em raquete. (Xénakis-Sakelariou 1958: pl. I).



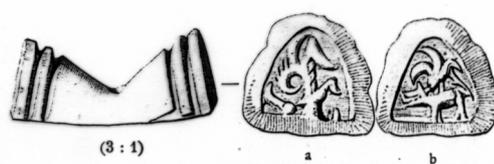
3. Marfim. Selo em forma de leão alongado. Haste 10 mm, base 15 X 9 mm. Decorado com folhas cobertas de nervuras e triângulos estriados. (Xénakis-Sakelariou 1958: pl. I).



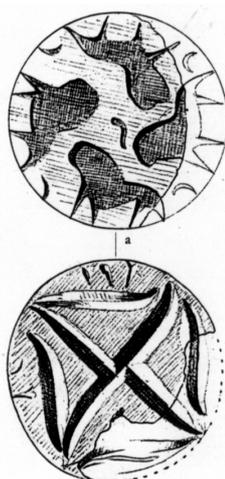
4. Esteatita. Selo com anel de suspensão. Haste 10 mm, base 14 mm. Motivo formado por dois S dispostos em cruz. Mália. (Xénakis-Sakelariou 1958: pl. II).



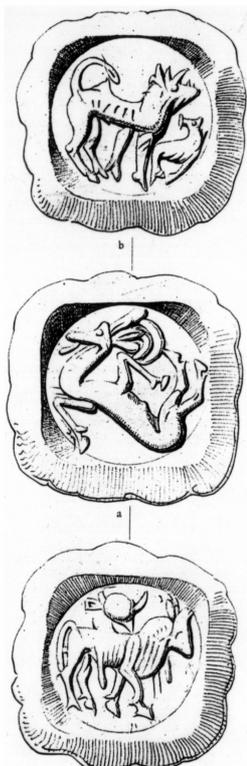
5. Esteatita. Selo em forma de botão. Haste 10 mm, base 16 mm. Motivo vegetal: folha em raquete, com o pecíolo desenhando uma espiral, e combinada a um lírio. (Repertório do estilo de Kamares). (Xénakis-Sakelariou 1958: pl. II).



6. Marfim. Selo na forma do sinal hieroglífico “das duas montanhas”. Superfícies gravadas apresentam formato triangular. A face A representa o motivo da “hera sagrada”. Face B representa quadrúpede atacado por pássaro. Temas conhecidos a partir de entalhes dos palácios neopalaciais. Lassithi. (Xénakis-Sakelariou 1958: pl. I).

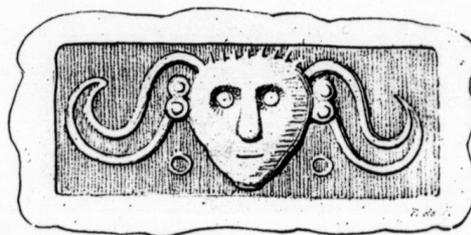


7. Marfim. Cilindro irregular, bastante gasto. Haste 29 mm, bases A) 24 mm, B) 29mm. A face A mostra quatro leões em movimento, dispostos em círculo e estriados. Face B apresenta uma suástica. Phaistos. (Xénakis-Sakelariou 1958: pl. II).

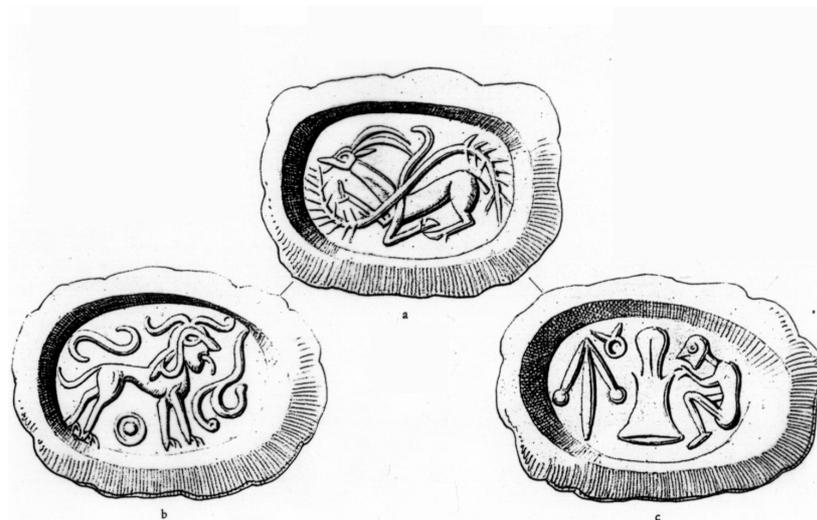


8. Esteatita. Prisma triangular com faces redondas, 11 X 10 mm. A) cabra selvagem em posição insólita: as patas dianteiras e a cabeça estão invertidas em relação ao tronco do animal. B) Cadela de perfil à direita, com seu filhote diante dela. C) Quadrúpede de perfil à direita. Acima, cabeça de animal de perfil. Mália. (Xénakis-Sakelariou 1958: pl. II).

Estilo Protopalacial:



9. Calcedônia. Face B de prisma quadrangular. 17 X 7 mm. Máscara de górgone. Face triangular, com olhos redondos, nariz triangular, cabelos eriçados. Duas linhas saem da cabeça da górgone e retornam, formando duas pequenas espirais em cada lado da figura. Mália. (Xénakis-Sakelariou 1958: pl. IV).



10. Calcedônia. Prisma triangular de faces ovais. 14 X 11 mm. A) Cabra selvagem galopa para a esquerda. Uma linha em S forma um X com o corpo do animal. B) Criatura fantástica, provavelmente esfinge, com corpo de leão e cabeça humana. A língua pende da boca e uma longa cabeleira orna a cabeça da criatura. Duas espirais partem do topo da figura. Uma circunferência com ponto central, um motivo em S são representados. C) Sinais hieroglíficos. Sitéia. (Xénakis-Sakelariou 1958: pl. IV).



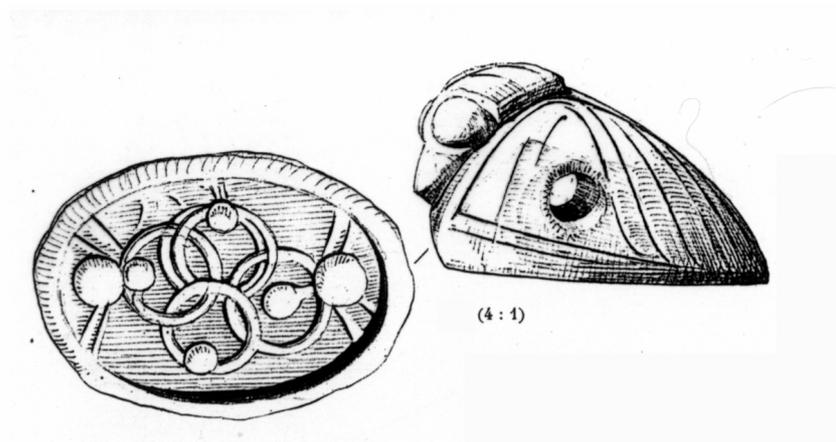
11. Esteatita. Disco, 14 mm. A) Cinco círculos duplos com ponto central se encadeiam uns com os outros. B) Dois círculos semelhantes aos da face A. (Xénakis-Sakelariou 1958: pl. XX).



12. Calcedônia. Selo lenticular, 12 mm. A) Peixe e duas plantas. B) Estrela com quatro pontas, com cabras ornando os espaços entre cada uma delas. (Xénakis-Sakelariou 1958: pl. XX).

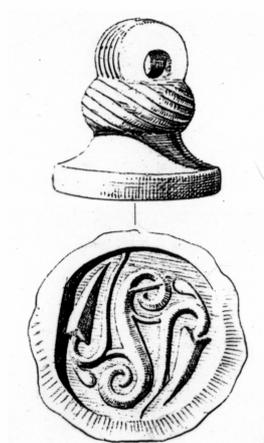


13. Calcedônia. Cilindro achatado, 20 X 16 mm. A) Sobre uma linha servindo de base, carneiro montês com perfil à esquerda. Ao redor do animal, rochas triangulares

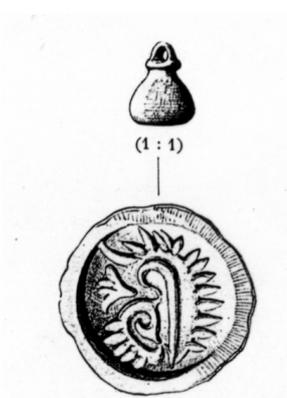


suspensas. Sobre a linha vertical, pequenas estrias verticais. B) Três ramos muitos estilizados, dispostos simetricamente. Mália. (Xénakis-Sakelariou 1958: pl. XX).

14. Calcedônia. Selo plástico em forma de pássaro. Superfície gravada com formato oval. Haste 10 mm, base 17 X 11 mm. Quatro círculos dispostos em cruz. Pequenas figuras compostas por dois botões esféricos, diferentes e tangentes, estão gravadas sobre os círculos da esquerda e da direita. (Xénakis-Sakelariou 1958: pl. V).



15. Calcedônia. *Petschaft*. Haste 13 mm, base 12 mm. Motivo em S. A partir de cada uma das espirais está uma haste curva portando, à sua extremidade, uma folha lanceolada e uma gota pendente. Cnossos. (Xénakis-Sakelariou 1958: pl. V).



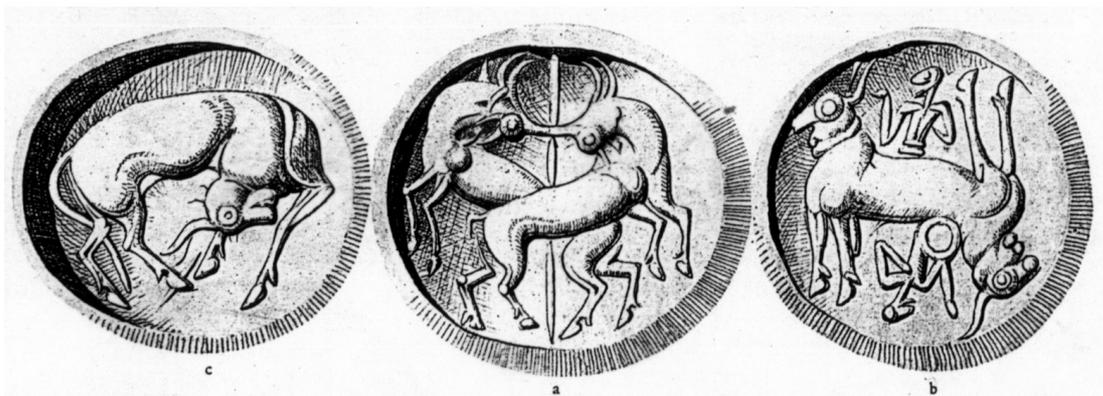
16. Esteatita. Selo em forma de pêra. Haste 22 mm, base 15 mm. Três sinais hieroglíficos adaptados a uma superfície circular. (Xénakis-Sakelariou 1958: pl. IV).



17. Calcedônia. Elipsoidal, 16 X 12 mm. Gazela deitada no pico de uma rocha, de perfil à esquerda, com a cabeça voltada para trás. Utilização discreta de pontos para sugerir a articulação das patas e os rochedos. Mália. (Xénakis-Sakelariou 1958: pl. VI).

Estilos Neopalaciais:

Estilo Naturalista



18. Calcedônia. Prisma triangular de faces redondas, diâmetro das faces de 19mm. A) Grupo de dois touros, os corpos entrecruzados. As cabeças estão próximas, com os chifres a se tocarem. Um bastão constitui o cabo de um machado duplo vagamente formado pelos chifres dos touros. B) Composição insólita, semelhante a de figuras de cartas de baralho. Um touro com perfil à direita é conduzido por um homem - a cena é repetida, com um tronco de touro valendo para as duas figuras, só que invertida; um dos conjuntos da figura está virado para baixo. C) Touro em perfil à direita, com o corpo em “torção”. Vasilika Anogeia (Messara). (Xénakis-Sakelariou 1958: pl. VII).

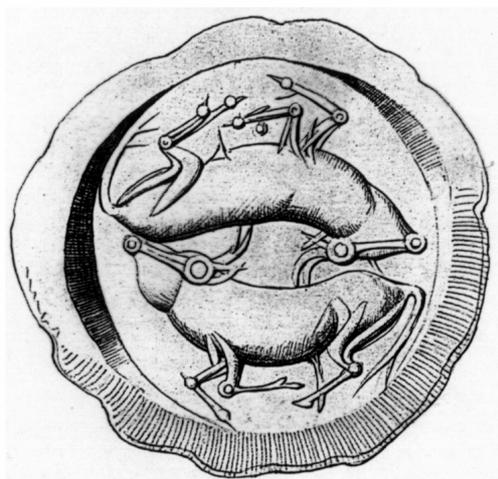


19. Esteatita. Lenticular, 15 X 13 mm. Bovídeo deitado à esquerda, em semi círculo. Tema da “Besta Ferida”. O animal leva uma das patas traseiras ao corpo para arrancar o objeto que o feriu. (Xénakis-Sakelariou 1958: pl. VI).

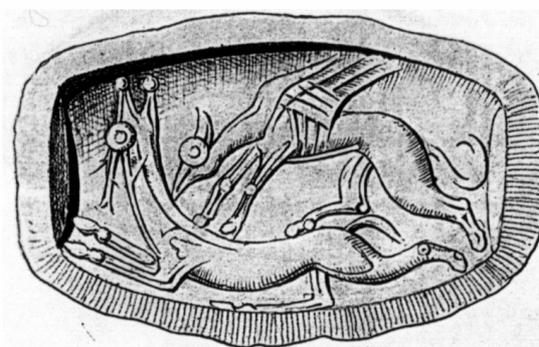


20. Esteatita. Lenticular, 18 mm. Duas aves aquáticas, de perfil à esquerda e com as cabeças aproximadas. Uma linha ondulada indica a água. (Xénakis-Sakelariou 1958: pl. VI).

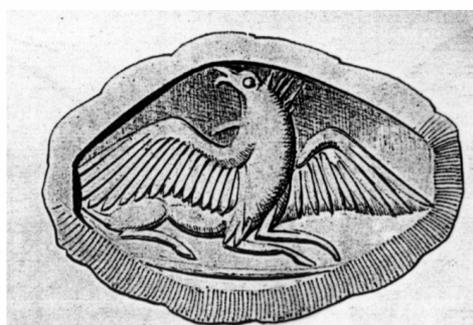
Estilo Decorativo Palacial



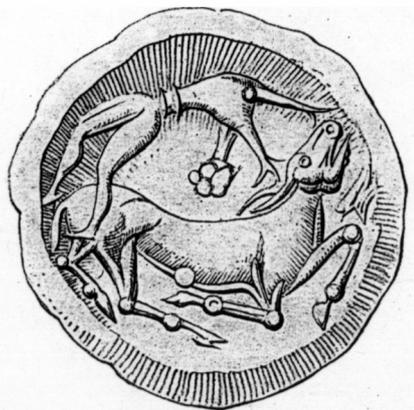
21. Calcedônia. Lenticular, 25 mm. Dois touros em posição “cabeça contra cauda”. Os dois animais são absolutamente idênticos. Emprego discreto das convenções: círculos com ponto central para os olhos, pontos para as articulações. (Xénakis-Sakelariou 1958: pl. XI).



22. Calcedônia. Amigdalóide, as duas extremidades cortadas. $19 \frac{1}{2} \times 13 \frac{1}{2}$ mm. Grifo atacando uma gazela; o animal está em galope à esquerda, com a cabeça voltada. O grifo salta por trás da presa e a ataca na base do pescoço. Trabalho bastante estilizado; o olho é representado por grandes círculos com ponto central e as articulações por pontos. (Xénakis-Sakelariou 1958: pl. IX).



23. Calcedônia. Amigdalóide, 25 X 15 mm. Grifo deitado sobre uma linha que serve de base. Corpo com perfil à direita, longo pescoço. Sobre a cabeça, virada à esquerda, um topete de penas. A asa da direita menor que a da esquerda produz um efeito, talvez involuntário, de perspectiva. Traços bastante estilizados e harmoniosos. Lassithi. (Xénakis-Sakelariou 1958: pl. IX).

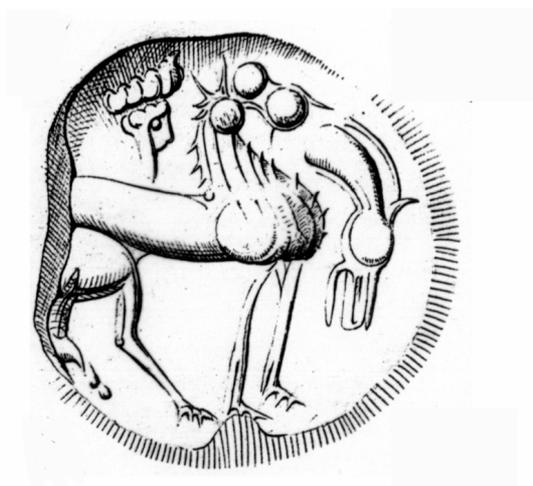


24. Calcedônia. Lenticular, 22 mm. Cena de “Acrobacia de Touros”, no momento em que o acrobata, largando os cornos do animal, está pulando sobre o touro. O corpo do homem é alongado, formando um semi círculo, seus pés quase tocando o touro, cujo corpo também chega a formar um semi círculo, em posição inversa. Cena altamente esquematizada, as articulações são completamente reduzidas a pontos. Cnossos. (Xénakis-Sakelariou 1958: pl. XI).

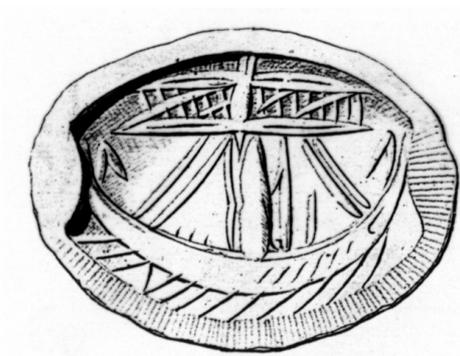


25. Meteorito. Lenticular, 17 mm. Minotauro, com corpo humano e busto e cabeça de touro. A figura corre para a esquerda, mas a cabeça de touro se volta para trás de forma irreal devido à falta de espaço. Uma estrela é representada à direita do minotauro. Phaistos. (Xénakis-Sakelariou 1958: pl. IX).

Estilo Esquemático



26. Esteatita. Lenticular, muito gasto, 19 mm. Leão de perfil à direita. Um pescoço alongado se dirige para baixo, terminando numa cabeça semelhante a de um pato, mas com chifres. Não fica claro se este pescoço sai do leão ou detrás do mesmo. A figura pode, portanto, representar uma besta bicéfala ou um leão com um animal, talvez uma cabra selvagem, ao lado. Num segundo plano há o busto de um homem em perfil à direita, com um objeto desconhecido na cabeça. (Xénakis-Sakelariou 1958: pl. XII).



27. Calcedônia. Amigdalóide, mutilado nas duas extremidades, 13 X 12 mm. Motivo do barco egípcio. A proa e a popa são elevadas. Um único mastro central sustenta uma vela retangular. A partir do mastro são representados motivos lineares. Lassithi. (Xénakis-Sakelariou 1958: pl. XIII).



28. Pedra vermelha e negra. Lenticular, 15 mm. Grupo heráldico: Mestre dos Animais e dois leões. O personagem leva as mãos ao peito. Cnossos. (Xénakis-Sakelariou 1958: pl. XII).



29. Esteatita. Lenticular, 13 mm. Cena com mulher e estrela. Mulher com vestido longo está virada para o astro, que se encontra à direita, na altura da cintura da figura. A mulher leva a mão à testa em sinal de adoração. Não se sabe se os objetos celeste constituíram elemento de adoração no mundo minóico, mas a associação frequente de estrelas a minotauros (ver fig. 25) e touros pode reforçar esse conceito. Cnossos. (Xénakis-Sakelariou 1958: pl. XII).

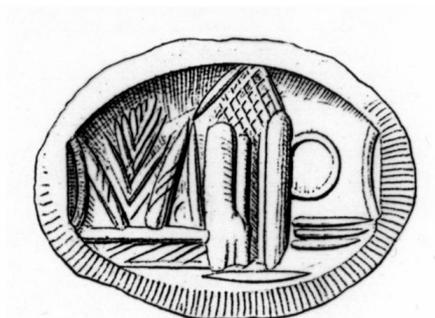


30. Esteatita. “Cilindro achatado”, 12 X 19 mm. “Mulher Pássaro”, usando vestido longo solto.. Cabeça de pássaro virada para a direita. As asas, com as pontas viradas para trás, formam um ângulo reto. Uma representação típica de uma mulher com vestido longo minóica, mas com a parte superior do corpo de um pássaro. O tema da Mulher Pássaro é muito frequente, sempre representado de forma semelhante, com pouca variação na figura da desta criatura fantástica. Palácio de Cnossos. (Xénakis-Sakelariou 1958: pl. XIII).

Estilo Talismânico

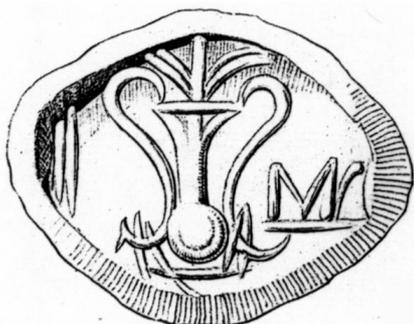


31. Calcedônia. Lenticular, 13 mm. Par de cornos de consagração e um lírio. O contorno dos cornos contem estrias oblíquas. Sob os cornos está presente uma faixa quadriculada. O motivo dos cornos com o lírio está presente em diversas representações minóicas, provavelmente possuindo caráter sagrado. Cnossos. (Xénakis-Sakelariou 1958: pl. XIV).

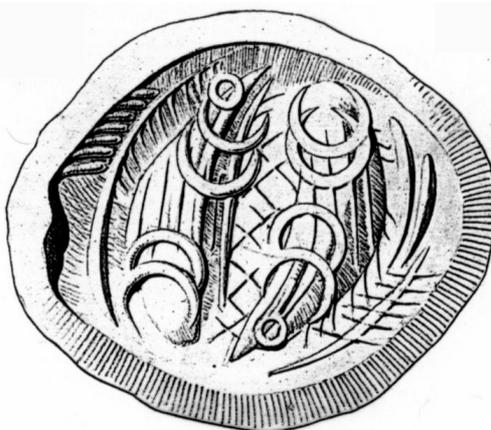


32. Calcedônia. Amigdalóide, 21 X 15 mm. Figura geralmente classificada como “pequeno santuário rústico” associada a um par de cornos de consagração. O “santuário” é composto por duas colunas sob um triângulo quadriculado. Os cornos repousam sobre uma

base ornada por estrias oblíquas. A esquerda há uma planta estilizada, e a direita motivos lineares. (Xénakis-Sakelariou 1958: pl. XIV).



33. Calcedônia. Amigdalóide, 21 X 16 mm. Motivo dos Vasos de Libação. Vaso do tipo cântaro pousa sobre cornos de consagração. Sobre o vaso, uma planta estilizada; à direita possivelmente um sinal de terra, e à esquerda três linhas paralelas. Mália. (Xénakis-Sakelariou 1958: pl. XIV).



34. Calcedônia. Amigdalóide, 17 X 14 mm. Motivo dos Semi Fusos. Dois semi fusos, dispostos em posição invertida, “cabeça contra cauda”. Entre os semi fusos há uma decoração em quadriculada. Cada semi fuso é ornado por quatro crescentes. Todos apresentam um pequeno círculo na extremidade pontuda. Sitéia. (Xénakis-Sakelariou 1958: pl. XIV).

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)